

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

A IMPLEMENTAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM BROTAS – SP:
EUFORIA E DECLÍNIO

SELMA APARECIDA CURY AGNELLI

Dissertação apresentada ao Centro
Universitário de Araraquara, como parte
das exigências para obtenção do título de
Mestre em Desenvolvimento Regional e
Meio Ambiente

ARARAQUARA – SP
2006

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

A IMPLEMENTAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM BROTAS – SP:
EUFORIA E DECLÍNIO

Aluna: Selma Aparecida Cury Agnelli

Orientador: Prof. Dr. Oriowaldo Queda

Dissertação apresentada ao Centro
Universitário de Araraquara, como parte
das exigências para obtenção do título de
Mestre em Desenvolvimento Regional e
Meio Ambiente

ARARAQUARA – SP
2006

FICHA CATALOGRÁFICA

- (1) Autor – Agnelli, Selma A. Cury
- (2) A implementação da atividade turística em Brotas- SP: (3) euforia e declínio (4) Selma A. Cury Agnelli.(5) Araraquara,(6) 2006.
- (7) Dissertação de Mestrado – UNIARA – Centro Universitário de Araraquara
- (8) Área de concentração: Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade
- (9) Orientador: Queda, Oriowaldo.
- (10) 1. Brotas. 2. Ecoturismo. 3. Ciclo de vida do produto.

BANCA DE DEFESA

Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado de Queiroz
ESALQ/USP

Profa. Dra.Solange Terezinha Lima Guimarães
UNESP

Dr. Oriowaldo Queda
UNIARA

“Ensinai também, a vossos filhos, aquilo que ensinamos aos nossos: que a terra é nossa mãe. Dizei a eles, que a respeitem, pois tudo que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra... ao menos sabemos isso: a terra não é do homem; o homem pertence à terra. Todas as coisas são dependentes”.

Carta do chefe índio Seattle ao Presidente dos EEUU (Franklin Pierce) em 1854.

Aos meus dois amores, maior presente de Deus para minha vida, Ana Helena e Ana Paula.

Compartilho com meu amado esposo, Paulo Fernando Agnelli, as alegrias de uma vida de amor, amizade, apoio e compreensão.

Aos meus amados pais, Fuad Cury e Maria Luiza M. Cury, ao meu irmão Fuad Samir e cunhada Anamélia expresso meus sinceros agradecimentos pelo incentivo, confiança e apoio em todos os momentos.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é o resultado da Fidelidade, Misericórdia e Provisão de Deus para com a minha vida. Diante disso, posso dizer: “Até aqui o Senhor tem me ajudado. A Ele toda honra, glória e louvor”. Agradeço este trabalho a Esse Deus que tudo pode e tudo vê, como ato de louvor e adoração.

Meus agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. Oriowaldo Queda, nesta jornada de conhecimentos, compartilhando suas idéias e reflexões, possibilitando o aperfeiçoamento de minha pesquisa. Orientador atento e paciente, me mostrou os caminhos para a busca do conhecimento.

Aos amigos especiais de mestrado, pela troca de conhecimentos: Alcir Antonio Kuranga, Alessandro S. de Oliveira, Alexandre Marucci Bastos, Antonio Silvestre Leite, Cátia Miciane Caíres Haddad, Eliene Cristina Barros Ribeiro, Falbert Mauricio de Sena, Juliana Munaretti de Oliveira, Juliana Sakoda T. Chinalia, Lee Yun Feng, Leonice Aparecida da Silva, Manoel Luiz Neto, Núbia Alves de Carvalho Ferreira, Paulo Sérgio Rosalin Moreno, Rodrigo Furgieri Manchini.

À Ivani e Adriana, secretárias do Curso de mestrado, pessoas especiais, sempre muito competentes e atenciosas, agradeço pelo grande apoio.

À banca examinadora pela gentileza de participarem desta etapa, nessa pesquisa.

Gostaria de agradecer as contribuições da Prof. Dra. Solange T. Guimarães e ao “Ju” da Mata’dentro Eco Parque.

A amiga Cristiana Posati pela força nessa fase da minha vida.

A todos vocês, meu muito obrigado!

SUMÁRIO

Lista de Siglas.....	i
Lista de Tabelas.....	ii
Lista de Figuras.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
1. Introdução	01
1.1. Justificativa	05
1.2. Problematização.....	07
1.3 Hipótese	07
1.4 Objetivos.....	07
1.4.1 Objetivo Geral.....	07
1.4.2. Objetivos Específicos.....	08
2 Desenvolvimento.....	09
2.1. Desenvolvimento Sustentável e Turismo.....	09
2.1.1. Turismo sustentável.....	13
2.2. Ecoturismo.....	18
2.3 Turismo de Aventura.....	28
3. Ciclo de vida das destinações turísticas.....	30
4. Material e Método.....	40
4.1. Revisão Bibliográfica.....	40
4.2. Pesquisas Semi-estruturadas.....	41
4.2.1. Delimitação do universo.....	41
4.2.2. A amostra.....	41
4.3. Levantamento fotográfico.....	43
5. Cenário da pesquisa.....	44
5.1. Origem do Nome.....	44
5.2. Localização	54
5.3. Acesso.....	45
5.4. Aspectos Fisiográficos.....	46
5.4.1 Geologia Regional.....	46

5.4.2. Geomorfologia.....	47
5.4.3. Climatologia.....	49
5.4.4. Vegetação.....	49
5.4.5. Recursos hídricos	51
5.5. Perfil do Turista.....	55
6. Análise dos Resultados.....	57
6.1. Origem e Evolução da Atividade Turística em Brotas.....	57
6.1.1. Fase da Exploração.....	72
6.1.2. Fase do Envolvimento.....	76
6.1.3. Fase do Desenvolvimento.....	79
6.1.4. Fase da Consolidação	95
6.1.5. Fase do Declínio.....	101
6.2. O ideal do Ecoturismo e o Ecoturismo em Brotas SP.....	109
7. Considerações Finais.....	112
8. Bibliografia.....	117

LISTA DE SIGLAS

CONDEMA – Conselho de Defesa do Meio ambiente, instituição do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), sistema esse coordenado pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), e integrado aos demais conselhos equivalentes nos estados (CONSEMA-SP) e municípios.

ONG – Organização Não-Governamental

CEPAM – Centro de Estudos e Pesquisas Ambientais - Fundação Prefeito Faria Lima, integrado à Secretaria de Economia e Planejamento Governo do Estado de São Paulo.

COMTUR – Conselho Municipal de Turismo (Brotas – SP)

CVP – Ciclo de Vida do Produto

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

ECA – Escola de Comunicações e Artes

IH – Instituto de Hospitalidade

OMT – Organização Mundial de Turismo

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

UCs – Unidade de Conservação

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Componentes do desenvolvimento sustentável.....	11
TABELA 2. Princípios do turismo sustentável.....	16
TABELA 3. Progressão da preocupação ambiental.....	18
TABELA 4. Turismo litorâneo de mercado de massa <i>versus</i> ecoturismo...	23
TABELA 5. Principais efeitos e impactos negativos potenciais.....	26
TABELA 6. Resumo das principais características, objetivos e estratégias do ciclo de vida do produto.....	38
TABELA 7. Perfil do turista.....	55
TABELA 8. Principais Motivações e Expectativas dos visitantes.....	56
TABELA 9. Características do turismo em Brotas antes de 1993, em 2001 e em 2005.....	59
TABELA 10. Agências de Turismo em Brotas.....	75
TABELA 11. Conseqüências positivas e negativas do turismo em Brotas.....	94
TABELA 12. Ecoturismo e Ecoturismo em Brotas.....	109
TABELA 13. Os efeitos e impactos da atividade turística apontados pela EMBRATUR e os impactos potenciais em Brotas SP.....	111

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. O desenvolvimento cronológico do conceito de turismo sustentável.....	13
FIGURA 2. Ciclo de vida das áreas turísticas.....	31
FIGURA 3. Padrões de ciclo de vida	35
FIGURA 4. Categorias especiais e distintas de ciclos de vida de produto..	36
FIGURA 5. Mapa de localização do Estado de São Paulo no Brasil	45
FIGURA 6. Acesso por Rodovias.....	46
FIGURA 7. Detalhes do relevo do município de Brotas – 3ª Cachoeira do Jacaré, Mata'dentro Ecoparque, bairro do Patrimônio.....	48
FIGURA 8. Detalhes do relevo – Morro da Sela.....	48
FIGURA 9. Matas de Galeria – Furna do Rio Jacaré Pepira, antiga Usina Hidroelétrica, bairro do Patrimônio atual Mata'dentro Ecoparque.....	50
FIGURA 10. Redução da cobertura vegetal – vista do vale do Rio aré (região do Varjão).....	51
FIGURA 11. Rio Jacaré Pepira – Parque dos Saltos.....	52
FIGURA 12. Rio Jacaré Pepira – Três Saltos, trecho final do <i>rafting</i>	53
FIGURA 13. Mata'dentro Ecoparque – 2ª cachoeira São Sebastião, bairro Patrimônio.....	53
FIGURA 14. Natureza transformada em produto – trecho de um afluente do Rio Jacaré – Fazenda Sinhá Ruth – Mata'dentro Ecoparque.....	67
FIGURA 15. Rio Jacaré-Pepira vista da ponte da cidade.....	70
FIGURA 16. Cachoeira de Santa Maria – atrativo turístico em Brotas.....	72
FIGURA 17. 3ª Cachoeira – Mata'dentro Ecoparque.....	73
FIGURA 18. Estrada da Carvoaria	85
FIGURA 19. Estrada da Carvoaria	85
FIGURA 20. Estrada da Carvoaria	86
FIGURA 21. Descida de bóia no Rio Jacaré Pepira, Poção	86
FIGURA 22.: Primeira Capa da bóia – Parque dos Saltos.....	87
FIGURA 23. Bóia-cross – Parque dos Saltos.....	87
FIGURA 24. Bóia-cross – Parque dos Saltos.....	88

FIGURA 25. Arvorismo no Mata'dentro Ecoparque.....	89
FIGURA 26. Arvorismo modalidade adulto.....	89
FIGURA 27. Cascading ou cachoeirismo.....	90
FIGURA 28. Caminhada no Mata'dentro Ecoparque.....	91
FIGURA 29. Rafting no Rio Jacaré-Pepira.....	92
FIGURA 30. Rafting no Rio Jacaré-Pepira - 1º Salto dos Três Saltos.....	92
FIGURA 31. Alaya Centro de Aventura – Verticalinha.....	99
FIGURA 32. Alaya Centro de Aventura – Verticalinha.....	100
FIGURA 33. Ciclo de vida da atividade turística em Brotas S.P, baseado no gráfico de Butler (1980).....	108

RESUMO

O município de Brotas, situado no centro geográfico do Estado de São Paulo, se firmou na última década como uma das principais rotas de ecoturismo e turismo de aventura do Brasil. O crescimento desse segmento no município e seu sucesso são, em parte, devidos à criação de mecanismos de participação comunitária em projetos ambientais, parcerias estabelecidas com o poder público local e principalmente devido às características fisiográficas (relevo, hidrografia, clima) favoráveis à implantação da atividade turística no município.

Por outro lado, o rápido desenvolvimento turístico do município, além de conseqüências positivas, também tem trazido resultados negativos decorrentes da falta de planejamento turístico inicial e da busca de lucro por empresários do setor turístico, sem preocupação com a questão ambiental.

Este estudo tem como objetivo analisar o ciclo de vida do produto turístico no município de Brotas-SP, seguindo o modelo de Butler (1980), mensurando, assim, o seu desenvolvimento desde a euforia do crescimento até o seu declínio e o possível rejuvenescimento do turismo.

Palavras-chave: Brotas, Ecoturismo, Turismo de Aventura, Ciclo de vida do produto.

Abstract

In the last decade the municipal district of Brotas, situated at the geographical centre of São Paulo state, became a symbol in Brazil for Ecotourism and Adventure Tourism Development. The growth of this segment in the district and its success are, in part, owed to the creation of mechanisms of the local community and participation in environmental projects, partnerships established with the local public power and mostly due to the physiographic characteristics (relief, hydrography, climate) favorable to the implantation of the tourist activity in the municipal district.

On the other hand, the fast tourist development of the municipal district, besides positive consequences, has also brought negative results originated from the lack of initial tourist planning and the profit search of the tourist sector by businessmen without preoccupation with the environmental matter.

The objective of this study is to analyze the area cycle of evolution in the municipal district of Brotas – SP, following Butler's Model (1980), measuring, this way, its development since the euphoria of growth until decline and possible rejuvenation of the tourism.

Keywords: Brotas, Ecotourism, Adventure Tourism, Area Cycle of Evolution

1. INTRODUÇÃO

Uma idéia corrente e muito simplista falseia a atividade turística, a de que seja uma atividade redentora, tornando-a salvadora de muitos lugares.

Característico de uma sociedade de consumo, o turismo como um todo estruturado é um produto composto por bens e serviços, tangíveis e intangíveis. Assim, o produto turístico inclui recursos e atrativos naturais e artificiais, equipamentos e infra-estruturas, serviços, atitudes recreativas, imagens e valores simbólicos, constituindo-se num conjunto de determinados benefícios capazes de atrair certos grupos de consumidores em busca de satisfação de motivações e expectativas, criadas principalmente pelas publicidades midiáticas.

Assim, desde que informações passaram a circular apontando o turismo como uma atividade econômica rentável, vem ocorrendo uma frenética disputa pela exploração turística nos mais variados países, despertando o interesse de empreendedores, governos e profissionais de vários setores da sociedade. Desse modo, o turismo tem sido a esperança de desenvolvimento econômico, somado também a promessas milagrosas como alternativa capaz de gerar renda, criar empregos e melhorar a qualidade de vida das pessoas e contribuir para a paz entre as nações.

Para Boo , o impacto teórico do turismo é bem conhecido, porém:

“ eles provocam reações conflitantes em relação ao ecoturismo, pois se de um lado temos a geração de receitas, criação de empregos, a promoção de educação ambiental e conscientização sobre a conservação, por outro lado, temos a degradação do meio ambiente, as injustiças e a instabilidade econômica e as mudanças socioculturais negativas. (BOO, 1995,p.34)

Para Cooper, Fletcher, Wanhill, Gilbert e Shepherd (2002,p.36):

as organizações internacionais apóiam o turismo por sua contribuição à paz mundial, pelos benefícios da mesclagem de povos e culturas, pelas vantagens econômicas que podem advir e pelo fato de que o turismo é uma indústria relativamente 'limpa.

Para Teixeira, (s.d., p.1) apesar da atividade turística *“ser chamada por muitos de indústria sem chaminé (ela) é responsável por diversos impactos negativos nas localidades onde ela se desenvolve, decorrentes de sua indevida e mal planejada apropriação dos bens naturais, históricos e culturais dos povos.”*

Assim, o turismo traz consigo algumas questões que começam a ser discutidas nos âmbitos acadêmico, científico e empresarial. Entre elas, a questão da sustentabilidade do turismo, o respeito pelas culturas locais e conservação de patrimônios históricos e naturais, dado que para alguns o turismo tem sido o grande salvador, visto como instrumento para a proteção, revitalização e utilização sustentável dos recursos naturais e culturais.

Porém, o estudo do turismo é relativamente jovem, criando assim uma gama de questões para os envolvidos em pesquisas sobre o tema, sofrendo muitas vezes indefinições conceituais e confusões na terminologia.

A partir da década de 50 do século passado, o “turismo massivo” desencadeou a euforia típica nos anos de 1970, relacionando-o principalmente à prosperidade econômica e ao desenvolvimento de destinos e atrações, num ambiente de grandes transformações políticas, econômicas, sociais e culturais.

A partir desse *boom* do turismo - que ocasionou a sua exploração desenfreada e quase sempre irresponsável - em relação ao meio ambiente, a atividade tem sido submetida progressivamente às críticas mais duras; a “experiência turística” passou a ser vista sob a ótica de todos os agentes e atores que comandam o processo. Assim, passaram a ser levados em conta não só os interesses de governos, de turistas e de empresários, mas também os da população local.

Ao lado do turismo de massa, em franca evolução, avançou o discurso em prol do desenvolvimento sustentável, que clamava por um “turismo sustentável ou durável”, passando a estar presente em várias esferas da sociedade.

A partir daí o termo “turismo sustentável” começou a ser usado de forma constante e corriqueira, muitas vezes como sinônimo de Ecoturismo, Turismo Responsável, Turismo Alternativo, Turismo de Aventura, Turismo Ecológico, Turismo Natural, Turismo Verde, Turismo Leve, Turismo Rural e Agroturismo. São classificações usadas na literatura para tipos de turismo que respeitam o equilíbrio Homem – Natureza. A mercadoria paisagem se constituiu num dos fundamentos do turismo, aparecendo como a principal determinante dessa atividade (OURIQUES , 2005, p.18).

A natureza exuberante é um elemento fundamental para o consumo turístico. Desse modo, no turismo sustentável buscava-se usufruir o turismo no presente e também deveria possibilitar o seu uso no futuro. Além disso, procurou-se aplicar o conceito de capacidade de carga¹ , a fim de limitar a quantidade de turistas de destinações e atrações ecoturísticas.

Nas últimas décadas alteraram-se profundamente as características da demanda, dos equipamentos e dos serviços turísticos, tornando os empreendimentos turísticos muito mais competitivos.

Neste início do século XXI, os desafios a serem enfrentados pelo turismo (sejam quais forem suas classificações), são enormes e complexos: rápida inovação dos produtos turísticos em decorrência da diminuição dos seus ciclos de vida e das exigências requeridas por novos segmentos de público; pressões ambientais e as grandes diferenças regionais influenciando os custos das viagens; o direcionamento das correntes turísticas e as dificuldades para garantir o crescimento consistente a longo prazo, em harmonia com os recursos humanos e naturais de destinos e produtos turísticos².

¹ Capacidade de carga – se refere a um ponto além do qual níveis superiores de visitas ou de desenvolvimento turístico levariam a uma deterioração inaceitável do ambiente físico e da experiência do visitante. (ARCHER e COOPER, 2001,p. 85-102)

É no mínimo curioso que um conceito comumente utilizado em Zootecnia (número de animais por área de pastagem) seja utilizado para analisar os efeitos dos empreendimentos turísticos.

² Para uma história do turismo, consultar, REJOWSKI (2002).

A mobilização do turismo como atividade sócio-econômica e cultural gerou em muitos lugares a destruição de bens naturais e culturais. Essa constatação tem levado ao desenvolvimento de obras críticas a esses procedimentos (OURIQUES, 2005). O turismo de massa ou o turismo alternativo quando apresenta um planejamento adequado, aliado ao trabalho em conjunto das pessoas envolvidas nessa atividade, tem a cada dia consolidado uma dinâmica diferenciada nos processos de preservação/conservação, buscando salvaguardar as condições dos recursos paisagísticos naturais e construídos.

Porém, atualmente a situação da atividade turística tem se tornado preocupante em muitos destinos. Áreas idealizadas para a prática do ecoturismo têm recebido um fluxo cada vez maior de visitantes, e esse fluxo tem aumentado drasticamente, duplicando ou triplicando em um ano, e muitas dessas áreas não estão preparadas para o turismo, pois elas estão a cargo de pessoas sem treinamento em gestão de turismo. (Boo, 1995, p.34)

É sob essa perspectiva que este trabalho foi desenvolvido. Foi analisado o município de Brotas, localizado no centro geográfico do Estado de São Paulo, o qual apresenta aspectos fisiográficos relevantes ao empreendimento Ecoturístico. A abundância de recursos naturais, principalmente hídricos, com inúmeras cachoeiras e corredeiras, tornou o município um local considerado ideal para a prática dos esportes de aventura. Brotas está próxima a várias cidades importantes no contexto econômico regional como Jaú, Bauru, Araraquara, Piracicaba. Além disso, há cidades próximas que também atuam na atividade turística da região do município como São Pedro, Águas de São Pedro e Barra Bonita.

O turismo em Brotas se desenvolveu freneticamente e em 2002, recebeu 130 mil turistas durante o ano, número relevante para um município interiorano de 21.695 habitantes (IBGE, 2005).

Ao longo desta pesquisa abordaremos fatos históricos que contribuíram para que a atividade turística se desenvolvesse. Devido à insuficiência³ bibliográfica

³ Tomamos conhecimento da tese: "Análise sistêmica, turismo de natureza e planejamento ambiental de Brotas: proposta metodológica" de autoria de Charlei Aparecido Silva de julho de 2006, quando esta dissertação já estava finalizada.

referente ao surgimento do turismo em Brotas, consideramos que seria importante a reconstituição dessa história com base em entrevistas semi-estruturadas com algumas pessoas responsáveis pelo início da atividade, bem como com as agências de turismo que foram se instalando na cidade durante a fase de desenvolvimento dessa nova atividade econômica no município.

1.1 Justificativa

Em Brotas, a atividade turística é adjetivamente explorada como Ecoturismo, Turismo de Aventura e Turismo Ambientalista. Brotas aparece nas mais diversas revistas do segmento de viagens e turismo, tais como em *Próxima Viagem*, *Jornal e Revista de Ecoturismo*, *Revista Adventure*. Aparece também nas revistas *Veja*, *Veja São Paulo*, *Isto é*, *Cláudia*, *Sexy*; nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e em reportagens televisivas como no programa *Fantástico*, da Rede Globo.

Atualmente, com base em dados da Diretoria de Turismo de Brotas, tem sido notada uma diminuição no fluxo de visitantes, depois de 2002. Diversos trabalhos sugerem que a atividade turística sem planejamento apresenta um ciclo de vida com o seu auge e o seu conseqüente declínio (BUTLER, 1980; RUSCHMANN, 1997; COOPER, FLETCHER, WANHILL, GILBERT e SHEPHERD, 2002).

Pretendemos, neste trabalho, avaliar o surgimento da atividade turística no município de Brotas, tendo em vista fatores importantes no contexto regional, como a pretendida mudança da capital do Estado para Brotas (Paulo Salim Maluf, 1978⁴), a criação da sede do CONDEMA (Conselho de Defesa do Meio Ambiente), e o surgimento da ONG Movimento do Rio Vivo. Brotas, em 2002, passa a ser

⁴ Esse fato não foi explorado com profundidade nesse trabalho.

considerada a “Capital dos Esportes de Aventura”⁵. Assim, todos esses fatores são apontados como responsáveis pelo desenvolvimento do Ecoturismo na cidade.

Mas, recentemente, as notícias sobre Brotas não aparecem com a frequência e ênfase até então devotadas pela mídia a esse segmento.

A Diretoria de Turismo de Brotas aponta uma redução significativa quanto ao fluxo de visitação. Do mesmo modo, os proprietários das agências mencionam o aparecimento de outras localidades, na região, com oferta de atrativos semelhantes, como: Socorro, Analândia e Itirapina, que podem ser apontadas como relevantes pelo declínio do turismo em Brotas.

Brotas possui, ao longo de sua história, várias passagens marcantes até chegar a ser reconhecida como cidade turística. Na década de 1960, o turismo era explorado informalmente pelas famílias locais, parentes e amigos visitantes. Na década de 80, diante da intenção de se instalar um curtume na cidade, criou-se a ONG Movimento Rio Vivo. Com o apoio do Poder Público local, foi elaborado um Plano⁶ de Ecoturismo para o município. Aliado a esse plano, foi criado o CONDEMA, composto por 13 municípios da Bacia do Rio Jacaré Pepira. Esses municípios desenvolveram o Projeto Piloto denominado “Consórcio Intermunicipal da Bacia do Rio Jacaré”, que teve o apoio do Governo Estadual, do CEPAM - Centro de Pesquisas Ambientais e da UNICAMP.

Na década de 90, foi criado o COMTUR (Conselho Municipal de Turismo) e em 1994, Brotas foi reconhecida pela EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) como “CIDADE TURÍSTICA” (*Del. Normativa nº 329/94*). Em 1995, fez parceria acadêmica com a ECA/USP e, em 1996, elaborou-se o primeiro Projeto para o Desenvolvimento do Turismo em Brotas⁷. Atualmente está sendo pleiteada a ascensão de Brotas à categoria de Estância Turística.

⁵ “Capital dos Esportes de Aventura” – segundo informações em entrevista com a diretoria de Turismo de Brotas, esse slogan foi criado pelo “trade” e posteriormente foi adotado nacionalmente.

⁶ Para uma crítica de que planejar não significa apenas fazer planos, ver Szmrecsányi (1973). Foi elaborado um plano e depois um projeto, mas eles não foram frutos de um planejamento.

⁷ RUSCHMANN, Doris. Brotas: plano de desenvolvimento turístico. São Paulo: ECA/USP, 1995. 178p.

A cidade tem sediado várias reuniões, inclusive do IH (Instituto de Hospitalidade), com sede em Salvador, para elaborar as normas de âmbito nacional para esportes de aventura.

1.2 Problematização

Atualmente alguns indicadores apontam que a “Capital dos Esportes de Aventura” atravessa um estágio de redução significativa quanto ao seu fluxo de visitação.

Buscamos por meio deste estudo avaliar o que tem gerado essa situação, e analisar o Ecoturismo, revelando como se dá a prática dessa atividade no município de Brotas.

1.3 Hipótese

A existência de abundantes recursos paisagísticos naturais como atrativos turísticos (rios, cachoeiras, corredeiras) foi considerada condição necessária e suficiente para o desenvolvimento do turismo em Brotas - SP, e que, a falta de planejamento não seria obstáculo para que a atividade turística tivesse seu auge, tornando-se uma das principais atividades econômicas do município

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Analisar o surgimento, o desenvolvimento e a atual situação das atividades turísticas em Brotas.

1.4.2 Objetivos específicos:

- Analisar as atividades ligadas ao turismo em Brotas, com base no ciclo de vida do produto (Butler, 1980).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Desenvolvimento Sustentável e Turismo

Por um longo período, acreditava-se que um processo de desenvolvimento estaria livre das conseqüências praticadas à natureza. Assim, foi construída uma sociedade assentada no uso massivo dos recursos naturais, onde a natureza era vista como objeto; conseqüentemente, como um recurso a ser explorado.

O artifício de exploração degradadora encontrava força no próprio processo, em que a exploração geraria condições autoreguladoras e restabelecedoras do equilíbrio. Esse processo possibilitou a difusão e expansão de dois padrões: o de produção e o de consumo. (BECKER, 2001, p.13).

O padrão produtivo era depredador da natureza. Percebeu-se, assim, que há contratempos no processo de desenvolvimento que causam estragos evidentes no sistema natural.

Já a concepção econômica do desenvolvimento sustentável traz como solução novos mecanismos de mercado para condicionar a produção à capacidade de suporte dos recursos naturais.

Nesse contexto, os princípios do desenvolvimento sustentável⁸ estão inseridos nos conceitos de ecodesenvolvimento, que propõem a utilização racional dos recursos visando a melhoria da qualidade de vida da presente geração e das gerações futuras, a maximização dos ecossistemas, a flexibilidade dos processos de planejamento, a participação da população local em projeto de gestão, a utilização de tecnologia compatível com a realidade e a reformulação dos planos e programas de educação.

⁸ Sachs (1986), estabelece uma estratégia de desenvolvimento sócio-econômico, a longo prazo e ecologicamente consciente, de forma a minimizar a dilapidação de recursos não renováveis, e orientando-se para o aproveitamento de recursos renováveis.

Assim, o desenvolvimento sustentável foi proposto como um modelo que poderia ser útil na criação do estímulo para a mudança estrutural da sociedade, pois, nesse modelo, a conservação ambiental proporcionaria o desenvolvimento baseado no uso racional dos recursos, tendo como suporte o equilíbrio entre o homem e a natureza, possibilitando a introdução de atividades econômicas menos impactantes e socialmente mais justas.

Esse modelo tem o propósito de desviar o foco estritamente econômico para um tipo de desenvolvimento que alcance as metas do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazer suas próprias necessidades (Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1987 apud FENNELL, 2002, p.43). Em outras palavras, o que se visa, portanto, é estabelecer a regulação mercantil sobre a natureza. (ALMEIDA, apud BECKER, 2001, p.23). Devido a isso, a sustentabilidade tornou-se o novo foco, e ao mesmo tempo em que se exorcizam velhas utopias, o próprio sistema de sustentabilidade cria e recria novas utopias.

Um dos primeiros trabalhos a falar sobre o conceito de desenvolvimento sustentável foi o “World Conservation Strategy”, publicado em 1980. Posteriormente, em 1987, a World Commission Environment and Development⁹ da ONU, publicou “Our Common Future”, conhecido também como o Relatório Brundtland.

Na Tabela 1 destacam-se os principais componentes do desenvolvimento sustentável, conforme definidos pelo Relatório Brundtland, interpretado por Murphy. (MURPHY, apud SWARBROOKE, 2000, p.6). A ênfase do relatório está no meio ambiente, pois acreditava-se que o crescimento econômico tinha de ocorrer de uma maneira ecológica e socialmente igualitária.

⁹ Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento.

Tabela 1. Componentes do desenvolvimento sustentável

Estabelecimento de limites ecológicos e padrões mais igualitários	"...exige a promoção de valores que encorajem padrões de consumo que estejam dentro dos limites do ecologicamente possível e aos quais todos possam aspirar com sensatez"
Redistribuição de atividades econômicas e de recursos	"A satisfação de necessidades essenciais depende em parte de alcançar-se completo potencial de crescimento, e o desenvolvimento sustentável claramente exige crescimento econômico nos lugares onde tais necessidades não estão sendo satisfeitas."
Controle populacional	"Apesar da questão não ser meramente de tamanho populacional, mas de distribuição de recursos, o desenvolvimento sustentável só pode ser buscado se os desenvolvimentos demográficos estiverem em harmonia com o mutável potencial produtivo do ecossistema."
Conservação de recursos básicos	"...o desenvolvimento sustentável não deve colocar em risco os sistemas naturais que permitem a vida na Terra: a atmosfera, a água, os solos e os seres vivos."
Maior igualdade de acesso aos recursos	"O crescimento não tem limites definidos em termos de população ou do uso de recursos, além dos quais se encontra o desastre ecológico...Mas a sustentabilidade exige que, antes dos resultados finais, sejam feitos esforços para garantir um acesso mais igualitário aos recursos..."
Capacidade de suporte e rendimentos sustentáveis	"... a maioria dos recursos renováveis são parte de um complexo e interligado ecossistema, devendo-se definir o rendimento sustentável máximo depois de se ponderar a dimensão dos efeitos do sistema de exploração."
Retenção de recursos	"O desenvolvimento sustentável exige que o índice de esgotamento de recursos não-renováveis force o encerramento de quaisquer futuras retenções por mínimas que sejam."
Diversificação das espécies	"o desenvolvimento sustentável exige a conservação das espécies da fauna e da flora."
Minimização de impactos adversos	"O desenvolvimento sustentável exige que os impactos adversos sobre a qualidade do ar, da água e de outros elementos naturais sejam minimizados de forma a sustentar a integridade total do ecossistema."
Controle por parte da comunidade	"... controle por parte da comunidade sobre as decisões de desenvolvimento que afetam os ecossistemas locais."
Amplo suporte da política nacional/internacional	"... a biosfera é o lar comum de toda a espécie humana e a administração conjunta da biosfera é um pré-requisito para a segurança política global."
Viabilidade econômica	"... as comunidades devem perseguir o bem-estar econômico e, ao mesmo tempo, reconhecer que as políticas (governamentais) podem definir limites ao crescimento material."
Qualidade ambiental	"A política ambiental das empresas é uma extensão da administração de qualidade total."
Auditoria ambiental	"Um sistema efetivo de auditoria ambiental está no cerne da boa administração do meio ambiente."

Fonte: adaptado de MURPHY (1995), baseado no Relatório Brundtland, apud SWARBROOKE (2000,p.7)

Carvalho (1991, p.1), ao analisar o documento de Brundtland, aponta suas limitações:

Apesar de considerar os fatores sociais como determinantes no atual estado de degradação ambiental mundial, está longe de ser conseqüente com seu próprio diagnóstico. Baseado numa visão a-histórica dos processos sociais, apresenta o desenvolvimento sustentável como aquele que deve atender às necessidades e aspirações do presente sem comprometer as possibilidades de atendê-las para as futuras gerações. Ora, essa proposição é por si mesma insustentável. Quais são as necessidades e aspirações do presente que queremos garantir para as gerações futuras? Se tomarmos, por exemplo, as aspirações das populações dos países industrializados como medida das necessidades humanas e generalizarmos esse padrão de consumo para toda a população do planeta teríamos um desastre imediato. A manutenção desses atuais níveis de consumo significa o aprofundamento das práticas de dilapidação intensiva dos recursos naturais. A expansão dessas “necessidades e aspirações” acarretaria um colapso imediato dos recursos naturais, colocando em risco até mesmo a existência das “gerações futuras”, e de um “futuro comum”, em nome do que se afirma o desenvolvimento sustentável. O documento exclui, também, de sua análise os mecanismos de dominação política e concentração da riqueza que produzem as desigualdades sociais e promovem a degradação ambiental.

Tais limitações, entretanto, não frustram a necessidade de se buscar alternativas de desenvolvimento que sejam capazes de atender à crise social e ambiental.

É no caminho do desenvolvimento sustentável que surgem expressões como Ecoturismo, que não é apenas a atividade turística realizada na natureza. Além de envolvê-la, a prática dessa atividade possui um ideal conservacionista, devendo também envolver educação ambiental e a participação da comunidade local, sobretudo na definição de políticas e estratégias que proporcionem a conservação de seu modo de vida, usos e costumes, e na elaboração de propostas que objetivem a geração de benefícios para a própria comunidade.

Mas não devemos esquecer que a causa da crise ambiental está vinculada à dinâmica do capitalismo, cuja apropriação da natureza tem como objetivo o aumento da produtividade por meio de diferentes fórmulas, que transformam a natureza em recurso a ser explorado (OURIQUES, 2005).

2.1.1 Turismo de Massa e Turismo Sustentável

De acordo com SWARBROOKE (2000), o debate sobre turismo sustentável é “parcialmente” influenciado pelo conceito geral de desenvolvimento sustentável, pois para o autor, paralelamente existiu uma evolução no próprio âmbito do turismo, devido às conseqüências ambientais causadas pelo turismo desenfreado de massa. O desenvolvimento desse processo pode ser visto na Figura 1.

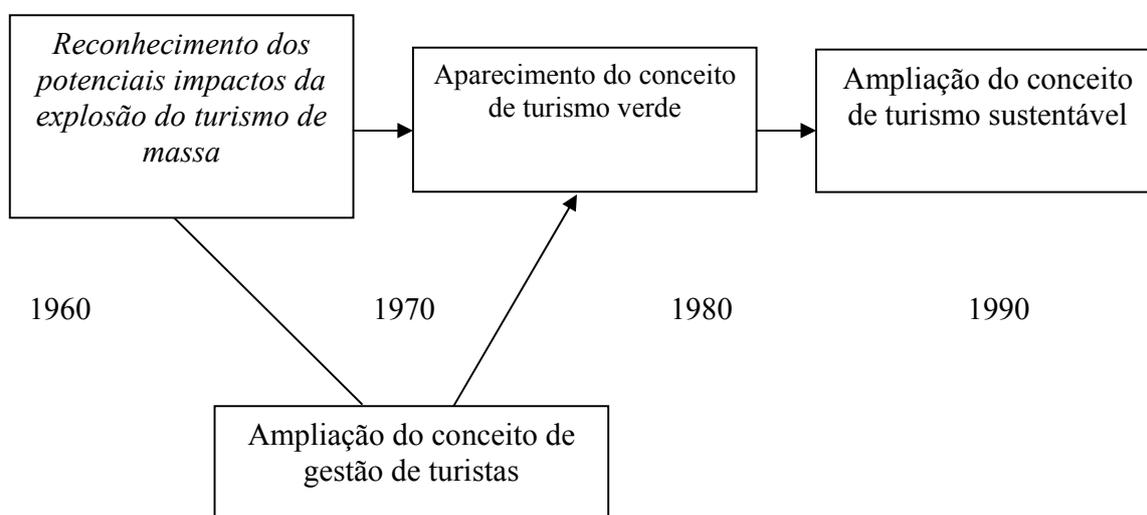


Figura 1. O desenvolvimento cronológico do conceito Turismo Sustentável.
Fonte: SWARBROOKE (2000, p.11)

O turismo de massa (Lage e Milone, 2000, p.122) é a saturação do número de pessoas que visitam uma destinação turística. A partir principalmente de 1960, os impactos negativos do turismo de massa passaram a ser reconhecidos. Em 1970, verifica-se a ampliação de seu conceito e posteriormente o aparecimento da expressão “Turismo Verde”, e nos anos 90, a ampliação do conceito para “Turismo Sustentável”, sendo que a partir daí o termo passa a ser usado com freqüência.

No turismo, uma das primeiras estratégias de ação foi discutida nas Conferência Globe (1990 e 1992), no Canadá, (BECKER, 2001). Nelas, representantes do turismo, governos, ONGs e acadêmicos discutiram a importância da conservação do meio ambiente para a atividade turística.

A partir da realização, no Rio de Janeiro, da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO 92) deu-se ênfase para programas destinados a proteger o ambiente na Terra e a promover formas de industrialização e de desenvolvimento menos destrutivas (MURPHY, 2001, p.185).

O conceito Turismo Sustentável foi adotado pelas Nações Unidas (ONU), pela Organização Mundial de Turismo (OMT) e por muitos governos nacionais, regionais e locais.

Assim,

Turismo sustentável significa que os recursos naturais, históricos e culturais, para o turismo sejam preservados para o uso contínuo no futuro, bem como no presente. O turismo sustentável também significa que a prática do turismo não acarrete sérios problemas ambientais ou socioculturais, que a qualidade ambiental da área seja preservada ou melhorada, que um alto nível de satisfação do turista seja mantido, de forma a conservar os mercados para o turismo e a expandir suas vantagens amplamente pela sociedade. (OMT, 2003, p.17).

Embora o turismo seja considerado menos agressivo para o ambiente do que a maioria das indústrias, suas dimensões e a sua presença em algumas regiões tiveram consequências negativas para o meio ambiente, em termos físicos, sociais, econômicos e culturais¹⁰.

Porém, os danos ambientais e ecológicos causados pelo turismo depende da magnitude do empreendimento e do volume de visitantes, da concentração do uso em termos tanto espaciais quanto temporais, da natureza do ambiente, da

¹⁰ Carvalho (1991) sustenta que "seria necessário pensar em termos políticos o compromisso com a sustentabilidade da sociedade... Assim podemos definir que sustentável é aquela sociedade onde decisões, no que tange as relações entre os indivíduos e grupos sociais e entre estes e os elementos da natureza, são orientadas por valores democráticos como a diversidade, solidariedade, igualdade e participação, e a economia está subordinada a esses valores" (2000, p.2).

natureza dos métodos de planejamento e de gerenciamento adotados antes e depois do turismo se desenvolver.

Surge a preocupação e a necessidade de se medir os impactos provocados pela atividade turística, e alguns princípios quanto à prática da atividade e sua sustentabilidade (Tabela 2, ver p.16)).

No entanto, o turismo sustentável também tem seus críticos. OURIQUES (2005), TEIXEIRA (s.d.) sugerem que o turismo sustentável provavelmente nunca será alcançado, apesar de o desempenho ambiental ser o mais comprometido possível. BURR (1950) aponta que é pouco provável que o desenvolvimento sustentável ocorra, a menos que as pessoas de comunidades rurais trabalhem juntas para que a atividade aconteça (apud FENNELL, 2002)

Assim, alguns questionamentos acabam surgindo: o turismo é uma atividade sustentável? Como pode ter a obediência de seus princípios, se as pessoas que se dizem ecoturistas nem sabem ao certo o significado do conceito, seus princípios e sua prática? Como pode ser explorado um destino, cujo ambiente natural é o responsável pelas visitas, sem que essa exploração gere impactos negativos?

WIGHT (1993) alega que:

muitos empresários e agências de marketing e promoção ganharam muito dinheiro com turismo de natureza adotando o termo de ecoturismo, abusando do mesmo, sem o devido compromisso e muito menos o rigor dos parâmetros exigidos. (WIGHT (1993) apud NELSON e PEREIRA,2004, p.46)

Portanto, a prática do turismo pode ter conseqüências sociais, ambientais, econômicas, políticas e culturais, boas e más. Mas, o mais importante é a perspectiva de quem está analisando, pois na maioria dos casos a atividade tem sido citada somente como válvula para o desenvolvimento oportuno e correto para as regiões onde a atividade turística é implantada.

Tabela 2. Princípios do turismo sustentável

1. Usar os recursos de forma sustentável

A conservação e o uso sustentável dos recursos – naturais, sociais e culturais – é crucial, e garante os negócios a longo prazo.

2. Reduzir o consumo exagerado e o desperdício

A redução do consumo exagerado e do desperdício evitam o custo da recuperação do meio ambiente, danificado ao longo do tempo, e contribui para a boa qualidade do turismo.

3. Manter a diversidade

Manter e promover a diversidade natural, social e cultural é essencial para o turismo sustentável de longo prazo, e cria uma base resiliente para a indústria do turismo.

4. Integrar o turismo ao planejamento

O empreendimento turístico integrado num contexto de planejamento estratégico, nacional e local, e submetido aos Estudos de Impacto Ambiental (EIAs) aumenta a viabilidade a longo prazo do turismo.

5. Apoiar as economias locais

O turismo que apóia uma ampla série de atividades econômicas locais e que leva em conta os custos/valores ambientais protege essas economias e evita danos ao meio ambiente.

6. Envolver as comunidades locais

O envolvimento total das comunidades locais no setor do turismo não só traz benefícios a elas e ao meio ambiente em geral, como também melhora a qualidade da experiência do turismo.

7. Consultar os investidores e o público

As consultas a investidores, comunidades locais, organizações e instituições são essenciais se todos quiserem trabalhar juntos e conciliar interesses potencialmente conflitantes.

8. Treinar equipes

O treinamento de equipes que integram o turismo sustentável, além do recrutamento de pessoal local em todos os níveis melhora a qualidade do produto do turismo.

9. Fazer o *marketing*

O *marketing* que fornece informações completas e responsáveis aumenta o respeito dos turistas pelo meio ambiente natural, social e cultural das áreas de destino, e aumenta a satisfação dos clientes.

10. Realizar pesquisas

A pesquisa contínua e o monitoramento pela indústria do turismo, coletando e analisando dados, é essencial para a resolução de problemas, além de trazer benefícios às localidades de destino, à indústria do turismo e aos seus consumidores.

Fonte: Tourism Concern (1992) apud FENNELL (2002:33).

Devido a isso, atualmente os princípios básicos exigidos para qualquer segmento do turismo são: a proteção e a conservação dos recursos atuais. Assim, o ecoturismo ou o lazer em contato com a natureza surge como uma proposta conservacionista, pois é um tipo de turismo que passa a ter cuidados com o meio ambiente, valoriza as populações locais, exige qualidade de vida, hospitalidade, recreação, segurança e serviços interrelacionados.

Nesse sentido, a necessidade de uma regulamentação (normatização) que proteja o ambiente tem sido objetivo de ampla aceitação, mas relutante: *“ampla, porque todos querem um planeta habitável; relutante, em razão da crença persistente de que a regulamentação ambiental solapa a competitividade”* (PORTER e LINDE, 1999, p.371).

Os mesmos autores defendem a vantagem competitiva, apontando:

Os dados mostram com nitidez que os custos da observância da regulamentação ambiental são suscetíveis de minimização, se não de eliminação, através de inovações que proporcionem outros benefícios competitivos. (PORTER e LINDE, 1999, p.376).

Os citados autores afirmam ainda: *“Que o pensamento estático induz as empresas a combater normas ambientais que, na realidade, seriam capazes de reforçar a sua competitividade* (PORTER e LINDE, 1999, p. 385).

Essa realidade é sentida nos locais em que a natureza é o principal atrativo da localidade, e geralmente, as normas são elaboradas após os desequilíbrios econômico, social, cultural e ambiental. Assim, acontecem tardiamente e, muitas vezes, não conseguem evitar o declínio ou manter o fluxo de visitação.

2.2 Ecoturismo

O turismo mundial ligado ao meio ambiente surgiu principalmente na década de 90. Conforme Hudman (apud SANCHO 2001, p.229), existem estudos sobre a progressão da preocupação ambiental, que estão dispostos na Tabela 3.

Tabela 3. Progressão da preocupação ambiental

ERA	ENTORNO	TURISMO
Década de 50	Desfrutar e utilizar	Etapas de exploração. Começo do turismo de massa.
Década de 60	Conscientização, intervenção pública e protestos	Desenvolvimento, crescimento rápido. Elementos do entorno como atrações únicas
Década de 70	Institucionalização. Preocupação com a contaminação do ar, da água e visual	Década de crescimento e sucesso. Marketing. Estudos de impactos pelo mundo acadêmico.
Década de 80	Preocupação com substâncias tóxicas no entorno: Chuva ácida, aquecimento do globo, buraco de ozônio	Expansão dos mercados mundiais e avanços tecnológicos.
Década de 90	Desmatamento, mudanças climáticas, desertificação, impactos globais.	Ecoturismo, desenvolvimento sustentável.

Fonte: Hudman, (1991) apud Sancho (2001, p.229).

Sancho (2001, p.230) afirma que o ecoturismo surgiu como uma opção de desenvolvimento sustentável a países, regiões e comunidades locais, para proporcionar um incentivo à conservação e à administração de regiões naturais e da fauna selvagem e, em consequência, à biodiversidade.

Devido à ambigüidade quanto às origens históricos dessa atividade, identificamos as principais características, conceitos e princípios desse segmento turístico que envolve o meio ambiente. É importante levar em conta também a diversidade de definições existente quanto ao conceito de Ecoturismo, também

denominado Turismo Ecológico, dentro do qual estão inseridos os esportes de aventura.

RIBEIRO e BARROS (apud SERRANO e BRUHNS, 1998, p.29-30) subdividem o turismo ecológico em quatro grandes categorias. Nelas estão a sensibilidade dos turistas a distintas ideologias ambientalistas e a necessidade de se diferenciarem de outros turistas. Mas a distribuição está, sobretudo, nas dimensões e na qualidade das infra-estruturas disponíveis. De acordo com esses autores, essas categorias são:

- 1) “turismo tipo Cancun”, que apresenta uma complexa infra-estrutura de transportes, comunicação e serviços na região visitada, “região-alvo”, e em diversos pontos de saída, “de captação”, dispersos no mundo; consiste em empreendimentos de capitalismo transnacional apoiados por uma retórica de respeito ao meio ambiente e à cultura locais;
- 2) “turismo tipo institucional-ambiental”, em que o visitante de uma unidade de conservação é admitido e freqüentemente guiado dentro de um território delimitado, devendo seguir regras preestabelecidas para usufruir daquela área diferenciada;
- 3) “turismo tipo aventura de luxo pseudocientífico-humanista”, em que o turista – em transporte rápido, seguro e confortável, freqüentemente guiado por personalidades ou autoridades ambientalistas – visita a mãe-natureza e o bom-selvagem;
- 4) “turismo tipo aventura desportista de grupo”(como hiking, trekking, canoagem, alpinismo, espeleologia), que inclui modalidades alternativas de baixo investimento de capital fixo, mas de alto retorno; apoiado em ideologias ambientalistas e/ou místico-religiosas.

A Sociedade Internacional de Ecoturismo (The International Ecotourism Society (Tiés), ONG Internacional, define ecoturismo como “*a viagem responsável a áreas naturais, visando a preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local*” (LINDBERG e HANWKINS, 1993 apud NELSON e PEREIRA, 2004, p.46).

Em 1994, o Brasil publicou a sua definição oficial de Ecoturismo:

Ecoturismo é o segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. (EMBRATUR/IBAMA, 1994, p.19).

Para GOIDANICH e MOLETTA (2000, p.09):

O turismo ecológico, ou ecoturismo, é a prática dessa atividade em áreas naturais nativas, pouco alteradas ou já recuperadas, que utiliza o patrimônio natural de forma sustentável, incentivando a sua conservação, promovendo a formação de uma consciência ambientalista e garantindo o bem-estar das populações envolvidas.

De acordo com a definição dada pelos autores GOIDANICH e MOLETTA (2000), o turismo ecológico é tratado como sinônimo de ecoturismo. Assim, esse segmento envolve as seguintes características:

- ✓ Praticado em áreas naturais;
- ✓ Incentivo à conservação do patrimônio natural;
- ✓ Formação de uma consciência ambientalista;
- ✓ Garantia do bem-estar das populações envolvidas.

Pelas características citadas, percebe-se que muitos empreendimentos ditos de ecoturismo, na verdade, não atendem às exigências contidas no próprio conceito de ecoturismo. O termo muitas vezes é utilizado de forma oportunista para promover alguns negócios sem levar em conta o compromisso ético do segmento.

Para esclarecer se uma atividade é ecoturística, Honey (1999, apud NELSON e PEREIRA, 2004, p.47) delineou sete características para a prática do ecoturismo. São elas:

- Envolve viagens a destinos naturais, os quais muitas vezes estão protegidos por leis ambientais nacionais, internacionais ou municipais. Esses lugares freqüentemente são longínquos;

- Minimiza impacto – o desafio do ecoturismo é não degradar o meio ambiente pelo uso de equipamento turístico e controlar o número de pessoas que visitam os atrativos;
- Constrói uma consciência ambientalista, promovendo programas de educação ambiental para turistas, moradores e operadores. A informação ao turista deve ser iniciada desde a partida até o retorno a sua casa. Os guias devem compartilhar informação de maneira participativa e o atrativo deve encorajar visitação das comunidades locais utilizando ingressos reduzidos;
- Promove benefícios econômicos diretos para a conservação, contribuindo e levantando recursos para pesquisa, fiscalização, educação ambiental e a conservação da natureza, em geral através de vários meios, como por exemplo: taxa de entrada em UC (Unidade de Conservação), impostos nos aeroportos, doações voluntárias dos turistas e agencias de viagens;
- Fornece benefícios financeiros, poder de decisão para os moradores locais, oportunidades econômicas aos moradores, fortalece e contribui no desenvolvimento local, possibilitando às pessoas de continuarem morando no interior;
- Respeita a cultura local – o ecoturismo não pretende apresentar valores indesejáveis às culturas visitadas, mas sim valorizar as crenças, lendas e costumes existentes;
- Apóia os direitos humanos e o processo democrático, contribuindo para a paz, prosperidade, entendimento local e respeito global.

Assim, o que podemos observar nos destinos apontados como destinos de ecoturismo, apresentam características bem diferentes do que foi apontado, sendo praticamente impossível que a atividade minimize impactos ao meio ambiente, pois sabemos que toda atividade gera impacto ambiental, além de promover desigualdade social e cultural. Quanto a consciência ambientalista, o que se prega no papel é o ideal, mas isso não acontece na realidade.

Diante de grupos com interesses conflitantes, tais exigências não passam de um *wishfulthing* (criação ilusória de fatos que se desejaria fossem realidade). Por isso mesmo, difíceis de serem aplicadas e com alto risco de sua sobrevivência ser ameaçada em longo prazo.

BOURDIEU (1997, apud MAURO, 2005, p. 33), aponta que desde o surgimento dos produtos vinculados ao ecoturismo no mercado, nota-se um desencontro entre o que é oferecido e a realidade dos serviços e das vivências experimentadas pelos turistas. Dessa forma, muitas vezes a idéia da ligação entre turismo sustentável e ecoturismo permanece somente no papel.

O ecoturismo também acaba por gerar uma contradição típica da ética capitalista, que pensa evitar ou mitigar os efeitos destrutivos, sem eliminar as causas. Assim, percebem-se muitas falhas desde sua implantação como alternativa econômica, proclamado muitas vezes como “o salvador” de muitos lugares intocados.

YÁZIGI (2001, p.91) aponta que o prefixo *eco* pretende ter um efeito moralizante. Assim sendo, o ecoturismo apresenta-se carregado de ideologias e intenções que precisam ser identificadas. O turismo nos chamados “países periféricos” precisa ser estudado e analisado o seu redirecionamento, para que não passe apenas de uma ilusão, ou mais uma forma de exploração. O espaço físico, tanto natural como o produzido, constitui a base da atividade turística, pois é nele que se realizam as atividades turísticas, os sonhos e os encontros dos viajantes.

Nota-se, portanto, que a presença do turismo ou do ecoturismo no meio natural causa impactos nos ecossistemas, devido principalmente à necessidade de implementação de serviços, equipamentos e alojamentos, regulamentações (normatização) e educação.

Essa atividade tem sido um importante agente modificador da organização espacial, principalmente em lugares turísticos pequenos, pois a ocupação do espaço para a construção de equipamentos turísticos pode gerar descaracterização de muitos ambientes, principalmente os caracterizados como turismo convencional. É o que podemos observar na Tabela 4, onde são apontadas as diferenças entre o turismo de massa e o ecoturismo.

Tabela 4: Turismo litorâneo de mercado de massa *versus* ecoturismo

	Turismo litorâneo de massa	Ecoturismo
Escala	❖ Larga escala Inadequado para o local	❖ Turismo em pequena escala de acordo com a capacidade da destinação turística de absorver turistas sem prejuízos
Impacto no meio ambiente físico	❖ Construções novas, antiestéticas e nada de atraentes ❖ Infra-estrutura com excesso de construções levando à poluição e ao congestionamento de tráfego	❖ Poucas construções novas ❖ Pequena demanda extra sobre a infra-estrutura
Relações com a comunidade local	❖ Relações formais ❖ Pouco contato com autóctones que não estejam envolvidos na indústria do turismo	❖ Contato informal ❖ Interação com todos os tipos de autóctones
Impacto sociocultural	❖ Transforma a cultura local ❖ Migrações para trabalho vindas de fora da região	❖ Impacto mínimo na cultura local ❖ As necessidades de trabalho são completamente satisfeitas na comunidade local
Impacto econômico	❖ Muita renda do turismo perde-se devido à localização das empresas fora da destinação turística ❖ O turismo torna-se a atividade econômica dominante	❖ Muita renda oriunda do turismo é retida pela economia local ❖ A renda adicional oriunda do turismo complementa as atividades econômicas tradicionais
A importância da localização	❖ Pode acontecer em qualquer lugar com mar e tempo bom ❖ A localização específica não é importante	❖ A localização específica oferece uma experiência única, que não poderá ser encontrada em outro lugar
Qualidade de experiência para o turista	❖ Relaxamento por pouco tempo e banho de sol	❖ O aprendizado sobre os lugares traz uma compreensão a longo prazo sobre onde e como as outras pessoas vivem
Comportamento do turista	❖ Insensível à cultura e às tradições locais ❖ Indiferença à vida autóctone ❖ Hedonismo	❖ Sensível à cultura e às tradições locais ❖ Interessado na vida autóctone ❖ Responsável

Fonte: SWARBROOKE (2000, p.26)

Com base nos dados analisados na Tabela 4, observamos que no Ecoturismo existe um forte comprometimento com a natureza e a responsabilidade social, pois nessa atividade há um contato direto do visitante com a natureza, que realiza uma interpretação ambiental. O ecoturista observa fenômenos da natureza, conhece melhor sua dinâmica e recupera o sentimento perdido de também ele preservar a natureza. Abandona a idéia de dominar a natureza e assume a postura de integrar-se a ela.

A indústria do turismo quer que os clientes sintam que o ecoturismo é menos prejudicial e mais sustentável que o turismo de massa, talvez porque acredite que isso fará com que os turistas sintam-se bem ao comprar tais produtos .

Fabiana Mauro aponta que *“perante o problema ambiental, a mídia afirma que se consumirmos determinadas mercadorias podemos diminuir ou até mesmo resgatar nossa dívida com o ambiente”*. (MAURO, 2005, p.31).

Segundo FONTES e LAGE (2003, p.92) o turismo, como fator de desenvolvimento econômico, se apropria de determinados lugares, impondo-lhe transformações que podem acabar com a singularidade e a particularidade desse lugar. Essa é uma das características das atividades produtivas do sistema capitalista, pois sua lógica é o lucro sobre a exploração de paisagens. O turismo passa a ser caracterizado como um voraz consumidor de lugares.

os núcleos produzidos, baseados em parâmetros sobre modismos e veiculados pela mídia, ao longo do processo vão sendo abandonados e substituídos por outros, na medida em que mudam os valores ou que os espaços se tornam saturados pela ocupação desenfreada. (FONTES e LAGE, 2003, p.92).

Para RODRIGUES (FONTES e LAGE, 2003, p.94):

o turismo é uma atividade que tem se mostrado um tanto “perversa”; em algumas comunidades, tem provocado profundas transformações econômicas, sociais e culturais, transformações que no geral, não beneficiam nem o lugar enquanto possuidor dos recursos que engendram a atividade, nem a população local, que muitas vezes fica excluída do processo. Portanto, ao mesmo tempo em que o turismo pode organizar e (re)produzir o espaço para uns, ele também desorganiza para outros e o

(re)produz segundo a lógica capitalista de apropriação do espaço, palco onde estabelecem as relações de poder.

Portanto, quando o Ecoturismo segue a tendência de interesses comerciais e econômicos, os valores ambientais e culturais são sobrepostos.

A apropriação do bem natural e cultural, em forma de exploração sem cuidados, fez surgir sérios impactos que passaram a colocar em risco a conservação dos recursos e sobrevivência de muitas comunidades.

Observamos que a falta de planejamento tem causado desequilíbrio ecológico, desagregação social e perda de valores culturais da comunidade, provocando também danos ao patrimônio histórico. Assim, para FONTES e LAGE, (2003:92) *“os espaços turísticos evoluem pelo processo de “ondas” de ocupação que são ditas pela moda ou produzidas pelo consumo do espaço, ocasionando a sua degradação e, portanto, a destruição dos recursos que os engendraram”*.

Novamente a natureza é vista como espetáculo e fantasia e usada como estratégia do consumismo. Segundo YAZIGI (2001, p.15), “Espetáculo e festa tornam-se a grande razão do turismo. Um alimenta o outro.

Importante frisar que o consumismo, segundo os princípios do Ecoturismo, passa a ser uma contradição da modernidade, em que a natureza é revalorizada e reorganizada. Mas a ideologia conservacionista não muda a sociedade. Ela apenas desloca formas e funções, orientando a produção de um novo tipo de consumo. (LUCHIARI, 2001, p.26).

Segundo FONTES e LAGE (2003, p.92), as preocupações com o crescimento do turismo e seu sistema de produção, no meio natural e social, encontram-se hoje no auge das discussões globais, porque o sistema capitalista proporciona o surgimento de novas formas de apropriação do espaço em todos os lugares.

Na Tabela 5, são listados os principais efeitos e impactos negativos induzidos pela atividade do turismo.

Tabela 5. Principais efeitos e impactos negativos potenciais

AGENTE DE IMPACTO	EFEITOS POTENCIAIS	IMPACTOS POTENCIAIS
Trilhas pedonais	Pisoteio, compactação do solo	Alteração da qualidade estética da paisagem
Trilhas eqüestres	Remoção de cobertura vegetal	Aumento da sensibilidade à erosão
Carros/caminhões	Libertação de gases de combustão	Eliminação de habitat
Veículos todo-o-terreno	Derrame de óleo/combustível	Interrupção de processos naturais
Bascos a motor	Ruído	Deterioração da qualidade do ar
		Deterioração da qualidade da água
		Perturbação da fauna e flora
Lixo	Deterioração da paisagem natural	Redução da qualidade estética da paisagem
		Contaminação do solo
		Contaminação da água
Descarga de efluentes	Alteração da acidez da água	Contaminação da água
	Contaminação do aquífero	Contaminação do solo
	Deterioração da paisagem natural	Mau cheiro
		Redução da qualidade estética da paisagem
		Interferência na fauna e flora aquáticas
Vandalismo	Remoção de atrativos naturais	Redução da qualidade estética da paisagem
	Interrupção dos processos naturais	Interferência nos ciclos de vida da fauna e da flora
Alimentação de animais	Mudança comportamental da fauna	Dependência da fauna
		Perturbação de visitantes
Construção de edifícios	Remoção da cobertura vegetal	Alteração da qualidade estética da paisagem
	Eliminação do habitat	Aumento da sensibilidade à erosão
	Libertação de fumos de combustão e poeiras	Deterioração da qualidade do ar
	Ruído	Stress na fauna e flora

Fonte: EMBRATUR (1994:45)

Ruschmann (1997) aponta uma série de tendências para o turismo ambiental entre os anos de 2000 – 2010, contemplando:

- a conscientização entre o estreito relacionamento entre o homem e a natureza, ampliando os movimentos conservacionistas;

- a comunidade receptora precisa adotar estratégias importantes e adequadas para preservar o patrimônio natural e cultural;
- as autoridades públicas e as instituições políticas também têm o papel de contribuir para o desenvolvimento dos interesses das comunidades e de seu ambiente original.

Portanto, somente com diretrizes claras é que o ecoturismo pode se desenvolver seguindo seus princípios e práticas, evitando assim depredações que já aconteceram em muitos ambientes, causadas pela visão de lucro imediato, responsável pelo declínio de algumas destinações.

É importante ressaltar que a busca por ambientes intocados ainda é frenética por parte de muitos empresários, nos quais a natureza novamente é colocada como a protagonista da implantação da atividade turística, o que torna a atividade frágil, pois cada gosto, cada desejo, motivação ou fantasia, são produzidos em um endereço diferente, sempre com finalidade exclusiva de lucro.

2.3 Turismo de Aventura

Essa categoria de turismo é concebida por RIBEIRO e BASTOS (2003) como “turismo tipo aventura desportista de grupo”, como já foi assinalado anteriormente.

A busca contemporânea de aventura em contato com a natureza, aliada a novas possibilidades tecnológicas, promoveu o surgimento de novas práticas esportivas com experiências inéditas no meio natural.

O consumo da natureza, vinculado a prática de esportes de aventura, abre uma nova modalidade no segmento turístico, o turismo de aventura, caracterizado como:

Segmento do mercado Turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sócio-ambiental.(Oficina Nacional de Turismo de Aventura -EMBRATUR – Caeté – MG)

Segundo JESUS (2003, p.75-76) é um segmento que gera conflito com o ecoturismo, já que a prática deste requer a conservação da natureza. Observamos que o que foi proposto como um modelo alternativo ao *trade*, envolvendo uma concepção ecológica, abriga um vasto leque de ações que abrange desde atividades efetivamente sustentáveis e de preservação até as atividades de aventura que se caracterizam por manobras desafiadoras. Nesse contexto, estão as aventuras responsáveis pela descarga de adrenalina, sensações humanas transformadas em mercadoria (BRUNHS, 1998).

Ecoturismo e esportes de aventura são dois segmentos distintos, mas em muitos destinos apresentam zonas de contato: o ecoturismo busca lugares intocados e os esportes de aventura se apropriam desses lugares para a prática dos esportes como a: caminhada, *canyoning*, canoagem, escalada (alpinismo),

espeleologia, mergulho esportivo, *mountain bike*, *off-road*, *paraglinding* (parapente), *rafting* e *hidrospeed*, *surf* e turismo eqüestre, entre outros.

FERNANDES (apud JESUS, 2003, p.77), aponta que:

a terminologia empregada pelos usuários vem sendo socialmente construída nas últimas duas décadas, longe portanto, de estar consolidada. Nesse sentido, um conjunto igualmente indefinido de modalidades esportivas pode ser denominado de “esportes radicais”, “de ação”, esportes extremos ou “X-games”.

Apesar de encontramos várias designações, as “atividades de aventura” são as mais aceitas para sinalizar a busca por sensações e emoções na natureza e que apresentam cenários de risco e beleza a ser consumidos.

Para JESUS (2003p.83), *“trata-se de mais uma variação do amplo e polissêmico ecoturismo, tendo a particularidade de tomar os esportes de aventura como seu canal de realização”*. Ainda segundo Jesus, o melhor exemplo no Brasil é a cidade de Brotas, a “capital paulista dos esportes radicais”, onde *“ao que tudo indica, o projeto de ecoturismo esportivo foi muito bem-sucedido”* (JESUS, 2003, p.85). A pergunta que deve ser feita é: bem sucedido para quem?

Assim, o ecoturismo passa a ser praticado atrelado aos esportes de aventura, lembrando que os conceitos e as práticas dessas duas modalidades são contraditórias, sendo praticamente impossível um mesmo destino conseguir conciliar as duas modalidades.

3. Ciclo de vida das destinações turísticas

No território brasileiro há uma infinidade de localidades cuja beleza paisagística tem se transformado em produtos turísticos, a fim de atender a uma demanda cada vez mais crescente. Ambientes naturais preservados têm se transformado em produtos turísticos. Porém, isso vem ocorrendo, em muitos casos, sem uma discussão prévia das transformações decorrentes dessa nova forma de uso dos recursos naturais.

No caso específico de ambientes naturais deve-se procurar a compreensão dos limites de exploração e orientar o seu uso em função principalmente dos processos de inter-relação e interdependência que envolvem os elementos que compõem o sistema turístico.

Segundo BENI (1998, p. 26) *“O Sistur¹¹ é um sistema aberto que realiza trocas com o meio que o circunda e, por extensão, é interdependente, nunca auto-suficiente”*. Ou seja, o turismo influencia as localidades onde se desenvolve e as características dessas também influenciam direta ou indiretamente no seu desenvolvimento, possibilitando, assim, sua existência no tempo e no espaço.

BUTLER (1980) toma emprestado o conceito de ciclo de vida, utilizando estratégias de marketing de produto para analisar destinações turísticas em regiões e países onde o turismo se desenvolveu.¹²

Neste trabalho, o conceito de ciclo de vida das destinações turísticas elaborado por BUTLER (1980) será utilizado para analisar o desenvolvimento do turismo no município de Brotas.

O modelo de Butler estabelece o ciclo de vida em cinco fases, as quais são capazes de demonstrar como as localidades são afetadas pelo turismo. São elas: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio ou recuperação (renovação).

¹¹ SISTUR – Sistema de Turismo. Para melhor compreensão ver BENI (1998)

¹² Ruschmann (1997) também faz o uso desse mesmo conceito de R. W. Butler.

A Figura 2 ilustra o conceito utilizado por Butler (1980).

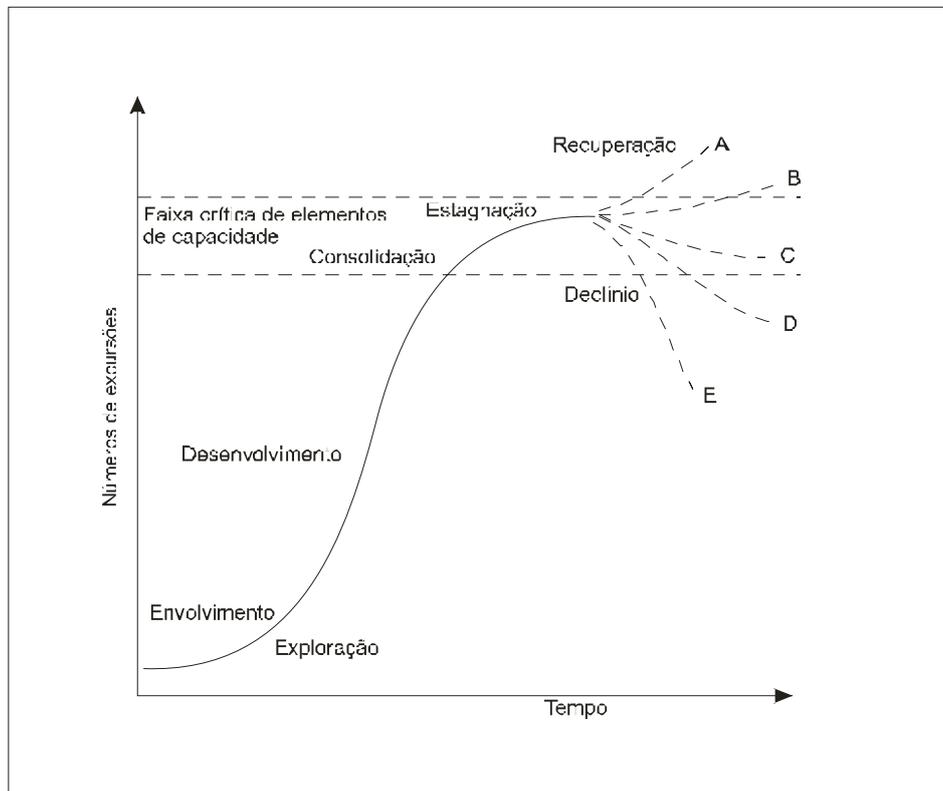


Figura 2. Ciclo de vida das áreas turísticas

Fonte: reproduzido de BUTLER (1980)

A seguir, as cinco fases são caracterizadas, identificando-se os seus elementos constitutivos.

Exploração: a localidade apresenta algumas facilidades para os visitantes, sendo ampliadas pela população local com o objetivo de criar um mercado forte e fiel e gerar lucros. Geralmente visitada pelos exploradores, pessoas que buscam novidades e aventura, mas existe dificuldade de acesso e de instalações, pois os principais atrativos são as atrações naturais, a cultura, os aspectos originais da comunidade.

Envolvimento: as comunidades locais devem decidir se querem estimular a atividade turística e que segmento devem implantar. À medida que o turismo vai

se desenvolvendo iniciativas locais começam a oferecer serviços aos visitantes. Essa fase é importante para estabelecer processos de organização e tomada de decisões apropriadas para a atividade. Nessa fase deveriam ser controlados os limites de visitação ao atrativo, pois a comunidade ainda estaria envolvida no processo, salvaguardando assim aspectos relevantes para atrair o turista.

Desenvolvimento: caracterizado pelo domínio de empresas e serviços externos, cuja participação ajuda a controlar os custos e a manter a competitividade do local, diante de outras destinações. Os destinos recebem visitantes exigentes, que buscam conforto e segurança.

Nessa fase a participação da comunidade diminui em relação ao controle dos equipamentos, dando lugar à entrada de organizações externas, que estimulam o crescimento do número de visitantes. A localidade passa a receber grande quantidade de visitantes, chegando a igualar ou ultrapassar o número de habitantes da destinação. Nesse estágio começam a aparecer os problemas, será um momento crítico se a localidade não estiver estruturada, sendo frágil aos investimentos que estarão chegando.

O poder público também começa a se abalar, pois se torna difícil o controle da infra-estrutura como água, esgoto, lixo, segurança além da deterioração dos recursos naturais e construídos da cidade e da tranquilidade e segurança das pessoas do local.

Consolidação: o apogeu quantitativo da demanda se alcança na fase de saturação da destinação que, a partir daí, começa a decair na preferência do turista. Começa aí a luta pela sobrevivência. Os preços começam a cair para lotar os equipamentos e para se ter viabilidade econômica. Assim, o destino passa a atrair uma demanda com menor poder aquisitivo, acontecendo muitas vezes a degradação das atrações turísticas, que perdem a atratividade e ficam, muitas vezes, “fora de moda”. Essas destinações ficam num estágio em que não são mais familiares nem exóticas.

As localidades que utilizam os recursos naturais como atrativo acabam se deteriorando pelo mau uso deles, seja na construção de equipamentos como hotéis e restaurantes, quanto no excessivo número de visitantes no ambiente em

questão. A “massificação” do turismo faz com que os recursos percam suas qualidades e características peculiares, perdendo, assim, a originalidade dos atrativos.

Estagnação: durante essa fase, a destinação não está mais em evidência na mídia e passa a depender de visitas repetidas dos mais conservadores.

Declínio: se existe uma queda prolongada no número de visitantes, nos gastos ou nas pernoites na destinação, afetando a lucratividade, é preciso admitir o início do declínio. Essa fase é caracterizada pelo turista que deseja conhecer o maior número de atrações pelo menor preço. Nessa fase, buscam-se novos mercados, o seu reposicionamento ou atribuir novos usos para as instalações estabelecidas.

Renovação: feita pelos administradores públicos e privados por meio de um planejamento, modificando o produto e buscando novos mercados. As estratégias de renovação são difíceis de se implementar, pois se lida com produtos e serviços já estabelecidos nas destinações em vez de um produto para o consumidor, ou seja, um produto renovado, mas não inédito.

Determinar a unidade de mensuração em que se encontra a destinação turística é fundamental para determinar o nível de saturação de uma localidade ou produto. Além disso, o ciclo de vida facilita entender a dinâmica de crescimento da localidade e registrar quais foram os impactos negativos e/ou positivos ocorridos em cada uma das fases. Acima de tudo, ele possibilita um acompanhamento dinâmico e histórico dos processos que fizeram daquela localidade uma destinação turística e quais são as conseqüências disso.

Podemos também explicar o ciclo de vida da destinação pelo tipo de turista que freqüenta o destino. Assim, os alocêntricos são pessoas com interesses em várias atividades; são extrovertidas e autoconfiantes, buscando sempre novidades e aventuras. A atividade turística torna-se para elas uma forma de se expressarem e satisfazer suas curiosidades. São pessoas, com essas características, as responsáveis pela descoberta de novos destinos (THEOBALD, 2001, p.149).

Quando a destinação passa a ser mais conhecida e com mais infra-estrutura, com facilidades para atrair e acomodar mais turistas, passa a ser freqüentada

pelos mesocêntricos, correspondente ao turismo massivo. Nesse estágio a destinação já não é mais tão exótica e nem familiar. Pode-se perceber a transformação da localidade, a população local transforma-se muitas vezes em empregada do turismo, e geralmente abandona a agricultura (RUSCHMANN, 1997, p. 96).

Os turistas que visitavam a localidade passam a visitar outras destinações com as características originais o que acaba gerando a extinção da atividade turística, pois o turismo de massa causa a perda dos recursos, cujas características foram as motivadoras para o surgimento da atividade. Percebe-se também que existe uma interação muito próxima dos turistas com a população local, isso possibilita a mudança de comportamentos, atitudes e muitas vezes da própria identidade quanto a costumes e tradições locais.

Percebemos também, a transformação de muitas manifestações populares e folclóricas em verdadeiros palcos de espetáculo. KRIPPENDORF (1989) alega que o *“turismo destruirá o turismo”*, sugerindo a prática de um turismo mais brando, em que os turistas sejam atendidos pela infra-estrutura destinada à população local, bloqueando a implantação de equipamentos que alterem a originalidade das paisagens e dos recursos culturais (RUSCHMANN, 1997, p.96).

Essas conseqüências negativas, mais o aumento de equipamentos e alojamentos destinados à atividade turística, geralmente levam ao excesso da oferta sobre a demanda, ultrapassando assim os limites considerados menos prejudiciais aos recursos, deteriorando o produto.

O preço também é outro fator que pode ser taxado como responsável pela massificação, pois a própria concorrência faz com que o preço diminua, atraindo pessoas com menor poder econômico.

Localidades que utilizam os recursos naturais como atrativo acabam deterioradas pelo mau uso tanto por causa da construção de equipamentos como hotéis e restaurantes, como pelo número excessivo de visitantes no ambiente em questão. Portanto, a *“massificação”* do turismo faz com que os recursos percam sua originalidade.

A maioria das avaliações sobre o turismo utiliza o “gráfico de Butler”, que como já mencionado, baseia-se nos princípios de marketing. Outros modelos são utilizados, e serão analisados a seguir neste mesmo capítulo.

Segundo KOTLER (1998, p.307), o ciclo de vida do produto (CVP) é um conceito em marketing que fornece *insights* sobre a dinâmica competitiva de um produto e para afirmar que o produto possui um ciclo de vida, é necessário assumir quatro fatos:

- Os produtos têm vida limitada;
- As vendas do produto passam por estágios distintos, cada um oferecendo diferentes desafios, oportunidades e problemas para a empresa vendedora;
- Os lucros crescem e diminuem nos diferentes estágios do ciclo de vida do produto;
- Os produtos requerem estratégias diferentes de marketing, finanças, produção, compras e de recursos humanos em cada estágio de seus ciclos de vida.

Assim, podemos ter os estágios de introdução, crescimento, maturidade e declínio. Alguns autores destacam estágios adicionais, apontando de seis a dezessete diferentes padrões de CVP.

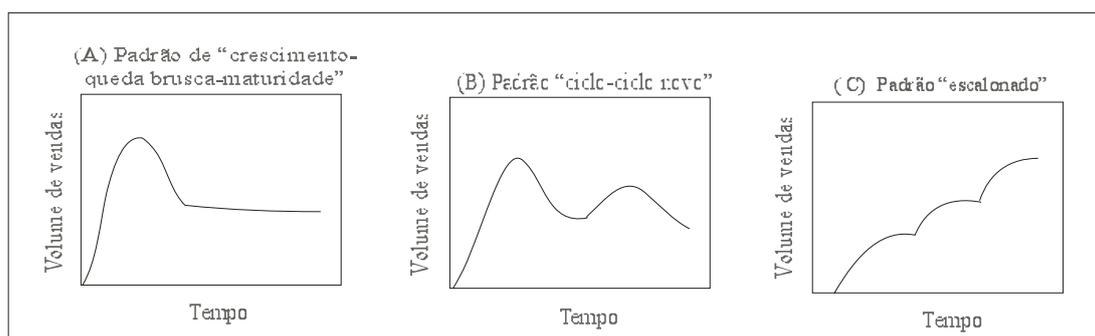


Figura 3 : Padrões de ciclo de vida
Fonte: KOTLER (1998, p.310)

Conforme a Figura 3, observamos três modelos de CVP. O primeiro gráfico mostra um padrão de *crescimento-queda-maturidade*. O produto é vendido rapidamente quando introduzido no mercado e depois cai a um nível estabilizado, sendo sustentado pelos adotantes não imediatos, que compram o produto pela primeira vez e pelos adotantes imediatos, que repõem o produto.

O padrão *ciclo-novo* promove agressivamente novos produtos, produzindo um primeiro ciclo de vendas. Depois, as vendas começam a declinar e a empresa promove uma nova campanha que produz um segundo ciclo, geralmente de magnitude e duração menores.

Outro padrão comum é o *CVP escalonado*, em que as vendas atravessam uma seqüência de ciclos de vida baseadas na descoberta de novas características, novos usos e novos usuários do novo produto.

Existem também três categorias especiais e distintas de ciclos de vida de produto, que são as relacionadas a estilo, moda e moda passageira.

Conforme KOTLER (1998, p.312), *estilo* é um modo básico e distinto de expressão que aparece no campo das atividade humana, como por exemplo: estilos de casas (colonial, campestre, moderna), vestuário (formal, extravagante) e arte (realista, surrealista, abstrata). Uma vez inventado o estilo, ele pode durar várias gerações, entrando e saindo de moda.

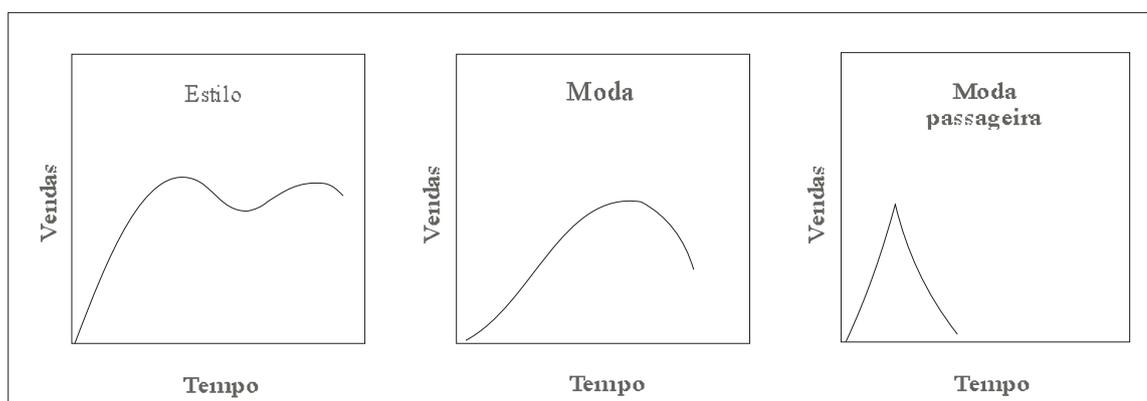


Figura 4. Categorias especiais e distintas de ciclos de vida de produto
 Fonte: KOTLER (1998, p.312)

Moda é um estilo aceito correntemente ou popularizado em um dado campo de atividade. A moda passa por 4 estágios:

- Estágio de *distintividade* – alguns consumidores têm interesse em algo novo para parecerem diferentes de outros consumidores;
- Estágio da imitação – outros consumidores estão interessados em imitar os líderes da moda;
- Estágio da *massificação* – a moda torna-se expressamente popular e os fabricantes começam a produzi-la em grande escala;
- Estágio de *declínio* – os consumidores começam a movimentar-se em direção a outras modas que estão começando a atrair sua atenção.

Dessa forma, as modas tendem a crescer lentamente, permanecem populares por um tempo e declinam lentamente.

A *moda passageira* – é a moda que surge rapidamente aos olhos do público, é adotada com grande entusiasmo, atinge o pico de venda muito cedo e declina com muita rapidez. Assim, tem uma aceitação curta e atrai um número limitado de seguidores.

Segundo KOTLER (1998, p.325), a partir de diversas fontes como WASSON (1978), WEBER (1976), DOYLE (1976) é apresentada a Tabela 6, seguindo os 4 estágios do produto: introdução, crescimento, maturidade e declínio.

No caso do turismo, cada estágio de desenvolvimento socioeconômico é dividido em fases distintas com características específicas e inerentes ao processo de implementação do turismo de aventura.

Os resultados demonstram que todas as atividades associadas ao turismo de aventura encontram-se em ascensão, e fomentam a economia para expansão urbana e rural e para o incremento de equipamentos e produtos turísticos. Essa fase é distinguida por um conjunto de características específicas como:

- Aparecimento diferenciado de produtos específicos de cada localidade;
- Surgimento de agências/operadoras de turismo;

Tabela 6. Resumo das principais características, objetivos e estratégias do ciclo de vida do produto				
	Introdução	Crescimento	Maturidade	Declínio
Características				
Venda	Baixa	Rápido crescimento	Atinge apogeu	Declinante
Custo	Alto	Médio	Baixo	Baixo
Lucro	Negativo	Crescente	Elevado	Declinante
Consumidores	Inovadores	Adotantes imediatos	Adotantes posteriores	Retardatários
Concorrentes	Poucos	Crescente	Número estável que começa a declinar	Número declinante
Objetivos de marketing				
Marketing	Criar consciência do produto	Maximizar participação de mercado	Maximizar lucro e ao mesmo tempo defender a participação de mercado	Reduzir gastos e tirar o máximo proveito da marca
Estratégias				
Produto	Oferecer um produto básico	Oferecer extensões de produtos, serviços e garantia	Diversificar marcas e modelos	Retirar itens fracos
Preço	Preço elevado	Preço penetração	Preço para acompanhar ou vencer a concorrência	Reduzir preço
Distribuição	Seletiva	Intensiva	Mais intensiva	Ser seletivo: desacelerar canais não lucrativos
Propaganda	Construir consciência do produto entre os adotantes e revendedores	Construir consciência e interesse no mercado de massa	Enfatizar as diferenças e os benefícios da marca	Reduzir o nível necessário para manter fiéis os bons consumidores
Promoção de vendas	Usar intensa promoção de vendas para estimular experimentação	Reduzir para aproveitar a forte demanda do consumidor	Aumentar para estimular a troca de marca	Reduzir ao nível mínimo

Fonte: baseado em Kotler (1998, p.325)

- São ampliadas as construções de instalações como hospedagens, restaurantes, hotéis; reestruturação na infra-estrutura da cidade como saneamento básico, estação de tratamento de esgoto, asfalto, acesso ao local, entre outros;
- Surgimento de investimentos externos juntamente com a oferta de produtos, bens e serviços;
- Há o envolvimento sutil da comunidade local como forma de opção de trabalho;
- O crescimento nessa fase é vertiginoso;
- Ocorrem as primeiras estratégias de conservação do ambiente, com base nas regulamentações, formação de conselhos populares, conselho municipal do turismo, legislação específica;
- Surge a preocupação com a capacidade de suporte;
- O fluxo de turistas é ascendente juntamente com o fluxo monetário;
- As terras do município e de seu entorno tornam-se mais valorizadas.

A identificação do estágio atual de desenvolvimento da atividade turística em Brotas poderá servir como contribuição aos tomadores de decisões, ao mesmo tempo em que adverte a comunidade local dos processos que envolvem as atividades associadas ao turismo, esclarecendo com antecedência as decisões a serem tomadas.

O resultado obtido implica na elaboração de um planejamento ambiental e turístico, uma vez que o ambiente é o suporte para a prática das atividades do ecoturismo e do turismo de aventura, justificando a aplicação de programas voltado à conservação, à conscientização e à educação ambiental. Com a proteção dos recursos naturais, será maior o período de duração de cada fase do ciclo de vida das atividades turísticas, concorrendo para a sustentabilidade do turismo e de atividades a ele associadas.

4. Material e Método

Esta pesquisa divide-se em três partes principais. Inicialmente foi realizada a revisão bibliográfica, seguida de entrevistas semi-estruturadas e mais o levantamento fotográfico.

4.1 Revisão Bibliográfica

Foram levantados e analisados os documentos referentes ao turismo no município existentes na Biblioteca Municipal da cidade, no Centro de Interpretação Ambiental (CIAM), na Diretoria de Turismo e Diretoria do Meio Ambiente. Foram consultados jornais, revistas, livros, dissertações, teses, artigos de periódicos e Internet a respeito das origens do desenvolvimento do turismo em Brotas. Esse levantamento contemplava também identificar alguns estudos desenvolvidos por outros autores, a respeito do mesmo tema, evitando possíveis repetições e erros quanto ao uso do conceito de Ecoturismo.

No decorrer das pesquisas encontramos muitos artigos apontando o Ecoturismo como o salvador de muitos ambientes intocados, mas na realidade ele sempre gerava impactos negativos onde estava sendo praticado. Em outras publicações, notamos o uso do ecoturismo como sinônimo de uma mercadoria que tinha o seu uso correto, contemplando o equilíbrio da natureza e do homem.

Mas o que mais nos chamou a atenção foi o uso indiscriminado do termo Ecoturismo, mesmo quando não era praticado. O termo é usado de forma errônea para designar práticas de esportes de aventura, consistindo do segmento de Turismo de Aventura, em que os participantes buscam esportes excitantes, inclusive com risco de vida, mas difere-se do conceito original do Ecoturismo, no qual se busca a contemplação como forma de lazer e aprendizado.

4.2 As entrevistas semi-estruturadas

A coleta de dados primários foi realizada por meio de entrevistas com a Diretoria de Turismo e as Agências de Turismo de Brotas, e com as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da atividade turística no município. Os dados obtidos foram tabulados e também apresentados de forma descritiva.

4.2.1. Delimitação do Universo

O Universo desta pesquisa foi delimitado em um estudo de caso, realizado em Brotas - SP, fazendo uma retrospectiva da história da implantação da atividade turística até os dias atuais, buscando compreender a atual situação desse segmento econômico no município, com base no conceito do ciclo de vida do produto turístico desenvolvido por BUTLER (1980).

4.2.2 A amostra

Por meio da pesquisa, na primeira fase, buscou-se saber das Agências de Turismo qual era a real situação do fluxo de turistas, já que por informações obtidas na Diretoria de Turismo, na fase de levantamento de dados, constatou-se que o *rafting* é o carro-chefe, responsável por 70% da visitação. Como o *rafting* é um esporte que precisa de equipamentos e de instrutores, é necessário que o visitante passe pela Agência de Turismo. Sendo assim, a primeira fase das entrevistas foi realizada em 8 das 12 agências existentes em 2005, na cidade. Vale ressaltar que foram procurados os proprietários das agências que não

constam da lista apresentada na Tabela 12 (p.70), mas durante a pesquisa não se encontravam ou preferiram não participar dela.

A entrevista buscava identificar:

- Ano de abertura da agência;
- Naturalidade do proprietário (acredita-se que na fase de desenvolvimento do turismo muitas pessoas vindas de outras cidades instalaram equipamentos turísticos na localidade);
- Razões para trabalhar com turismo em Brotas;
- Razões do desenvolvimento da atividade turística no município;
- O grau de desenvolvimento do turismo quando da abertura da agência e entre 2000 e 2002;
- Qual o cenário do turismo atualmente na cidade e
- O que esperam do turismo a partir de 2005.

No segundo momento, foram realizadas entrevistas com pessoas consideradas importantes para o desenvolvimento da atividade turística no município: João Batista Negrão (Secretário do Meio Ambiente no momento da implantação da atividade turística em Brotas; fundador da ONG Movimento Rio Vivo); Maria Pia (Proprietária do Acampamento Peraltas, primeiro equipamento destinado ao entretenimento e lazer do município); Eva Firmino Santana (Membro da ONG Movimento do Rio Vivo e que participou da abertura da primeira agência de turismo em Brotas); Fabio Lenci (fazia parte como sócio da primeira agência de turismo, a Mata'dentro. Atualmente, preside a Ong Movimento do Rio Vivo); José Carlos Francisco Junior (sócio da Mata'dentro. Atualmente, atua no segmento em parceria com Agência Alaya).

Por meio dessas entrevistas, buscamos identificar como está a atividade turística no cenário atual. Com base na análise do ciclo de vida do produto, proposto por BUTLER (1980), apontaremos os estágios desse ciclo, do nascimento ao desenvolvimento da atividade até seu eventual declínio, estagnação ou rejuvenescimento.

4.3 Levantamento Fotográfico

Foram pesquisadas as fotografias que revelam as características fisiográficas da região. A fotografia também foi usada como recurso para mostrar os impactos positivos e negativos que a atividade do turismo gerou ao município. Como no caso a prática do arvorismo nas copas das árvores, e a degradação das margens do Rio Jacaré Pepira.

As fotos antigas da prática da descida de bóia fazem parte do acervo de José Carlos Francisco Júnior.

Ressaltamos que deveria ser dado um tratamento especial a esse acervo, e cópias desses arquivos fossem feitas por meio do Departamento de Turismo; assim, toda a documentação fotográfica poderia se transformar em uma fonte de pesquisa, e portanto, num local interessante para visitação de turistas.

As fotografias dos esportes de aventura praticados em Brotas foram gentilmente cedidas pela Agência Alaya mas, infelizmente não foi possível identificar os meses em que as fotos foram tiradas.

5. Cenário da pesquisa

5.1 A Origem do Nome

Para a origem do nome Brotas são citadas várias versões no livro “Brotas – Cotidiano & História” de RAMOS ; BUSSAB; SOUZA e SANSONI, (1996, p.120) tais como: Brotas de olho d’água; Brotas de Broto de capim (mato que brotava após pousadas de tropeiros); Brotas como derivado de “bolotas” (biscoitos característicos fabricados no local). A mais coerente parece ser a de que Francisca Ribeiro dos Reis, descendente de portugueses, tenha trazido para Brotas a devoção a Nossa Senhora das Brotas que, em Portugal, desde o seu aparecimento no século XV, tem atendido aos pedidos a quem a ela se dirige. O mesmo pode ter acontecido em Lindóia, cidade colonizada por portugueses e espanhóis, e que tem como centro de sua devoção Nossa Senhora das Brotas, a sua padroeira, em função da grande quantidade de “brotos” d’água (denominação antiga de nascentes d’água). A região onde está localizada Brotas também é rica em nascentes d’água (brotas d’água).

Um outro fator que chama a atenção para essa versão é a existência de uma imagem de Nossa Senhora das Brotas, de meados do século XIX, na Capela de Santa Cruz, em Brotas.

5.2. Localização

O município de Brotas localiza-se no centro geográfico do Estado de São Paulo, distando por rodovia a 242 km da capital. Possui uma área de 1.001 km² (IBGE 2004), sendo o 6º município em extensão do Estado. Brotas está inserida na APA de Corumbataí.



Figura 5. Localização do município de Brotas no estado de São Paulo.
Desenhista: Gilberto Donizetti Henrique, 2006.

Apresenta como coordenadas geográficas latitude: 22° 17' sul; longitude: 48° 08' oeste e altitude: 661 m. Faz limites com: Torrinha (Sul), Dois Córregos (Oeste), Itirapina (Leste), Dourado (Noroeste), Ribeirão Bonito (Norte), São Carlos (Nordeste) e São Pedro (Sudeste).

5.3. Acesso

O acesso ao município de Brotas pode ser feito pela SP 225 - Rodovia Engenheiro Paulo Niloromano, SP 330 - Rodovia Anhanguera, SP 310 - Rodovia Washington Luís, SP 340 - Rodovia Bandeirantes e SP 197 - Rodovia Américo Piva.



Figura 6. Acesso por rodovias
 Fonte: www.brotas.sp.gov.br (2006)

5.4 Aspectos Fisiográficos

Utilizamos a descrição fisiográfica a seguir visando a analisar a particularidade do geossistema do município de Brotas e o provável responsável pelo surgimento da atividade turística no local.

5.4.1 Geologia Regional

Segundo descrição de ALMEIDA (et alii, 1981), e citado por MAIER (1983), na bacia do Jacaré Pepira ocorrem rochas predominantemente do Mesozóico, a saber: grupo São Bento com formações Pirambóia, Botucatu e Serra Geral, à qual associam-se Intrusivas Básicas e o grupo Bauru com formação Adamantina. Segundo MAIER (1983), citando PONÇANO (1981), ocorrem ainda coberturas Cenozóicas da formação Itaqueri e Aluviões e Coluviões .

A formação Pirambóia apresenta arenitos finos e médios de deposição fluvial, podendo também ocorrer folhelhos e arenitos argilosos. Já a formação Botucatu apresenta arenitos de granulação fina a média, de origem eólica e com estratificação cruzada. Podem ocorrer pequenos corpos de siltitos, argilitos e

conglomerados, todos de deposição fluvial ou lacustre. Por sua vez, a formação Serra Geral, apresenta rochas vulcânicas sob a forma de derrames basálticos de coloração escura. Nesses derrames podem ocorrer intercalações de arenitos eólicos da formação Botucatu (MAIER, 1983).

Os aluviões e coluviões, presentes na bacia, são constituídos principalmente por argilas com alto teor de matéria orgânica (MAIER, 1983). Na bacia hidrográfica considerada ocorrem estruturas que revelam o tectonismo da região. A orientação geral do curso do rio Jacaré Pepira parece indicar uma influência do alinhamento estrutural do Tietê. A Oeste de Dourado, no divisor de águas entre as bacias do Jacaré Pepira e Jacaré Guaçu o mapa geológico citado assinala a presença de alguns falhamentos de gravidade, o mesmo ocorrendo junto ao curso do rio, ao sul de Brotas, a jusante do cruzamento deste rio com a rodovia Araraquara - Jaú (SP225). Nessa mesma região é assinalado um domo que define o interflúvio entre as duas bacias citadas (MAIER, 1983).

A erosão no período Cenozóico propiciou o surgimento da depressão periférica, das Cuestas Basálticas e do Planalto Ocidental, que compõe o relevo atual da região

5.4.2 Geomorfologia

A beleza privilegiada da paisagem regional, que incentivou o advento do ecoturismo é resultado da geomorfologia do município de Brotas.

O relevo é constituído de planaltos tubulares e cuestas basálticas concêntricas, que drenam suas águas para os rios Paraná e Uruguai. As Cuestas Basálticas são um relevo escarpado, dessimétrico, seguido de uma sucessão de camadas com diferentes resistências ao desgaste e de grandes plataformas estruturais de relevo suavizado, inclinadas para o interior em direção à calha do Rio Paraná. O topo é denominado de frente da cuesta e a base de reverso da cuesta. O entalhamento do reverso dessas cuestas , um corte íngreme na região frontal, deu lugar a grandes anfiteatros de erosão, e muitos destes cortes apresentam quedas d'água (MAIER, 1983).



Figura 7: Detalhes do relevo do município de Brotas - 3ª Cachoeira do Jacaré, Mata'dentro Ecoparque, bairro do Patrimônio
Foto: Alaya (2005)



Figura 8: Detalhes do relevo – Morro da Sela
Foto: Alaya (2005)

A disposição desse relevo confere ao município características particulares, com cenários de beleza cênica propícios para a atividade de contemplação e o grande número de cachoeiras é mais uma opção para que a atividade do turismo tivesse, assim, bases peculiares para se desenvolver.

5.4.3 Climatologia

O clima da região de Brotas está classificado como CWA, segundo o Sistema de Köppen, apresentando um inverno seco. (SETZER, 1966, apud RUSCHMANN, 1997).

Brotas encontra-se sob clima tropical e 90% das chuvas ocorrem de outubro a março, demarcando duas estações climáticas distintas: a chuvosa e a seca. A temperatura média anual é de 18° a 22°.

Como ocupa a posição central, próxima ao rebordo das escarpas, nas cuestas, apresenta características climáticas peculiares; assim, o inverno é ameno, com dias quentes e as noites mais frias, tornando favorável a prática das atividades turísticas mesmo no inverno.

5.4.4 Vegetação

A vegetação típica do município de Brotas se divide em extensões interioranas da Mata Atlântica localizadas nas escarpas da cuesta, cerrados e cerradões no reverso da cuesta, e matas de galerias que seguem os cursos d'água.



Figura 9: Matas de Galeria – Furna do Rio Jacaré Pepira, antiga Usina Hidroelétrica, bairro do Patrimônio atual Mata'dentro Ecoparque. Foto: Alaya (2005)

Segundo RUSCHMANN (1997), a vegetação que cobria o reverso da cuesta foi praticamente toda devastada com a instalação de fazendas na região. A paisagem típica constituía-se de mata umbrófila aberta e floresta estacional, extensões interioranas da mata atlântica. Na frente das cuestas, nos trechos mais íngremes, salvam-se as matas nativas. As matas de galeria, que formavam extensas áreas ao longo dos cursos d'água que drenam a região, também sofreram drásticas reduções de sua cobertura vegetal, anteriormente larga em ambas as margens dos rios e riachos locais.



Figura 10: Redução da cobertura vegetal – vista do vale do Rio Jacaré (região do Varjão)
Foto: Alaya (2005)

5.4.5 Recursos hídricos

A região de Brotas apresenta um potencial e efetivo recurso paisagístico que envolve principalmente os recursos hídricos, com corredeiras, saltos e cachoeiras, que atualmente tem sido considerado a razão do fluxo turístico.

GRIGOLIN (2004,p.29) descreve que:

devido à estrutura monoclinal¹³, a drenagem se acomodou aos declives das camadas, estabelecendo rios consequentes¹⁴ que, além de escavarem a periferia da grande bacia devido ao soerguimento positivo desta última, entalharam em " percée " ¹⁵ o bordo daquele planalto. Tendo os rios principais se encaixando nos arenitos, colocando a mostra

¹³ Relevo cuja estrutura das camadas sedimentares é inclinada numa só direção.

¹⁴ Rios que correm segundo a direção do mergulho das camadas.

¹⁵ Abertura feita por um rio consequente ao atravessar uma frente de *cuesta*.

as camadas de basalto, originou-se uma série de corredeiras e quedas d'água.

O Rio Jacaré–Pepira tem 174 km de extensão, sua hidrografia abrange uma área de 2.612 km², faz parte da Bacia do Rio Paraná, pertencendo à Bacia Hidrográfica do Rio Tietê (Médio Tietê).

De acordo com a CETESB São Paulo, por meio da Rede de Monitoramento de Qualidade das Águas Interiores do Estado de São Paulo, a bacia do Rio Jacaré Pepira apresentou, em 2003, qualidade boa para o índice de Qualidade de água Brita para fins de abastecimento Público e qualidade Regular para o índice de Qualidade de Água para Proteção da Vida Aquática. Portanto, apresenta, no geral, boa qualidade de acordo com os parâmetros utilizados pelo Ministério Público.



Figura 11: Rio Jacaré Pepira – Parque dos Saltos
Foto: Alaya (2005)



Figura 12: Rio Jacaré Pepira – Três Saltos, trecho final do *rafting*
Foto: Alaya (2005)



Figura 13: Mata'dentro Ecoparque – 2ª cachoeira São Sebastião, bairro do Patrimônio.
Foto: Alaya (2005)

Em Brotas, algumas empresas como a Paraíso Bioenergia e Ripasa desenvolveram ações de conservação da mata ciliar existente com o replantio de espécies nativas juntamente com proprietários de fazendas e sítios e por algumas agências de ecoturismo do município. (GRIGOLIN, 2004,p.72).

Assim, os atrativos turísticos de Brotas, estão intimamente associados aos recursos hídricos e ao relevo, apresentando-se assim como um patrimônio paisagístico valorizado do ponto de vista do ecoturismo.

5.5. Perfil do Turista

Na Tabela 7, a seguir, é apresentado o perfil do turista que visita Brotas, segundo informações cedidas por José Carlos Francisco Júnior ¹⁶ (2005):

Tabela 7. Perfil do turista					
Características	Plano de marketing – USP - 1996	Prefeitura Municipal de Brotas - 1997	Prefeitura Municipal de Brotas- 1999	Plano de Marketing – Mata'dentro	Perfil geral:
Origem	46,96% SP capital	70% grande São Paulo	52% grande São Paulo e Campinas	Não analisou	Predomínio da grande São Paulo
Faixa etária	42,93% de 18 a 25 anos e 29,29% de 26 a 34 anos	25%-18 a 25 anos 30%-26 a 34 anos 33%-35 a 50 anos	85% faixa etária entre 21 e 48 anos	Entre 18 a 39 anos	10-50 anos, predominando entre 20 e 45 anos
Sexo	Não analisou	50% masculino 47% feminino	57,35% masculino 42,64% feminino	Sexo masculino (62%)	Ambos, com tendência de predomínio masculino
Poder aquisitivo	Renda familiar de mais de 20 salários mínimos	36% mais de 20 salários, 22% de 6 a 10 salários e 17% de 11 a 15 salários mínimos	40% de 10 a 30 salários mínimo	Classe social entre A1 e A2 55% dos entrevistados	Médio/elevado
Nível cultural e escolaridade	Médio/elevado	69% superior completo, 16% superior incompleto e 11% ensino médio	50% nível superior completo, 23% nível médio completo	Médio/elevado	Médio/elevado Predomínio de nível superior completo
Tipologia	Estudantes universitários e turistas de interesse genérico	Profissionais jovens, casais, grupo de amigos.	Profissionais jovens, casais, grupo de amigos.	Profissionais jovens, casais, grupo de amigos.	Predomínio de turista de interesse genérico

Tabela 7. Perfil de turista de Brotas
Fonte: Jose Carlos Francisco Júnior, 2004.

¹⁶ José Carlos Francisco Júnior – ex-proprietário da agência Mata'dentro e hoje adjunta à agência Alaya, é Zootecnista, mestre em Ciência Animal e Pastagem e especialista em Educação Ambiental pela ESALQ/USP.

Com base na Tabela 7, podemos notar que a maioria dos turistas que visitam Brotas são da grande São Paulo e de Campinas. A faixa etária predominante são pessoas entre 20 a 45 anos (identificado pelo esforço físico dispensados para as atividades de esporte de aventura), de ambos os sexos. O poder aquisitivo compreende a classe média a elevada (40% dos entrevistados com renda entre 10 a 30 salários mínimos). O nível cultural dominante é o superior completo com interesse genérico.

José Carlos Francisco Junior, a seguir, aponta a motivação e expectativas do turista que visita Brotas (Tabela 8)

Tabela 8. Principais Motivações e Expectativas dos visitantes

Motivação e Expectativas:

- Lazer e descanso;
 - Praticar atividades de esporte aventura, lúdicas e contato com a natureza;
 - Relacionamento (conhecer novas pessoas e novas comunidades e interagir);
 - Conhecimento e curiosidade;
 - Fantasia;
 - Fuga da rotina.
-

Tabela 8. Perfil de turista de Brotas

Fonte: Jose Carlos Francisco Júnior, 2004.

Quanto às motivações e expectativas dos visitantes, enfatizamos a fuga da rotina em busca do descanso em contato com natureza. Assim, Brotas se apresenta como um cenário ideal para a prática de atividades que têm na natureza uma forma de lazer como forma de atrativo para o turista.

6. Análise dos Resultados

6.1. Origem e Evolução da Atividade Turística em Brotas

O desenvolvimento de atividades ligadas ao ambiente natural tem seguido uma tendência mundial e a procura por lugares quase intocados tem tido uma constante nos últimos tempos.

Brotas é uma cidade que possui, ao longo de sua história, várias passagens marcantes, até chegar a ser reconhecida como cidade turística. A cidade apresenta cenários de beleza cênica propiciada pelas características fisiográficas, possuindo atrativos naturais como cachoeiras, rios com corredeiras e matas nativas, suporte para o crescimento da atividade turística.

Na Tabela 9 a seguir, apresentamos alguns dados obtidos na Diretoria de Turismo, em Brotas, no mês de julho de 2005. A partir desses dados tentaremos investigar quais os motivos que levaram o destino ao seu auge e o provável declínio no que tange à atividade turística.

Em Brotas, na década de 1960, o turismo era explorado informalmente pelas famílias locais, parentes e amigos visitantes, sendo o Rio Jacaré Pepira o principal atrativo.

João Batista Negrão¹⁷ relata:

Eu faço o passeio de bóia desde criança. Quando a gente começou, com isso daí, eu me lembro que a gente descia essas corredeiras, mas sem bóia, se machucava todo, então entrava naquelas ondas e entrava de peito, o joelho ficava todo esfolado, era a molecada maluca, todo moleque tem um pouco de louco. Depois é que aconteceu, aliás, não começou com bóia, começou com prancha. Então o pessoal pegava uma tábua leve e se apoiava para não machucar o peito, e entrava naquela ondas quando o rio enchia, como está agora, entrava naquelas ondas e era divertido, era uma festa, depois teve alguém que montou numa câmara de ar e viu que era melhor a câmara de ar, do que se machucar todo e aí foi evoluindo, mas isso era de quando eu tinha 12 ou 13 anos, faz muitos anos. O nome bóia-cross eu não sei de onde veio, a gente ia a pé até o pontilhão da FEPASA, na Carvoaria, mas a gente descia esse trecho menor do Caju, depois que a gente foi se aventurando mais para

¹⁷ João Batista Negrão – cirurgião dentista, precursor do Movimento Rio Vivo no município, pessoa considerada importante na fase de implantação da atividade turística em Brotas.

cima e depois começamos a descer aqui em baixo, porque quando o rio não estava cheio, aqui era ruim para descer, bate muito em pedra, então a gente começou a descer aqui, mas aqui era muito perigoso, porque aqui era mais radical.(João Batista Negrão, 70 anos:2006).

José Carlos de Francisco Junior, na Revista e Jornal de Ecoturismo, aponta que após a crise do café houve uma estagnação econômica no município, quando perdeu-se parte da população para os grandes centros urbanos. (Revista e Jornal de Ecoturismo, 2004:9).

Na década de 70, mais precisamente em 1978, foi cogitada a transferência da capital do Estado de São Paulo para o interior. Brotas seria palco da nova capital, pois novamente as características fisiográficas, principalmente os recursos hídricos, eram satisfatórios para esse acontecimento.

Maria Pia¹⁸ (2005) relata:

Brotas é um lugar lindo. Nós temos aqui um braço do aquífero Guarani o maior lençol freático do mundo, água pura, água em abundância, água cristalina de boa qualidade e uma extensa área que pertencia ao governo. O governo tinha uma área muito grande, não sei se ainda tem. A idéia dele era muito saudável, faz a capital, compra uma área muito grande, vende os terrenos em volta. Na realidade, a mesma coisa que aconteceu em Brasília; não seria bom para o povo de Brotas, mas seria muito bom para o povo de São Paulo.

A valorização da terra como atrativo financeiro sempre esteve presente na opinião das pessoas. Negrão (2006) lembra que nessa época:

Houve a criação do Bairro do Campos Elysios. Eles aproveitaram aquele momento e acharam que ia ter um fluxo muito grande de pessoas e acabaram loteando, depois ficou quase vinte anos totalmente parado. Com o tempo, Brotas cresceu e acabou ocupando aquele bairro, mas na época muita gente de São Paulo comprou terrenos em Brotas. Eu acompanhei bem na ocasião, o idealizador disso daí é um professor da USP de São Carlos, o Corsini, e a idéia dele é que aqui seria a região ideal, havia algumas áreas que haviam sido levantadas, uma perto de Avaré, três na região de Brotas (Broa, Patrimônio, entre uma e outra), chegou até ser feita a demarcação da área, mas daí a própria Assembléia não aprovou e passou a era Maluf.

¹⁸ Maria Pia é proprietária do Acampamento Peraltas implantado desde 1978, no município de Brotas e proprietária, também, da Agência Brotas Aventura.

Tabela 9. Características do turismo em Brotas antes de 1993, em 2001 e em 2005

ANTES DE 1993	2001	2005
Nenhum sítio turístico	20 sítios turísticos e três áreas de visitação controlada	20 sítios turísticos e três áreas de visitação controlada
Uma agência de Ecoturismo	15 operadoras de Ecoturismo	10 operadoras de Ecoturismo
Mata'dentro		
Nenhum produto turístico	Dezenas de produtos turísticos	Novos investimentos para a diversificação dos atrativos Ex: Mata dentro Ecoparque
Nenhuma imobiliária especializada	2 imobiliárias especializadas	2 imobiliárias especializadas
Nenhum monitor local	Mais de 300 monitores	Mais de 350 monitores
2 antigos hotéis (130 leitos)	17 hotéis e pousadas (1200 leitos) Casas de aluguel ~1500 leitos Áreas de camping ~300 pessoas	25 hotéis e pousadas Dezenas de casas 6 áreas de campings
1 restaurante	15 restaurantes	20 restaurantes
Pequeno fluxo de turistas	Estimativa 1998 a 2000 - Finais de semana – 1500 turistas, Feriados (3 dias) – 5000 turistas, Carnaval – 8 mil turistas 96% dos turistas pretendem voltar	Queda do fluxo em aproximadamente 40 %
Pouca produção de artesanato	Associação de artesãos – 4 lojas de artesanato local Produção nas fazendas – doces, pinga, mel, licores e queijos	maior produção de produtos típicos nas fazendas (doces, pingas, licores), feira de artesanato
Pouco envolvimento do comércio	Comércio aberto nos finais de semana – aumento de ~40% do faturamento	Comércio aberto nos finais de semana
Pouca participação institucional	Maior vontade política Criação do COMTUR, FUNTUR, Elaboração da normatização para o turismo de esporte de aventura	COMTUR, FUNTUR, CIAM Normatização aprovada (todas as empresas trabalham irregularmente sem fiscalização)
Brotas não era considerada destino turístico	Considerada oficialmente cidade turística (EMBRATUR) Conhecida nacionalmente como a Capital dos Esportes de Aventura A comunidade participa, muitas pessoas alugam suas casas para turistas nos finais de semana para ter renda. Em 2002 ouviram-se reclamações e insatisfação quanto a ruídos, segurança, drogas e infra-estrutura. Entrada de empresas externas	Busca pela categoria na EMBRATUR de “Estância Turística” O “trade” ¹⁹ se preocupa com a qualidade no serviço, capacitação e amadurecimento nas atividades. Existe o pensamento de ter novamente uma cidade com consciência preservacionista.
1970 – mídia informava sobre as águas medicinais na Fazenda Areia que Canta	Mídia – muita divulgação em todos os jornais, revistas e televisão	Pouca ou quase nenhuma mídia Procura pela divulgação de várias cidades agrupadas – incentivando o turismo regional

Fonte: Diretoria de Turismo de Brotas, 08/2005

¹⁹ “Trade” – o turismo é composto por diversos equipamentos e serviços destinados a satisfazer às necessidades do cliente. O conjunto destes e as empresas e organizações que administram são chamados de “trade turístico”. (“Meu negócio é Turismo, Ministério do Turismo, 2002).

Maria Pia, precursora do turismo em Brotas, relata:

Quando nós começamos com turismo, o pessoal dava risada, gozava, naquela época se dizia assim: “Conheça Brotas antes que se acabe”. Ninguém acreditava, nem o prefeito e o pessoal da cúpula, eles queriam trazer indústria e meu marido dizia: indústria polui. A indústria vai tirar tudo o que nós temos de bom, o ar puro, e ele tava certo.

O projeto para a implantação do ecoturismo em Brotas não nasceu apenas como fruto das mobilizações que estavam acontecendo globalmente. O Consórcio Intermunicipal do Rio Jacaré Pepira ou a mobilização popular formada para barrar a entrada de um curtume em Brotas, foram ações importantes para que a atividade se desenvolvesse.

O rio Jacaré Pepira nasce próximo à região central do Estado de São Paulo, nos municípios de São Pedro e Itirapina, passa pelos Municípios de Brotas, Bocaina, Torrinha, Ribeirão Bonito, Bariri, Boa Esperança do Sul, Dourado, Jaú, Dois Córregos, Itajú e deságua no Rio Tietê, na represa de Ibitinga, abrangendo uma área de 7.219 km². (CEPAM, 1983:3)

O consórcio do Rio Jacaré Pepira teve sua origem quando o Governo Estadual, em meados de 1984, propôs a organização de Conselhos Municipais do Meio Ambiente – CONDEMA.

Pelas entrevistas realizadas, percebe-se que o processo esteve ligado aos interesses com a preservação da natureza, principalmente da mata ciliar do Rio Jacaré Pepira.

O consórcio do Rio Jacaré nasceu de um projeto entre João Batista Negrão, do Dr. Antonio de Padua Bertelli e o então prefeito Pedro Ragassi.

João Batista Negrão conta:

Como estavam surgindo atividades no sentido de preservação, tendo como centro o Rio Jacaré, muita coisa não dependia de uma ação local e sim de uma ação mais geral, assim, surgiu a idéia de se fundar um parque, sendo que no início da coisa não foi um Consórcio. E aí que entrou o CEPAM, na primeira reunião que nós tivemos para falar sobre isso daí, para discutir essa idéia da criação de uma área intermunicipal de preservação onde abrangesse toda a bacia do rio Jacaré. A gente pensava num parque ecológico, tanto é que a primeira matéria publicada

sobre esse assunto foi no jornal o Estado de S. Paulo, de um jornalista de Bauru, e que ele dizia assim: 'nasce o parque ecológico do Rio Jacaré'. Ele já foi um pouco adiantado na idéia. Porque quando ele soube desse movimento, ele esteve aqui em Brotas e numa entrevista onde estávamos nós três a gente tinha uma idéia de fundar um parque, essa era a idéia da gente. O CEPAM que nos alertou de que um parque não poderia ter esse tipo de aglutinação, porque um parque precisaria ser desapropriado, e que essa figura jurídica não cabia ou era inviável devido a certos detalhes, então o pessoal da área jurídica do CEPAM fez um estudo da parte jurídica de que tipo de aglutinação poderia ser feito. Foi quando surgiu a idéia de se estabelecer um Consórcio, porque o Consórcio não obrigava a você ter um limite de ação, porque uma nascente que ficasse a uma distancia muito grande da parte central que seria o rio Jacaré, mas que direta ou indiretamente acabasse escoando nessa área, teria que fazer parte disso daí.

Assim, o Consórcio do Rio Jacaré tinha por objetivo incentivar a associação entre municípios para a preservação da flora, fauna e dos mananciais por eles partilhados, sendo a primeira experiência de consórcio intermunicipal de Meio Ambiente no Estado de São Paulo.

A bacia do rio Jacaré Pepira, um dos afluentes do Tietê, apresentava na época condições propícias para a implantação do consórcio, já que grande parte de sua extensão estava conservada, o que justificava o esforço da sociedade e do poder público para sua proteção. Porém, vale ressaltar que algumas áreas já se apresentavam com índices de devastação. Nessa época, o CEPAM - Fundação Prefeito Faria Lima – também desempenhou um papel importante, realizando e acompanhando as iniciativas que ocorreram nesse período de consolidação das atividades do Consórcio, possibilitando o levantamento de dados para proteção e recuperação ambiental.

Na década de 80, aconteceram múltiplas atividades nas áreas de preservação e educação ambiental, recuperação de matas ciliares, gestão dos recursos naturais e mais recentemente, ações de implantação do Ecoturismo como alternativa para o desenvolvimento do município.

O sucesso dessas ações, foi em parte devido à criação de mecanismos de participação comunitária e de gestão ambiental, como o CONDEMA (Governo de Franco Montoro (1983-1988), que implementou o Consórcio Intermunicipal para a

preservação da Bacia do Jacaré Pepira, com a participação dos 13 municípios situados no Médio Tietê, banhados pelo rio Jacaré Pepira Mirim.

Em 30 de novembro de 1985, os prefeitos de Brotas, Jaú, Bocaina, Dois Córregos, Dourado, Ibitinga, Boa Esperança do Sul e Bariri se reuniram para firmar a “Carta de intenções”, visando à proteção ambiental, à criação e instalação do CONDEMA e à implantação de um “Consórcio Ambiental Regional”, visando assim a proteção dos ecossistemas.

A partir de 1986, foram realizadas várias reuniões com a população local, prefeitos, vereadores e representantes de entidades sociais e governamentais para discutir formas de solução para a conservação da natureza, na área do Rio Jacaré Pepira. Em setembro de 1986 foi constituído o consórcio com o nome de ‘Consórcio Intermunicipal para Defesa e Preservação da Bacia do Rio Jacaré Pepira’ – CODERJ, sendo o primeiro consórcio do Brasil formado exclusivamente para estabelecer políticas para a preservação e o manejo de recursos naturais de uma bacia hidrográfica. Ficou definida, também, a participação da UNICAMP em projetos de pesquisa que possibilitassem o reflorestamento das margens do rio Jacaré Pepira, a partir do conhecimento das espécies nativas dessas áreas.

Nessa época, foi feita a descida de barco pelo rio Jacaré Pepira, de Brotas ao Rio Tietê, com a participação da Polícia Florestal, Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB), da UNESP de Rio Claro, da UNICAMP, da Companhia Energética de São Paulo (CESP), do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), da Divisão de Proteção dos Recursos Naturais (DPRN) e das prefeituras de Brotas e Bocaina, onde foram desenvolvidas as atividades de levantamento fotogramétrico, recolhimento de amostras (botânica e geológica), observação de fauna e flora e marcação dos pontos críticos das áreas ribeirinhas afetadas pela devastação. O material produzido encontra-se arquivado na CETESB, mas vale ressaltar que desde o princípio a questão da devastação já era percebida e portanto, ficaria delicado estar usando essas áreas com novos usos, principalmente por se tratarem de Áreas de Proteção Permanente (APP).

Ainda em 1986, foi realizada uma reunião com a participação da Secretaria da Agricultura, para a discussão do Programa Pró-Várzea²⁰, e suas diretrizes para a região da bacia. Foi realizada também a primeira apresentação dos *slides* da avaliação do rio Jacaré Pepira, e feita a entrega do documento ao Governador André Franco Montoro, no Palácio dos Bandeirantes.

Em 1987, inicia-se o levantamento florístico dos remanescentes de mata ciliar, começando também a coleta de sementes para a produção de mudas a ser feita no viveiro do Consórcio, onde foram montadas “parcelas” na mata da fazenda Santa Elisa, propriedade da família Atalla. Assim, é feito o primeiro plantio para o reflorestamento. Em junho, é solicitado recurso ao IBDF, para a ampliação do viveiro. Em 20 de julho de 1987, foi solicitada ao Governador André Franco Montoro, audiência para reivindicar auxílio financeiro para o tratamento dos esgotos lançados na bacia²¹, bem como para o aproveitamento das áreas de lazer nas correntes de água.

Segundo o Projeto Piloto, a pauta da reunião do dia 07 de dezembro de 1987 era a preocupação com a conservação de áreas da bacia hidrográfica do rio Jacaré Pepira. A área da usina do Patrimônio mobilizou o consórcio e o CEPAM, pois era preciso saber o que poderia ser feito nas unidades de conservação. Assim, pensou-se na possibilidade de criação de opções de lazer para a população local.

Nesse sentido, a proposta do Programa de Ecoturismo do Departamento de Parques e Áreas Naturais – DEPAN, surgia como resposta a esta questão, possibilitando a conservação dos recursos naturais, a recreação em contato com a natureza, a formação de uma consciência ecológica por meio da educação ambiental, e a criação de uma nova fonte de recursos financeiros para os municípios integrantes do Consórcio. Assim origina-se o problema, o DEPAN

²⁰ É inacreditável: ao mesmo tempo que várias agências do Governo do Estado de São Paulo são mobilizadas para atividades de preservação e manejo de recursos naturais, outra agência do mesmo governo propõe um programa de aproveitamento das várzeas (Programa Pró-Várzea).

²¹ Problema que existe ainda hoje. Por exemplo, na Cachoeira do Mira em Torrinha, a água está contaminada pelo lançamento de esgoto na cidade de Torrinha, que por sua vez lança também, por meio desse curso d'água, o esgoto no Rio Jacaré Pepira, em Brotas.

sugere ações em APP, não se pode falar que não se conhecia a lei, as ações propostas e implementadas não poderiam ter sido desenvolvidas.

O Projeto Piloto (1990) consistia na organização do acesso aos recursos naturais e dos elementos que compõem o projeto, seguindo as seguintes etapas:

1. Levantamento do patrimônio histórico, artístico, arqueológico, paisagístico, turístico e dos recursos naturais de cada município integrante do Consórcio;
2. Treinamento e preparação dos recursos humanos envolvidos no projeto;
3. Seleção das áreas apropriadas para o desenvolvimento do projeto;
4. Elaboração dos roteiros turístico-ecológicos;
5. Estudos de demanda turística;
6. Adequação do equipamento receptivo turístico;
7. Implantação dos roteiros turístico-ecológicos;
8. Divulgação dos roteiros turístico-ecológicos;
9. Supervisão do funcionamento do projeto;
10. Verificação das metas atingidas para posterior aperfeiçoamento do projeto.

O levantamento foi feito para que essas informações básicas fossem uma fonte inicial de consulta para as próprias prefeituras municipais.

Nos primeiros meses de 1988 foi finalizada a construção do viveiro de mudas em Brotas, com o suporte financeiro do IBAMA - Ministério do Meio Ambiente, e ao final do mesmo ano, haviam sido produzidas cerca de 100.000 mudas de 125 espécies nativas.

Em 1990, foi publicado pela Fundação Faria Lima – CEPAM, o relatório das atividades realizadas pelo consórcio até então, contendo também os projetos que seriam desenvolvidos na Bacia do Jacaré Pepira:

- Caracterização geral da região do Consórcio do Rio Jacaré Pepira;
- Ecoturismo na Bacia do Rio Jacaré Pepira;
- Estudo para a avaliação e recuperação das matas ciliares da Bacia, por meio de imagens de satélite;
- A ocupação e a divisão do espaço/binômio Homem, Natureza, Preservação e Cultura;

- Programa de Educação Ambiental;
- Projeto da Sede do Consórcio do Rio Jacaré Pepira;
- Projeto Especial de Recuperação Florestal do Consórcio;
- Projetos Municipais – Áreas de Lazer;
- Propostas de estudos ambientais na Bacia;
- Ações do Consórcio.

O consórcio foi dinâmico até meados de 1991, chegando a realizar convênios com várias universidades como UNICAMP, USP e UNESP. Após essa fase, o consórcio foi reduzindo suas atividades por falta de recursos financeiros e hoje existe apenas juridicamente.

Na década de 90, a notícia da instalação de um curtume, em Brotas, gera um movimento de resistência à instalação dessa atividade, não compatível com a preservação ambiental. Esse movimento amplia a participação da comunidade local, retomando assim as discussões e ações de educação ambiental, visto que o CONDEMA estava desativado.

Batista Negrão relata:

Em quase todas as cidades do interior teve um curtume, porque era uma atividade muito rudimentar. Como se matava animais, então o couro tinha que ser aproveitado, então quase todo lugar teve um pequeno curtume; isso geralmente ficava próximo da cidade, não dentro, mas próximo da cidade. Mas no caso específico do curtume Cantuio, quando ele foi construído, ele ficava num bairro afastado de Campinas. Campinas cresceu, como todo mundo sabe, e engoliu tudo aquilo, ele acabou ficando no meio dessa zona de crescimento, e se tornou inviável aquela atividade, pois produz um mau cheiro horrível, além de outros problemas; o cheiro é insuportável no curtume. Então eles foram sendo obrigados a desocupar aquela área. Então em 1990, esse pessoal comprou uma área relativamente próxima da cidade, com intenção de trazer o curtume para cá. Cada ação que eles faziam eles conseguiam prorrogar o prazo de funcionamento lá no local que eles estavam, então o primeiro avanço era a compra dessa área.

De 1991 a 1992, foi quando eles tentaram aprovar uma planta para trazer a atividade para cá em definitivo, daí que começou esse movimento contrário. Quando nós conseguimos juntar um número expressivo da população, de pessoas representativas, com estudantes, universitários, com profissionais liberais, pessoas do comércio, enfim não só um número, mas um pessoal formador de opinião, pessoas da cúpula da cidade, a nata intelectual da cidade, então a gente percebeu que tinha que se organizar num tipo de associação. Então daí é que se surgiu a idéia de se construir em 1992 uma ONG, e hoje ela existe legalmente na Secretaria do Meio Ambiente como “Movimento Rio Vivo”.

Ainda segundo Batista Negrão, nessa época, a ONG propõe que no lugar de uma indústria poluidora, dever-se-ia implantar a indústria do turismo. Ela não seria poluidora, mas conservacionista. Nesse sentido, a área a ser utilizada para o turismo ecológico ou turismo rural deveria estar conservada, o proprietário teria que tornar a área cada vez mais bonita e ter cada vez mais a mente voltada para a conservação.

Assim, o discurso da indústria sem chaminés, que não causa problemas ao meio ambiente, passou a ser o grande objetivo para a economia do município.

Um fator relevante a ser destacado é que desde o início existiram dificuldades na gestão do turismo, porque a maioria das cachoeiras em Brotas estão em propriedades particulares, o que dificulta a gestão da atividade turística.

Sabe-se que o turismo também gera impactos negativos onde se desenvolve. Porém, para muitos lugares ele tem sido visto como o salvador do meio ambiente e responsável também pela geração de emprego e renda.

Assim, a Ong Rio Vivo, formada por pessoas dispostas a lutar contra a instalação do curtume, sugeriu o turismo como alternativa.

João Batista Negrão conta:

Ser contra uma atividade poluidora, tudo bem, mas não se pode ir contra uma atividade que gera emprego e que traz riqueza para a cidade e pode melhorar o seu desenvolvimento. Então, era preciso mostrar que nós tínhamos uma indústria, era só explorar que ela estava pronta, que não precisava construir essa indústria, que era só a gente utilizar o que a natureza havia dado, uma região com muitos atrativos que nos foi dada de graça e que estava aí dormindo, como a gente diz. Muitos dos atrativos turísticos nem o proprietário da área conhecia, não só a população da cidade, mas teve locais que a gente foi conhecer, foi documentar, fomos fotografar e filmar e quando mostrou para o proprietário da área o que ele tinha, ele dizia que nunca tinha visto; e proprietários que já vinham de famílias, gente que nasceu dono daquilo lá, então era isso que a gente quis mostrar, para que entregar um patrimônio que nós tínhamos, que nos foi dado gratuitamente, destruir esse patrimônio com uma atividade que lá gerar um punhado de empregos da pior qualidade, uma exposição ao perigo, a todo tipo de coisas nocivas à saúde, enquanto que nós poderíamos e o que realmente acabou acontecendo foi desenvolver uma atividade que geraria muito mais emprego, traria muito mais renda e uma renda não concentrada, porque o turismo você não substitui de jeito nenhum, o homem pela máquina. Você não pode utilizar um atrativo qualquer sem que você ponha gente para trabalhar, você não tem como substituir um atendente,

um garçom, um cozinheiro, uma arrumadeira, isso você não substitui por máquinas, então essa atividade, além dela ser geradora de emprego, muito mais que uma indústria, ela distribui a renda de uma maneira mais democrática.

A natureza é vista como mercadoria para ser explorada e dominada. Brotas não foge à regra. Não era preciso grande investimento, era só explorá-los. Foi assim que a atividade do turismo foi pensada desde o início; embora com um discurso conservacionista, a natureza era uma mercadoria a ser explorada.

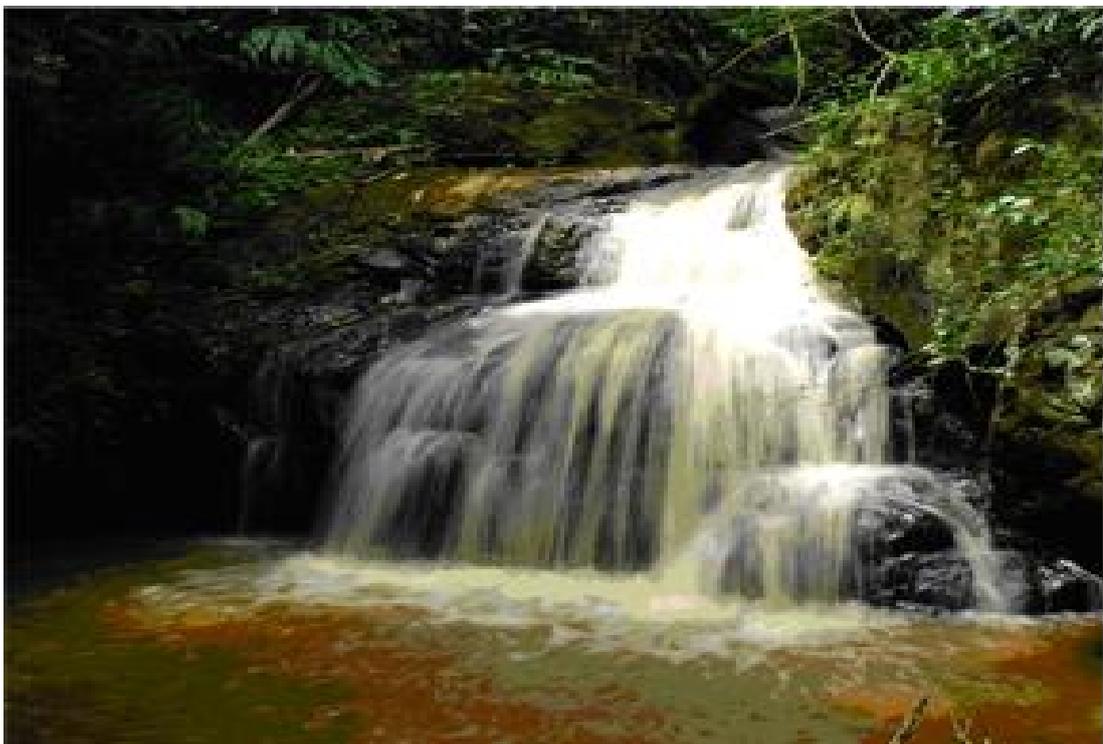


Figura 14: Natureza transformada em produto – trecho de um afluente do Rio Jacaré – Fazenda Sinhá Ruth – Mata'dentro Ecoparque
Foto: Alaya (2005)

Dominar a natureza, como se não houvesse limites, gerou o renascimento da noção de sustentabilidade, mas somente por volta dos anos 80 do século passado.

Eva Firmino Santana²² (2006), aponta:

O turismo nasceu em Brotas, primeiro porque a cidade já tinha uma vocação, um potencial. Segundo porque tinha pessoas com visão articuladas e que trabalharam muito para isso. Efetivamente com trabalho sério, enfim o grande diferencial nosso é essa visão e essa relação. Quanto ao curtume, nessa ocasião, tudo precisa ter um start, um motivo, então o principal motivo foi essa questão ambiental, que teve esse cutucão com a história da implantação do curtume. Esse foi o primeiro ponto para a galera se articular, vamos dizer assim, só que se você chegar e falar e não para uma proposta, criticar simplesmente por criticar, sem dar uma alternativa, ficava complicado. Para a população brotense essa história do curtume era uma forma de trabalho, era uma maneira de se melhorar a questão econômica da cidade, pois ela estava estagnada. E na verdade a gente não achava que essa era a melhor forma, poluindo, o curtume ia gerar subemprego e não emprego, então foi aí que surgiu a idéia de dar uma solução para isso.

No caso de Brotas, a concepção de que o município “já tinha uma vocação, um potencial turístico” que “estava ali” para ser explorado, permitiu que se empregasse o conceito de sustentabilidade para justificar essa opção pelo turismo.

Ainda segundo Batista Negrão:

O que aconteceu foi tudo uma questão de momento, o que aconteceu em Brotas foi o ideal. Porque até então o turismo no Brasil era praia, as cidades termais, o turismo religioso e o turismo científico. Mas começou nessa ocasião a participação do pessoal mais jovem, mais aventureiro, de um turismo mais esportivo, de aventura; e a mídia começou a dar atenção para esse tipo de coisa, e nós chegamos junto, então é aquele negócio assim, a imprensa tinha espaço para isso então não passava uma semana sem sair numa revista de ponta alguma matéria sobre Brotas. Porque não existiam outras, eram poucas as cidades que ofereciam esse tipo de atrativo e a procura era muito grande.

Foi mais ou menos nesse período que o jovem começou a ter mais liberdade para viajar e para fazer excursões independentes dos pais, então isso aí veio a calhar, chegou na hora certa. A ECO 92 também deu uma alavancagem muito grande a essa questão ambiental. Quando a gente falava em turismo rural, pouca gente fazia esse tipo de viagem e Brotas estava com tudo aí, você não precisava construir nada para você

²² Eva Firmino Santana é membro da ONG Movimento do Rio Vivo e participou da abertura da primeira agência de turismo em Brotas.

fazer um passeio de bóia, que foi uma das primeiras atividades que a gente fez, era só você montar em cima de uma câmara de ar e descer o rio, você não precisava criar nada, tava aí, e uma coisa que a gente já fazia desde criança. Então uma molecagem passou a ser uma atividade rendosa. E a mídia tinha que encher o espaço e o espaço estava aqui, então isso daí veio assim, como uma explosão e cresceu mais do que tinha como crescer, a coisa foi que meio desordenada, tinha muita gente, e não tinha acomodação e daí veio muita acomodação e não tinha tanta gente para aquela acomodação.

Mas vale lembrar que o turismo aconteceu em conseqüência da atividade de preservação, nós não lutamos para a implantação do turismo, nossa briga sempre foi na questão ambiental, quando a gente fala assim, que eu tive participação ativa na questão do turismo, eu digo assim: 'o turismo veio montado a cavalo no trabalho de preservação porque a nossa briga pela preservação data da década de 80 e o turismo só foi começar a se organizar de 93 para frente. A idéia de preservação ambiental é muito anterior à idéia do turismo.

Temos, na entrevista de Batista Negrão, uma afirmativa delicada e complexa. Ao afirmar que o “turismo aconteceu em conseqüência da atividade de preservação²³, nós não lutamos para a implantação do turismo” ou “o turismo veio montado a cavalo no trabalho de preservação porque nossa briga pela preservação data da década de 80 e o turismo só foi começar a se organizar de 93 para frente”, isso pode ser verdadeiro. Mas, fica a questão: o turismo em Brotas teve um desenvolvimento frenético sem que se levasse em conta a conservação? Não se deve esquecer a tentativa de mudança da capital, em 1978, e a valorização das terras e de todas as suas riquezas naturais. Enfim, a valorização dos recursos naturais e as dificuldades de sua conservação.

Novamente, foram discursos maquiados de conceitos ecologicamente corretos, mas que no fundo sempre buscaram a exploração, e o lucro.

A atividade turística se desenvolveu de maneira desordenada, sem preocupação com o ambiente. Muitos acreditavam que o principal, Deus já havia dado de graça, uma cidade com recursos abundantes, muita “sombra e água fresca”.

²³ O termo preservação é confundido com o de conservação, que seria o mais indicado nesse caso.

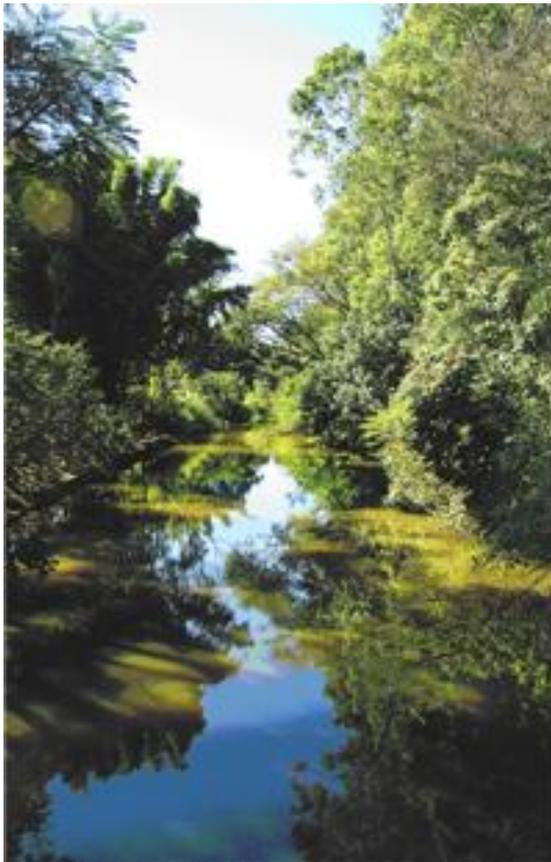


Figura 15: Rio Jacaré-Pepira vista da ponte da cidade
Fonte: Alaya (2005)

De maneira mais enfática, a partir da Eco-92 o tema Turismo, que até então circulava somente em meios científicos, ganha espaço nos meios de comunicação de massa. O ambiente começa a fazer parte da pauta da mídia impressa e eletrônica, nacional e local. Assim, as matérias têm que ser produzidas e o ambiente passa a ser consumido como mercadoria.

Fabiana MAURO (2005:36) aponta que *“as revistas tentam transformar as viagens e o turismo supostamente ecológico em moda, em mercadoria, passando a impressão de que tudo que vem da natureza é saudável, ideal para ser consumido e, sendo assim, é o melhor para os seres humanos.”*

De acordo com LEDA (apud MAURO, 2005:38), nas mensagens veiculadas, economicamente o ecoturismo é sinônimo de dinheiro, e para o lugar ofertado é uma forma de conservação da natureza.”

Seguindo essa idéia, José Carlos Francisco Júnior (2005) argumenta:

uma série de fatores levou ao desenvolvimento, mas o que eu ressalto, foi que o momento foi oportuno, então nós entramos na atividade no melhor momento. E qual era esse momento, era o cenário do Ecoturismo no Brasil, tinha acabado de ocorrer no Rio de Janeiro a Eco 92, o Ecoturismo no mundo estava em crescimento, no Brasil também, então todo mundo querendo investir, querendo trabalhar a mídia espontânea em cima de atividades relacionadas à natureza, então foi uma questão de oportunidade nós conseguimos ter esse senso de oportunismo de entrar no negócio na hora certa, quando estava começando e quando toda a mídia e mesmo o Brasil estava carente de projetos sérios nessa área de Ecoturismo, então Brotas encaixou como uma luva. Uma cidade pequena, tradicional igual a muitas que existem, mas onde tinha um diferencial de natureza e um diferencial humano capaz de transformar todo esse potencial de natureza em produto turístico. (FRANCISCO JÚNIOR, 2005)

É complicado falar em mídia espontânea, com jornalistas que buscavam incessantemente matérias que evidenciassem ambientes intocados e preservados. Brotas, é claro, fazia parte desse cenário conservado. Portanto, a mídia vendia a cidade de modo que também proporcionasse a ela lucros imediatos com a venda de publicações, seja em revistas, jornais ou reportagens televisivas.

Após o movimento de resistência, com o surgimento do “Movimento Rio Vivo”, Orlando Pereira Barreto (conhecido como Dú Barreto) é eleito, em 1993, prefeito de Brotas. É considerado um grande incentivador da implantação da atividade turística no município e criador da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Batista Negrão é convidado a ser secretário do Meio Ambiente, e propõe algumas metas de atuação dentro da área de preservação. Ainda em 1993, o município de Brotas dá início ao processo de fomento ao turismo, tendo como base o uso direto dos recursos naturais existentes. Desse modo, começaram a ser realizadas “expedições” com integrantes do Movimento Rio Vivo e da Secretaria do Meio Ambiente, de membros da sociedade civil e com o apoio da Prefeitura Municipal. Essas expedições, além de propiciar o conhecimento do patrimônio natural tinham como objetivo avaliar e documentar a possibilidade de exploração do Turismo Ecológico em Brotas.

6.1.1 Fase de Exploração



Figura 16: Cachoeira de Santa Maria – atrativo turístico em Brotas
Fonte: Alaya (2005)

Brotas, dentro do Estado de São Paulo, configurava-se como um município ímpar, graças à sua posição geográfica, facilidades de acesso, sua qualidade paisagística, à qualidade de seus recursos hídricos e o nível de conservação de seus ambientes naturais. A existência destes ambientes conservados e as características dos sistemas naturais presentes no município e em suas áreas adjacentes é que fundamentaram o crescimento do turismo.

Eva Firmino Santana, lembra que:

Foi feita uma primeira exposição de fotografias desse material e foi uma coisa até pouco divulgada, só foi dado um toque no jornal regional. Depois dessa exposição e dessa chamada no jornal regional, começou a aparecer os turistas. Então o povo batia na casa da gente, domingo de manhã 'ah vocês que são da galera do Rio Vivo, que sabe onde é tal cachoeira', e daí a gente levava o pessoal para ver, e daí a gente começou a sacar que isso poderia se transformar, a gente já estava trabalhando de graça e informalmente, de uma maneira errada, então precisava transformar isso de verdade em produto.

A busca por lucro passava a ser vista como alternativa a estar “trabalhando de graça e informalmente, de uma maneira errada.”

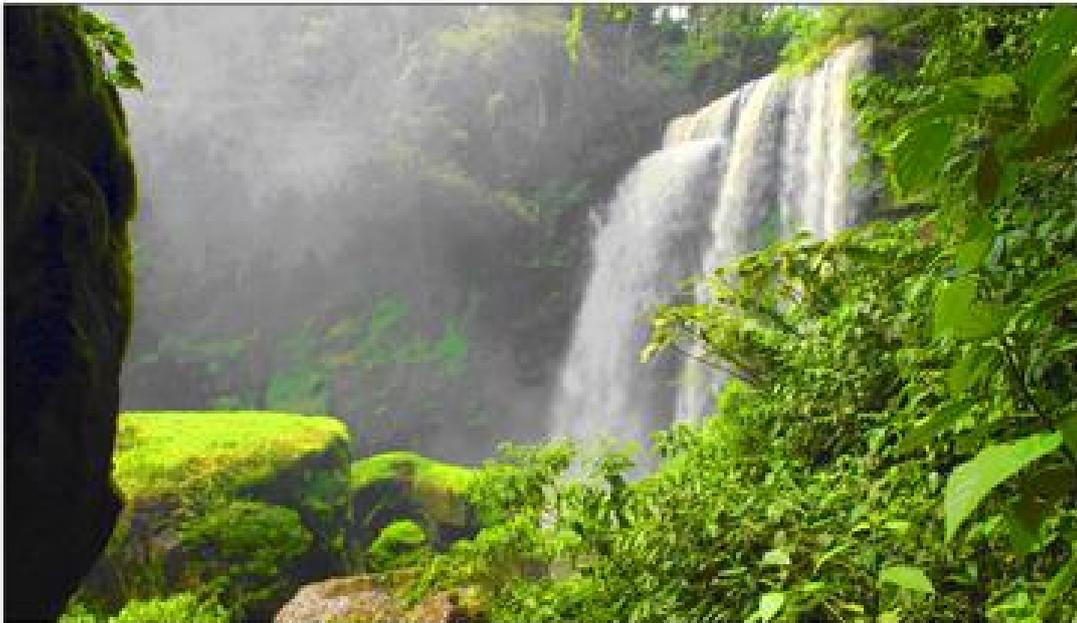


Figura 17: 3ª Cachoeira – Mata'dentro Ecoparque
Fonte: Alaya (2005)

Foi quando surgiu a primeira agência, a “Mata'dentro Ecoturismo e Aventura”. Na verdade, eram as mesmas pessoas do Movimento Rio Vivo, pessoas que estavam envolvidas com a questão ambiental. Nessa época não havia nada de

turismo. No começo, foi uma atividade incipiente e a Mata'dentro era "uma portinha". Santana conta que:

Lá a gente fazia essa história de sensibilizar as pessoas, fazendo os proprietários abrirem os seus sítios a ceder, pois ninguém acreditava no turismo. Era uma coisa que estava muito distante da realidade das pessoas, essa é a verdade, e quando a gente fez esse trabalho de sensibilização também foi um divisor de água porque a agência trabalhava em função de levar pequenos grupos para visitar as cachoeiras, foi o primeiro produto de Brotas, tanto é que a gente não vendia esporte de aventura, nós vendíamos Ecoturismo"

Não custa retomar as lembranças de infância de Batista Negrão a respeito do uso de bóias de câmara de pneus como prática de lazer, que se quer hoje como turismo.

Assim, a atividade foi se estabelecendo. As pessoas que recebiam turistas nos sítios começaram a se estruturar e começaram a perceber a possibilidade de fazer as atividades sozinhas, sem a agência. Dessa forma, a agência ficava quase impossibilitada de trabalhar, porque os donos dos atrativos queriam cobrar diretamente dos turistas, tornando assim inviável a participação da agência naquele momento.

Conforme o relato histórico do desenvolvimento do turismo em Brotas, essa fase, de acordo com BUTLER (1980), é caracterizada pelo início da "**Exploração**" da localidade. O município começa a apresentar algumas facilidades aos visitantes. A população local começa a se estabelecer na atividade com o objetivo de criar um mercado forte e gerar lucros. Caracterizada também como a fase em que a cidade começa a ser visitada pelos exploradores, pessoas que buscam novidades e aventura; porém, o município apresentava dificuldades de acesso e de instalações, pois os principais atrativos eram as atrações naturais.

Na Tabela 10 a seguir, apresentamos as agências entrevistadas, ano de inauguração, naturalidade do proprietário e porque escolheram trabalhar com a atividade turística em Brotas:

Tabela 10– Agências de Turismo em Brotas: Ano de inauguração, naturalidade do proprietário e razões para trabalhar com o turismo em Brotas.

Agências	Ano de Inauguração	Proprietário naturalidade	Razões para trabalhar com o turismo em Brotas
Alaya (Mata'dentro)	1993	França (Brotas)	Alaya junta-se a Mata'dentro primeira agência de turismo da cidade, foram os empreendedores do turismo participantes da Ong do Rio Vivo
Vaca Náutica	1996	Brotas	Já trabalha no ramo (Mata'dentro)
Ponto de Partida	1997	Jundiaí	Trabalhava de monitor no Peraltas e vendo o movimento resolveu investir
Águas Radicais	2000	Brotas	Como empreendedor, percebeu o movimento e teve uma proposta para abrir a agência
Brotas Aventura	2000	Brotas	Já estava no mercado com o Acampamento Peraltas
Terra de Aventura	2000	Brotas	Trabalhava como instrutor
Território Selvagem	2000	São Paulo	Buscar qualidade de vida. Convidado a trabalhar em uma agência, tornou-se proprietário posteriormente
Eco Ação	2001	São Paulo	Campeão brasileiro de caíque pólo, e freqüentador de Brotas

Fonte: entrevistas com os proprietários (2005)

6.1.2 Fase do Envolvimento

Com a chegada dos primeiros turistas, era preciso inovar, para que o turismo pudesse ser considerado como uma alternativa, pelo menos do ponto de vista econômico. Assim, a agência montava o curso de guias, envolvendo a comunidade local. Eva Firmino Santana lembra:

“Quando a gente estava com a empresa, era um grupo de meia dúzia de pessoas e a gente fazia tudo. Então eu lembro que nessa ocasião eu administrava a agência e os meninos eram guias. O Ju, o Renato, a gente fazia tudo, não tinha gente, e assim a gente sacou que precisava abrir esse leque e envolver mais pessoas, foi quando fizemos o primeiro curso de guias, eu e o Renato que ministramos. Fizemos uma grande pesquisa, com SEBRAE, com EMBRATUR, e todo material que a gente pegava era outra coisa porque o povo do turismo era um turismo de massa, uma outra história. Pegava as fitas de vídeo, eram umas mulheres de tailler dentro dos ônibus, falando de vegetação, não era o que a gente fazia aqui, porque Ecoturismo não existia no país. Bonito tava começando e a gente tava começando.

O ecoturismo era muito incipiente e aconteceu de forma natural, pelo próprio feeling dessa coisa de a gente visualizar a questão ambiental, o próprio potencial natural, essa idéia de conseguir grana com preservação. Também a gente tava muito focado nisso, de ter um resgate, essa coisa de ter que sair para trabalhar fora, ‘não, eu quero trabalhar na minha cidade’, então isso foi uma junção; acho que tudo culminou para isso. Porque daí teve a ECO 92, que já teve essa sensibilização, gente tava nesse movimento já mexendo com essa coisa do Rio Vivo, então foi uma sinergia que facilitou para isso. Mas a gente não tinha referência, foi tudo muito no feeling, no escuro, por isso teve muitos erros e muitos acertos, na moral da história a gente até se saiu bem.

Enfim, o momento foi importante porque se plantou essa semente de meia dúzia para um público maior, “essa molecada que ficava brigando na rua, vivia enchendo a cara de cachaça, jogava lixo na rua, não aceitava gente de fora, aquela coisa de picuinha, essas pessoas mudaram a mentalidade. Hoje elas são profissionais que trabalham, e têm esse intercâmbio com os turistas, abriu a cabeça, foi uma série de ganhos nisso.”

O foco que se nota era a preocupação com a “grana”, o ambiental e o social serviam para edulcorar o econômico.

Nessa fase, caracterizada pelo **Envolvimento** (BUTLER, 1980), a comunidade local começa a oferecer serviços aos visitantes. Assim, é importante estabelecer os processos de organização e tomadas de decisões apropriadas para cada atividade. É nessa fase que deveriam ser estabelecidos os limites de visitação ao atrativo, pois a comunidade ainda estaria envolvida no processo, salvaguardando assim aspectos relevantes para atrair o turista.

Em 1993, foi apresentado ao prefeito o inventário do levantamento feito pelo “Movimento Rio Vivo”. O relatório causou surpresa, pois havia nele a confirmação de que nem todos os atrativos eram conhecidos. Foi então sugerido chamar um grupo especializado nessa atividade para opinar se a atividade seria viável ou não. Dóris Rushmann, professora da USP - São Paulo, foi convidada para analisar esse material e conhecer “in loco” todo o patrimônio do município.

Vale ressaltar que nessa fase o importante é realizar o planejamento. Nesse sentido, planejamento não se limita apenas à formulação de planos, programas e projetos. Trata-se de uma intervenção gradativa que compreende vários estágios interdependentes, nos quais os planos e programas são simples documentos de referência. Assim, segundo SZMRECSANYI (1979, p.13), podem-se distinguir os seguintes estágios no processo de planejamento:

1. Diagnóstico da evolução do complexo sócio-econômico que se pretende influenciar através do planejamento;
2. Formulação de uma política de desenvolvimento para o complexo;
3. Elaboração do plano propriamente dito;
4. Execução do plano;
5. Avaliação periódica dos resultados obtidos; e
6. Progressiva reformulação do diagnóstico, da política de desenvolvimento, dos objetivos e dos instrumentos do plano.

Assim, o planejamento tem um caráter probabilístico (não determinístico) na maioria de suas variáveis, com reajustes quando necessário. Mas, o que se nota com freqüência são municípios turísticos formulando planos e não realizando o planejamento. E mesmo assim os planos não saem do papel.

Dóris Ruschmann, em 1995, apresenta seu plano de desenvolvimento turístico para Brotas, mencionando a subdivisão do turismo em cinco especialidades: o *turismo de natureza*, o *turismo de eventos*, o turismo de *criança*, o turismo de *terceira idade* e o *turismo rural*. Mostra também a preferência por essas atividades em oposição ao desenvolvimento industrial poluente, como a instalação de um curtume.

O plano apontava também o potencial turístico de Brotas e contemplava a preocupação com preservação para prevenir impactos ambientais e também com a segurança dos visitantes.

Sugeria também que era imprescindível fazer um projeto de Ecoturismo para o município, sendo necessário um estudo sobre os impactos sócio-ambientais. O Núcleo de Pesquisas e Estudos do Meio Ambiente da UNICAMP – NEPAN, em conjunto com as Secretarias Municipal e Estadual de Meio Ambiente, seriam responsáveis pela realização de estudo com o objetivo de *“ordenar o processo de transformação de Brotas num Pólo ecoturístico, estabelecendo um uso mais racional dos recursos naturais pra minimizar os impactos ambientais e sociais do ecoturismo no município”*. (RUSCHMANN, 1996, p.24)

Nesse plano é manifestada a importância dos eventos e manifestações culturais que Brotas apresentava, incluindo o Carnaval, Festival de Ballet, Memória Viva da Cidade, Grupo de Teatro, Grupo de Coral, Romaria Nossa Senhora das Dores, sendo eles importantes instrumentos de preservação da história e da cultura, podendo se transformar em atrativos pontuais.

Na fase de desenvolvimento do plano, apontava-se a necessidade de a Secretaria de Esportes e Turismo de São Paulo (SET) *“realizar parceria com Núcleos de Turismo para criar roteiros para várias especialidades do turismo inclusive, programas turísticos especiais para crianças e para a Terceira Idade”* (RUSCHMANN, 1996:25).

Nessa fase, tinha-se como objetivo estabelecer e estruturar uma política de ecoturismo no município. Eram mencionadas várias ações importantes para que a atividade contemplada se desenvolvesse com planejamento. Porém, alguns itens mencionados, até o presente momento, ainda não foram reestruturados:

- * Restauração da CASA DAS MÁQUINAS na antiga usina do Parque dos Saltos;
- * sinalização turística – placas no formato padrão para indicar as atrações e serviços turísticos, bem como para alertar de perigo ou recomendações ambientais;
- * Criação de centrais de informações ao turista em pontos estratégicos da cidade;
- * Revitalização da Estação Ferroviária.

A intenção deste plano ia além de tornar Brotas um centro receptivo, pretendia-se, acima de tudo, melhorar a qualidade de vida da comunidade.

Embora o plano tenha contemplado toda a parte cultural e histórica da cidade, conforme apresentado no conceito de Ecoturismo, ele ficou somente no papel. Atualmente, percebe-se um descaso quanto ao patrimônio artístico e arquitetônico e cultural da cidade, o qual é responsável pela própria identidade quanto ao surgimento e desenvolvimento do município. Dessa forma, torna-se muito difícil uma atividade turística ser sustentável se ela não valoriza as raízes da cidade.

Na publicação de Rushmann, ainda é apontada como a atividade do turismo poderia ser utilizada, quais os riscos da utilização do turismo e onde se poderia chegar sem que a qualidade de vida da comunidade ficasse comprometida. Esse foi o início real e oficial da atividade turística em Brotas, que acabou virando uma bola de neve, de acordo com o reconhecimento feito por Negrão.

6.1.3. Desenvolvimento

Paralelamente a esses acontecimentos, em 1994 foi criado o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), visando motivar os empreendedores locais a investirem na melhoria da infra-estrutura turística de hospedagem, alimentação e nos sítios. Ainda em 1994, por meio da Coordenadoria de Turismo de Brotas desenvolve-se o pré-projeto para o desenvolvimento ecoturístico de Brotas. A

proposta deste projeto surgiu da necessidade de buscar uma alternativa econômica que pudesse desenvolver o município e ao mesmo tempo conservar a maior riqueza que Brotas possui, suas águas limpas e suas belezas naturais.

Nessa época foram catalogadas: 17 cachoeiras, o Rio Jacaré, o Salto do Rio Jacaré, a Represa do Patrimônio, as Usinas do Rio Jacaré (cidade e no Patrimônio), a Areia que Canta, a Represa do Broa, os Prédios Históricos, as Fazendas Modelo, as Fazendas Históricas, o Acampamento Peraltas, a Fazenda Nova América, os eventos culturais, religiosos e esportivos tradicionais, a Festa de Santa Cruz, a Romaria de Nossa Senhora das Dores, o Carnaval, os Campeonatos de Canoagem e o Mountain Bicke, e que formavam o Potencial Turístico.

Ainda em 1994, a Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo (SET) organizou e lançou o projeto de regionalização e interiorização do Turismo. Nesse projeto os municípios do Estado de São Paulo foram agrupados em 14 núcleos. Brota foi incluída no Núcleo das Serras, ao lado dos municípios de: Águas de São Pedro, Americana, Analândia, Araras, Itirapina, Charqueada, Cordeirópolis, Corumbataí, Ipeúna, Leme, Limeira, Piracicaba, Rio Claro, Santa Bárbara do Oeste, Santa Gertrudes, São Pedro e Torrinha. Com este projeto, a Secretaria tinha o intuito de incentivar o paulista a viajar dentro do próprio estado, mantendo assim o fluxo intenso de capital satisfatório.

Nesse momento a agência de turismo começa a fazer articulações (pois nesse período só havia o Casarão Hotel e a Mata'dentro) e a divulgar os atrativos de Brotas. Eva Firmino Santana (2006), descreve:

Eu já tinha feito assessoria de imprensa em São Paulo, no escritório da irmã da Regina Casé, tinha uma certa experiência com divulgação. Então eu tinha muito medo, todo mundo querendo divulgar o Paraná, tinha investido, feito a pousada, meio sob a nossa matuta e ele queria divulgar, e eu tinha muito receio porque a estrutura não estava pronta para um volume grande. Então eu fiz esse trabalho de divulgação de uma forma super profissional, com um monte de dedos e cuidados, o povo me enchia o saco em função disso, porque a ansiedade, essa coisa do imediatismo do brasileiro, mas graças a Deus eu tinha essa visão, essa experiência. Então a gente fez um trabalho de divulgação super seletivo, direcionado, profissional mesmo, a gente só divulgava em tv a cabo, onde o numero de pessoas que assistem é menor, o publico é bacana, a gente sabe o que a gente queria para cá, isso desde o começo, a gente

queria transformar isso aqui numa viabilidade econômica; não adianta trazer farofeiro para cidade que detona e não dá o retorno financeiro que a gente queria, então essa coisa que as pessoas falam que o turista que vem para Brotas é bacana não caiu do céu teve um trabalho árduo para a gente cativar, são pessoas viajadas, que têm um nível de exigência grande, então a gente teve esse cuidado em divulgar só em revista especializada, Revista Terra; jornal, no caderno mais bacana, mas nem muito lido, para a gente andar do tamanho das pernas.

O relato revela preconceitos no emprego do termo “farofeiro” em oposição a “gente bacana”. E que o turismo de massa, freqüentado geralmente por farofeiros, em sua maioria, é menos sustentável, ou que gera mais impactos no meio ambiente do que o ecoturismo. É perigosa essa afirmação, pois faltam estudos empíricos para comprová-los.

Segundo FENNELL, a indústria do turismo quer que os turistas sintam que o ecoturismo, freqüentado no início por “gente bacana”, é menos prejudicial e mais sustentável que o turismo de massa. Porém, os ecoturistas não estão inicialmente motivados por um desejo de proteger o meio ambiente, mas de ver o ecossistema nativo e exótico em primeira mão. (FENNELL, 2002, p.39)

Assim, podemos supor que se o ecoturismo crescer numa área sem regulamentação, ele pode facilmente tornar-se tão prejudicial quanto outras formas atuais de turismo. Na verdade, por tender a ocorrer em áreas com ecossistemas raros e frágeis, ele poderia ser até mais prejudicial, haja visto que os ecoturistas sempre estão à procura de novos destinos, mais exóticos do que os anteriores, ao passo que muitos turistas habituais ficam felizes por passar suas férias em complexos turísticos consagrados.

Controvérsias sobre “turismo de massa X turismo ecológico ou ecoturismo”, ou “turismo de farofeiro X turismo de gente bacana” estarão sempre presentes nos discursos de muitos daqueles que se dizem preservacionistas.

Voltando ao processo histórico, Eva Firmino Santana lembra que a primeira divulgação foi feita pela pousada do Paraná do Patrimônio, por meio de um

Famtur²⁴ e contava com parceria de pessoas de fora e de São Paulo que estavam investindo em agências localizadas em Brotas (1994/1995).

O turismo estava crescendo gradativamente: as empresas foram se estruturando, enquanto os sítios passaram a receber diretamente as pessoas, o que inevitavelmente iria comprometer a sobrevivência das agências.

Conforme relatado por Eva Firmino Santana, houve um novo impulso para a atividade turística:

A gente já fazia o bóia-cross aqui, que era um hábito do brotense de infância, enfim, a gente queria transformar aquilo em produto, então teve um trabalho, o Paulinho elaborou as primeiras capas de bóia, ele é engenheiro de produção, então nós ficávamos costurando na máquina, testávamos, e assim o esporte de aventura começou com o bóia-cross. Depois a gente conseguiu comprar um bote, porque não existia bote de rafting no Brasil, foi a Mata'dentro que trouxe a confecção de bote para o Brasil, hoje é uma coisa muito disseminada.

Em dezembro de 1996, foi reinaugurado o Centro Cultural “Grêmio Recreativo”, reunindo documentos e imagens sobre a história cultural da cidade, bem como o Museu do Café, com objetos que contemplavam desde aquela época o florescimento do município e a ocupação pelos imigrantes, predominantemente italianos. Em 1996, foi realizado pela ECA - USP o Projeto de Aproveitamento Turístico da Primeira Cachoeira do Astor, tendo como docente responsável a Profa. Dra. Dóris Ruschmann. Esse projeto teve início a partir do Plano de Desenvolvimento Turístico da cidade, mencionado acima.

O inventário sócio-econômico-cultural apontava a qualidade de vida satisfatória dos moradores do local, a tendência para a visitação aos atrativos da cidade e do entorno e a necessidade de um turismo sustentável nas cachoeiras e corredeiras, já que eram e (são) os elementos mais importantes para o desenvolvimento da prática do ecoturismo e do turismo de aventura em Brotas.

²⁴ Famtur – é o turismo de familiarização gratuito, oferecido às agências, jornalistas e pessoas que possam divulgar o local.

Esse inventário apontava uma demanda nesses segmentos de turismo. Entretanto, já mencionava o problema que a atividade poderia provocar pela ausência de controle do fluxo de turistas e outros fatores degradantes do meio ambiente, que poderiam comprometer a atratividade da oferta natural, *“tornando-se necessário controlar a visitação excessiva de turistas, determinando a capacidade de carga dos recursos (carrying capacity) e delimitando o horário de acesso, bem como a obrigatoriedade de guias especializados para permitir o entretenimento no local.”* (RUSCHMANN, 1996, p.03)

Em 1997, com outro governo municipal e uma nova Secretaria Municipal de Turismo, firmam-se convênios com universidades que geraram vários trabalhos sobre o turismo no município, inclusive um plano de marketing. Em 1998 foi assinado um termo de cooperação técnica com a Fundação Florestal, entidade ligada ao Instituto Florestal do Estado de São Paulo, elaborando-se uma agenda ambiental e de controle do produto turístico. Nesse mesmo ano, Brotas conseguiu o selo turístico da EMBRATUR, tornando-se ‘oficialmente’ uma cidade turística.

A partir de 1999 o Governo Municipal, o Conselho Municipal de Turismo e os empresários do setor, em parceria com a Ecoassociação e EMBRATUR, começaram a elaborar normas e políticas para o desenvolvimento do turismo ‘sustentável’ e para buscar alternativas para o planejamento e a gestão do ecoturismo em Brotas.

Em fase de rápido crescimento, acontece o “boom”, como relatado por Eva Firmino Santana:

No começo a gente controlava a mídia, era uma mídia que os caras vinham e a gente que fazia o contato, eles escutavam o que eu queria que eles escutassem, eles viam o que eu queria que eles vissem, então eles divulgavam o que eu queria que eles divulgassem. Depois de um certo momento, quando Brotas ficou na moda, a gente tinha uma mídia espontânea, é a mídia free e que essa você não segura. A Dani tava na Secretaria de Turismo, conseguiu fazer um trabalho super bacana, a gente tentava podar dentro do possível, já havia um canal maior via prefeitura, porque algumas coisas passavam por lá, quase tudo na verdade, mas muita coisa você nem fica sabendo, então esse segundo momento de mídia teve os dois aspectos, positivo de um lado e negativo do outro, porque daí você começa a divulgar demais, começa a vir gente demais. Nesse boom, nesse momento de mídia, de modinha, veio muita

gente, gente bem intencionada e gente mal intencionada. Pessoas que apareciam, não por sacanagem, mas por falta de competência mesmo. Porque para montar um negócio você precisa de dinheiro, e o povo abria agência como se abria um boteco e achava que era pegar neguinho.

Novamente, vemos nesse discurso a pretensão de que é possível controlar a mídia. E questionamos quais os interesses dos responsáveis pela atividade do turismo que estão em jogo: é vender Brotas com atrativos naturais para a sua exploração? Mostrar o município conservado? Que tipo de público compraria esse tipo de revista? Viajar para fazer reportagens simplesmente para falar de conservação?

O que notamos realmente é que nessa época a divulgação era acirrada, as reportagens contemplavam o turismo de aventura, caracterizado pelo consumo de bens naturais para atividades esportivas e de exploração do meio ambiente. A meta era atingir pessoas em busca de um contato íntimo com a natureza, utilizando a paisagem no seu âmbito mais radical.

Assim, vários esportes de aventura são divulgados para ser praticados no município de Brotas. A seguir, identificaremos os mais praticados:

Bóia-cross

O bóia-cross compreende a descida do Rio Jacaré-Pepira, praticada no início com bóias de caminhão ou trator. As Figuras 18, 19, 20, 21 e 22 contemplam o equipamento utilizado para a prática desse esporte, antes de ter sido transformado em produto turístico (Figuras 23 e 24).



Figura 18: estrada da Carvoaria
Fonte: Mata'dentro

O Bóia-cross compreende dois níveis que podem ser escolhidos para o percurso: o básico, com uma hora de duração e 4 km de extensão e o radical, com duas horas e 7 km de extensão.



Figura 19: estrada da Carvoaria
Fonte: Mata'dentro



Figura 20: estrada da Carvoaria
Fonte: Mata'dentro



Figura 21: Descida de bóia no Rio Jacaré Pepira, Poção
Fonte: Mata'dentro



Figura 22: Primeira Capa da bóia – Parque dos Saltos
Foto: José Carlos Francisco Júnior



Figura 23: Bóia-cross – Parque dos Saltos
Foto: Alaya (2005)



Figura 24: Bóia-cross – Parque dos Saltos
Foto: Alaya (2005)

Arvorismo

O arvorismo pode ser contemplativo ou acrobático. Nos circuitos contemplativos, o praticante caminha suspenso entre as árvores usando passarelas e, na maioria das vezes, está protegido por redes.

Esta prática tem sido usada também por biólogos e cientistas para estudar a fauna e flora existente na copa das árvores. Os circuitos acrobáticos exigem coordenação, equilíbrio e uma dose de coragem do praticante. Apesar de estarem sempre presos a um cabo de segurança, os candidatos escalam redes, caminham sobre cabos de aço, equilibram-se em estribos até finalizarem o percurso com uma tirolesa. Em Brotas, na Verticália, pode-se experimentar um dos mais qualificados circuitos de Arvorismo do Brasil.



Figura 25: Arvorismo no Mata'dentro Ecoparque
Fonte: Alaya (2005)



Figura 26: Arvorismo modalidade adulto
Fonte: Alaya (2005)

Canyoning (Canionismo) / Casacading (Cachoerismo)

A atividade baseia-se na utilização de técnicas verticais (descida e subida) com corda. A principal técnica é o *rapel*, ou descida controlada. Os praticantes dessa modalidade usam como equipamento básico: cadeirinha, mosquetões, freio oito, solteira (cabo de vida), capacete, além de luvas, roupa de borracha, joelheira, caneleira, etc..

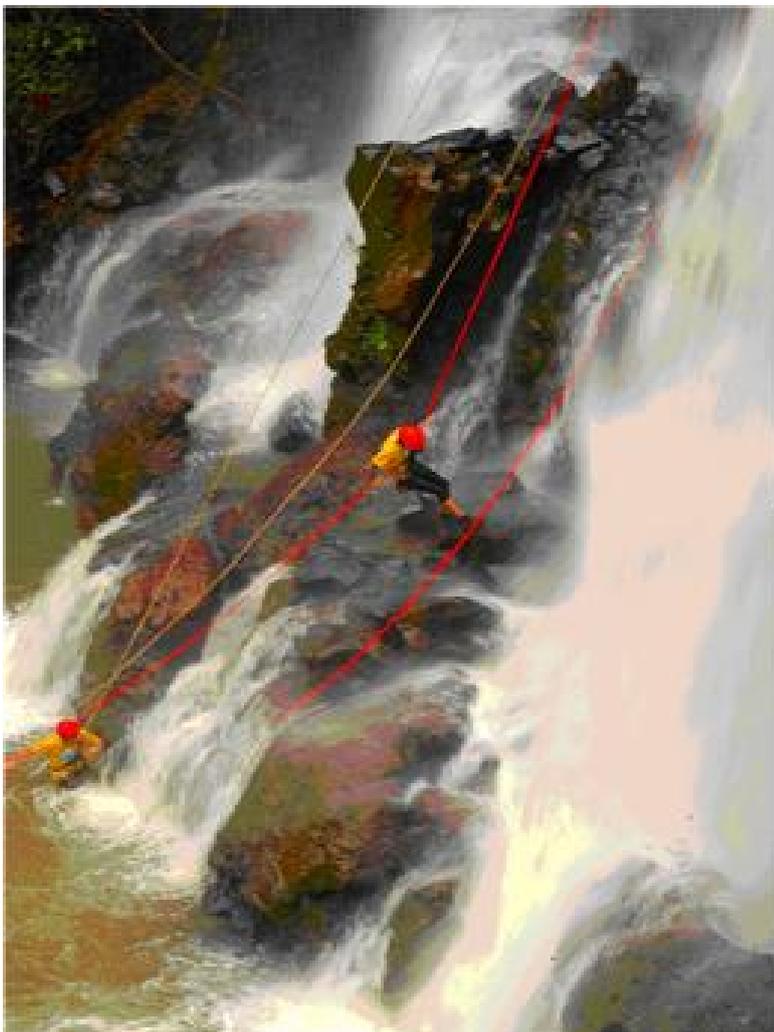


Figura 27: Cascading ou cachoerismo
Cachoeira de São Sebastião - Mata'dentro Ecoparque
Fonte: Alaya (2005)

Caminhada

A Caminhada (*trekking*) é uma atividade recreacional que consiste em percorrer a pé paisagens em ambientes naturais, levando equipamentos e comida na mochila. É praticado em áreas selvagens ou em trilhas previamente planejadas e demarcadas. Os praticantes podem pernoitar.

Equipamento necessário: cantil, saco de dormir ou barraca, fogareiro, panelas, tênis ou botas especiais para caminhada, bússola e mapas.



Figura 28: Caminhada no Mata'dentro Ecoparque
Fonte: Alaya (2005)

Rafting

O *rafting* é a descida de rios com corredeiras em botes de borracha, é praticado nos EUA e Europa desde os anos 70. Foi introduzido no Brasil na década de 80. Equipamento: remos (no mínimo quatro remadores), bote especial inflável, capacete, salva-vidas, corda de salvamento, sapato de borracha ou tênis.



Figura 29: Rafting no Rio Jacaré-Pepira
Foto: Alaya (2005)



Figura 30: Rafting no Rio Jacaré-Pepira - 1º Salto dos Três Saltos
Fonte: Alaya (2005)

Pode ser praticado por pessoas sem experiência, desde que acompanhados por guia experiente. Com duração média de três horas, o nível de dificuldade do rafting varia de fácil a médio. Durante a aventura, é possível avistar tucanos, macacos e capivaras na margem do rio Jacaré-Pepira.

O Rafting é a atividade de aventura mais praticada em Brotas. Segundo as agências entrevistadas, ele é responsável por 70% das vendas e pela visitação ao destino, seguidas pelo canyoning e bóia-cross.

Esses esportes foram sendo introduzidos em Brotas durante a fase de “**Desenvolvimento**” (BUTLER,1980) da atividade turística. É caracterizada pelo domínio de empresas e serviços externos, quando o município começa a receber visitantes exigentes, que buscam conforto e segurança.

Nesta fase, a participação da comunidade diminui em relação ao controle dos equipamentos, dando lugar à entrada de organizações externas, que estimulam o crescimento do número de visitantes. A localidade passa a receber grande número de visitantes, chegando a igualar ou ultrapassar o número de habitantes da destinação. É nesse estágio que começaram a aparecer os problemas quanto à infra-estrutura local, pois muitos investimentos começam a aparecer na destinação. Ela passa a ser mais conhecida e com facilidades para atrair e acomodar cada vez mais turistas. Nesse período Brotas começou a receber pessoas de todos os níveis sociais, tornando-se nessa época o destino de um grande número de pessoas.

Mesmo sem planejamento inicial, a atividade turística cresceu em decorrência do aumento do fluxo turístico. Desse modo, pequenos empresários e proprietários rurais passaram a agir de acordo com seus próprios critérios e interesses, trazendo para o município algumas conseqüências positivas e negativas, como podemos observar na Tabela 11, a seguir:

Tabela 11. **Conseqüências positivas e negativas do turismo em Brotas**

Conseqüências positivas	Conseqüências negativas
<ul style="list-style-type: none"> • Promoveu uma maior conscientização ambiental e de manutenção dos atrativos naturais e culturais. • Como alternativa econômica, agregaram-se novos negócios à economia local, gerando novas oportunidades de emprego e lucratividade. • Promoveu o intercâmbio cultural da comunidade com os turistas, permitindo uma troca mútua de conhecimentos. • Resgate do patrimônio histórico-cultural da comunidade. • Reduziu o êxodo rural e urbano • Estimulou melhorias na infra-estrutura básica da cidade, garantindo uma melhor qualidade de vida para a comunidade. • Surgimento de uma consciência municipal positiva, promoção espontânea da cidade, agregando valores culturais, históricos e ambientais • Estimulou melhorias na infra-estrutura dos sítios turísticos 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento na geração de lixo e esgoto no município. • Saturação de trilhas, descaracterização da paisagem e do ambiente (decorrência da falta de planejamento e do controle da capacidade de carga dos atrativos) • Excesso de turistas na cidade, sítios turísticos e atrativos naturais nos períodos de pico (feriados prolongados) • Crescimento da economia informal, especulação imobiliária • Saturação da infra-estrutura de hospedagem. (feriados prolongados) • A Qualidade na prestação de serviços turísticos e de alimentação fica comprometida (feriados prolongados) • Surgimento de turistas não qualificados, gerando comportamento inadequado, bagunça, excesso no consumo de bebidas e depredação do patrimônio público. • Aumento no risco de pane do sistema de abastecimento de água e luz.

Fonte: José Carlos de Francisco Junior e Jean Claude Razel ²⁵ (2005)

Pelos dados apontados podem-se observar as conseqüências negativas que aconteceram em Brotas. Porém, colocamos em dúvida se as conseqüências positivas realmente beneficiaram o município. Será que criou-se uma maior conscientização ambiental e de manutenção dos atrativos naturais e culturais? Se realmente a tivessem desenvolvido as trilhas não teriam sido saturadas e nem teria recebido o excessivo número de visitantes. E os atrativos culturais? A Estação Ferroviária, um dos principais monumentos históricos da cidade, foi invadido e ainda suas dependências de carga hoje abrigam os caminhões da prefeitura. Vale ressaltar que todo o edifício foi descaracterizado, foi colocada terra na plataforma

²⁵ Jean-Claude Razel – proprietário da Alaya Expedições, guia de montanha e administrador de empresas (Ecole Supérieure Commerce -Paris)

onde antes existia paralelepípedo e foram postas cercas para evitar a entrada das pessoas. Isso é conscientização cultural?

Voltando à história, em 2001 e 2002, a Secretaria Municipal de Turismo e os grupos de trabalho do COMTUR apresentaram à comunidade o plano de Normatização Turística, contendo um conjunto de ações, regulamentos e leis para disciplinar a prática do ecoturismo no município. A normatização foi concluída em 2004, porém, até o presente momento ainda não está sendo seguida pelo *trade*, pois não existe um órgão fiscalizador que possa se responsabilizar pelas leis não cumpridas.

6.1.4. Consolidação

Em 2002, segundo estimativas da prefeitura, Brotas recebeu aproximadamente 140.000 visitantes, movimentando um montante de cerca de 20 milhões de reais.

A Diretoria de Turismo, nesse momento, tinha uma estimativa muito grosseira do número de visitantes que chegavam à Brotas. Como resultado, era difícil calcular a capacidade de suporte dos atrativos. Dessa forma, muitos turistas saíam insatisfeitos quanto ao atendimento das agências, restaurantes e hotéis, por causa do grande número de turistas. Não havia infra-estrutura suficiente, o que causava o mau atendimento, e muitas vezes a falta de educação por parte dos atendentes e proprietários, já que havia muita procura pelos mesmos equipamentos e sítios turísticos.

Assim, as localidades que utilizam os recursos naturais como atrativo acabam se deteriorando pelo mau uso na sua exploração, tanto na construção de equipamentos como hotéis e restaurantes quanto no excessivo número de visitantes nos atrativos. Essa “massificação” do turismo faz com que os recursos percam suas qualidades e suas características peculiares.

O poder público também começa a se abalar, pois se torna difícil o controle de infra-estrutura de água, esgoto, lixo, segurança; começa a deterioração dos recursos naturais e daqueles construídos da cidade e a tranqüilidade e segurança das pessoas do local são afetadas.

Torna-se quase impossível controlar o número das pessoas que chegam na cidade. Segundo a diretoria de Turismo, em 2002 a infra-estrutura para o turismo contava com: dezessete agências de turismo, dezessete pousadas e hotéis na zona urbana, sete pousadas na zona rural, cinco campings, duzentas casas de veraneio para aluguel, vinte restaurantes e pizzarias, onze lanchonetes e bares, sete lojas de artesanato e vinte e três sítios turísticos, com cerca de trinta e cinco cachoeiras. Vale ressaltar que em Brotas não existe uma forma de controle, como acontece por exemplo em Bonito, com o uso do “*voucher*”, que funciona como um boleto de passagem aérea que você adquire antes de visitar os atrativos. O uso dessa técnica também é uma forma de se controlar o número de visitas nos atrativos e obter informações sobre os turistas, como local de origem, idade, sexo, etc.

O *rafting*, como foi apontado anteriormente, é o carro-chefe dos produtos turísticos, chegando a receber 1.000 turistas em um único dia. Começam as queixas quanto ao atendimento e ao excesso de embarcações no rio.

A visitação aos atrativos iniciada sem planejamento adequado e o aumento considerável do uso, concentrado nos feriados e finais de semana, trazem conseqüências visíveis aos leitos das trilhas e, portanto, diminuição da qualidade da visita (MAGRO, www.brotas.sp.gov.br).

Em feriados prolongados, o número de visitantes na cidade aumenta consideravelmente, gerando congestionamentos nos sítios turísticos, sobrecarga nos serviços de água, esgoto e coleta de lixo.

Ainda em 2002, a Prefeitura Municipal, o COMTUR e uma ONG envolvida com a formação dos pólos de ecoturismo do Brasil e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Magro, 2002), realizaram um trabalho de monitoramento de impacto ambiental, mapeando alguns sítios turísticos e fazendo o levantamento do perfil do turista que visitava o município.

Foram realizadas 1029 entrevistas em 16 propriedades, durante o Carnaval, a Páscoa e dois dias durante um final de semana normal, para diagnosticar o perfil dos visitantes.

Os resultados revelaram que 96% dos entrevistados pretendiam voltar a Brotas, mostrando assim um alto grau de satisfação. Em média, 45% já haviam visitado a cidade e cerca de 30% no ano anterior.

Os turistas vinham de cento e três cidades diferentes, das quais quinze de estados diferentes de São Paulo e uma cidade do exterior (Paris, França). A maioria dos entrevistados era de São Paulo (33,1%), seguidos de Campinas (7,1%); Piracicaba (6,5%); Bauru (4,3%); Americana (3,9%), Limeira (3,6%); São Carlos (3,2%); Jaú (2,8%); Ribeirão Preto (2,2%); Araraquara (1,8%); Sumaré (1,6%); Rio Claro (1,5%); outras cidades (28,4%). (GRIGOLIN, 2004:81). A natureza foi o motivo mais importante para a visita a Brotas, em 91% dos casos.

Segundo MAGRO (www.brotas.sp.gov.br):

uma vez que a pessoa conhece uma área com atrativos naturais, ela começa a almejar conhecer ambientes ainda mais primitivos. Esta tendência poderá afetar profundamente os investimentos que estão sendo feitos com acomodação e recebimento dos turistas no município caso a qualidade do ambiente natural seja diminuída em curto prazo.

Esses dados apontam que os turistas que visitam Brotas vêm, em sua maioria, da própria região. Todavia, turistas de diversas regiões do Brasil haviam visitado Brotas nos períodos da pesquisa, apresentando assim potencial de expansão para a atividade turística no município.

Novamente constata-se o problema da propriedade privada, e a busca do lucro imediato. Os turistas geralmente dirigem-se para os atrativos sem passar pela agência de turismo, o que torna o controle do fluxo de visitação difícil de ser realizado, acarretando a falta de atendimento, pois na maioria das vezes ultrapassa o suporte.

Quanto ao monitoramento de impacto ambiental, os problemas mais freqüentes observados nos sítios turísticos em Brotas foram: erosão e drenagem deficiente, relacionadas diretamente com a localização, a falta de planejamento e manutenção das trilhas que levam às cachoeiras. Outros problemas são apontados por MAGRO, como a largura excessiva de algumas trilhas em locais sujeitos a formação de lama, existência de trilhas não oficiais e árvores danificadas pela colocação de amarras e corrimão nas áreas com declividade acentuada.

As atividades de descida do rio como *rafting*, *duck* ou bóia-cross podem causar degradação nas áreas de embarque e desembarque. De acordo com a avaliação feita, pontos com erosão significativa são encontrados em vários trechos do rio e há trechos sem vegetação ciliar.

Iniciativas locais de reconstituição da faixa de Área de Preservação Permanente (APP) da bacia do rio Jacaré Pepira já existem. Apesar de ser um dos rios mais preservados do Estado de São Paulo, não deixa de ser preocupante a situação em que se encontram as matas que beiram o rio Jacaré Pepira. Em vários de seus trechos não é respeitada a largura mínima dessas matas, conforme previsto na legislação ambiental²⁶.

De acordo com a Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente, o controle do número de pessoas que freqüentam as áreas naturais é necessário principalmente nos períodos de férias e feriados prolongados, quando o número de turistas que procuram o município aumenta significativamente. MAGRO aponta ainda que, essa não deve ser a única estratégia a ser utilizada, é necessário implementá-la com ações de educação ambiental buscando envolver o turista no contexto conservacionista local.

Nessa fase, se caminha para a “**Consolidação**” da atividade, o apogeu quantitativo já havia ocorrido na fase anterior, quando houve a saturação da destinação, e com isso uma grande queda no fluxo de visitantes.

²⁶ Código Florestal – Lei nº 4.771 de agosto de 1965. Vale ressaltar que talvez uma releitura do Código Florestal impedisse a atividade turística no município de Brotas, pois a maioria dos atrativos usam a APP como recurso turístico.

Quanto aos preços, conforme entrevistas nas Agências de Turismo, os proprietários afirmam que Brotas virou um “mercado de peixe”²⁷, com o preço oferecido no balcão, e quem tiver o melhor preço ganha o turista.

Tem início a luta pela sobrevivência, novos atrativos são necessários, ou são alterados para atender a uma demanda diferente das contempladas anteriormente. Vários atrativos são montados para crianças, pois muitos pais visitam a cidade (anteriormente os atrativos baseados nos esportes de aventura não atendiam crianças a partir de 4 anos). Nas Figuras 31 e 32 aparecem crianças praticando os esportes de aventura.



Figura 31: Alaya Centro de Aventura -- Verticalinha
Foto: Alaya (2005)

²⁷ “mercado de peixe” – a agência oferece os passeios a um determinado valor, os turistas visitam as agências em busca do melhor preço e vão pechinchando até conseguir um preço melhor.



Figura 32: Alaya Centro de Aventura – Verticalinha
Foto: Alaya (2005)

Muitas vezes a atividade turística torna-se inviável. Isso faz com que muitas agências fechem, outras operem com déficit e aquelas que preferem não operar, para não estragar os equipamentos. O preço baixo acaba por atrair turistas com menor poder aquisitivo, que geralmente não ocupam os equipamentos destinados ao turismo.

Outro fator relevante é que surgem outras destinações turísticas competindo com Brotas. Como é reconhecido, os praticantes do Ecoturismo sempre procuram por lugares intocados. Deste modo, devagar a cidade vai perdendo a atratividade e as novas destinações vão entrando na “moda”.

Em 2002, as operadoras de Brotas iniciaram um processo de especialização. Algumas Agências fecharam, pois iniciaram a atividade na crença da lucratividade certa e os custos tornaram o produto inviável para muitas operadoras.

Segundo GRIGOLIN (2004), nesses dez anos o *trade* do ecoturismo de Brotas viveu uma fase de consolidação e agora busca uma fase de estabilização, trabalhando com um número menor de produtos, mas com maior qualidade.

Nesse processo, o poder público local e os empresários procuram estabelecer ações conjuntas, uma destas é o Projeto Empreender, do SEBRAE, em que grupos se reúnem para discutir os problemas do turismo local, buscando também uma maior união do *trade* turístico.

Um dos resultados dessas reuniões foi a Normatização do Turismo, publicada a partir de 2002, como parte da Política Municipal de Desenvolvimento do Turismo Sustentável (PMTS). A Normatização representou um fator de promoção de Brotas perante outros municípios brasileiros que pretendiam iniciar ou consolidar um processo de implantação da infra-estrutura necessária para a atividade turística.

Brotas é considerada um exemplo (para bem e para mau) para todos os destinos que já implantaram a atividade ecoturística e também para os que pretendem se inserir nesse mercado. Assim, por essa consagração em âmbito nacional, os atrativos de Brotas poderiam ser transformados em oficinas para a capacitação profissional.

6.1.5. Declínio

Hoje Brotas enfrenta uma situação delicada quanto ao fluxo de visitação. Vários destinos turísticos no Brasil como Santos, Guarujá, Blumenau (com a Oktoberfest) e Barretos já passaram pelos três estágios definidos por vários autores, descritos abaixo:

- O primeiro é o da euforia – o turismo representa a solução de quase todos os problemas econômicos e sociais da localidade;
- O segundo é o da apatia – os problemas começam a surgir, mas o lucro fala mais alto e
- O terceiro é o da revolta ou do “antagonismo “ - o turismo e o turista são culpados por vários dos problemas que surgiram na localidade, como poluição,

violência, perda da tranquilidade, numa clara contradição aos objetivos almejados no primeiro estágio.

Atualmente, levantamentos realizados para esta dissertação apontam o declínio no fluxo de visitação aos atrativos de Brotas; algumas agências afirmam que a diminuição da visitação fica entre 40% e 50%.

Todas as agências entrevistadas apontam o declínio do número de visitantes. Segundo elas, essa queda é resultado de:

- a situação econômica do país;
- queda do dólar, estimulando viagens internacionais;
- abertura de novos pólos de Ecoturismo;
- reclamações quanto ao auto custo na localidade em relação aos serviços oferecidos aos visitantes;
- aumento do número de empresas – agências (basta lembrar que entre 2000 e 2002 havia 15 agências e ainda era notada a falta desse tipo de equipamento);
- falta de reserva antecipada;
- o “mercado de peixe” – preço de balcão refletindo no tipo de público;
- falta de união no “trade” ;
- Brotas ter sido a sensação do momento entre 2000 e 2002 – moda;
- falta de divulgação na mídia.

A fase do “**Declínio**” em Brotas é evidente. Percebe-se uma queda prolongada no número de visitantes, nos gastos ou nos pernoites na destinação, afetando a lucratividade.

José Carlos Francisco Júnior, aponta que:

Nós não temos nenhum meio de controle para saber ao certo o número de visitantes. Como falam em 130 mil turistas, isso é uma estimativa, eu sei que a própria agência Mata'dentro vendia em pelo menos uma temporada de um ano, atendia tranquilamente 15 mil pessoas, fazendo atividade.

Brotas teve o boom, um auge desenfreado, mas não existiu um controle para saber o numero certo das pessoas que passaram por aqui. Teve um auge, mas era um número menor de empresas trabalhando um número menor de receptivo.

Hoje temos uma maior oferta, então não tem controle para saber quando foi maior ou menor, eu acredito ainda que nós tivemos um pico um auge, mas eu acredito que Brotas ainda não chegou no seu auge ainda. Porque se você for analisar um gráfico de crescimento de um destino turístico, nós estamos ainda numa fase de investimento porque ainda existem pessoas investindo no município, novos produtos surgindo, então talvez o crescimento não esteja tão acentuado como era, mas eu acho que ainda nós estamos nessa fase de investimento buscando a estabilidade, então eu não acredito que ainda nós estejamos numa fase de declínio, nós estamos terminando uma fase de crescimento buscando no gráfico a estabilidade. Agora, as ações daqui para frente vão determinar se nós vamos voltar a crescer, ou vai ter o declínio.

Conforme apontado por José Carlos Francisco Júnior, a partir dessa fase também pode surgir a “**Renovação**”, feita pelos administradores públicos e privados utilizando o planejamento, modificando o produto e buscando novos mercados. As estratégias de renovação são difíceis de ser implementadas, pois se lida com produtos e serviços já estabelecidos nas destinações, em vez de um produto para o consumidor, ou seja, um produto renovado, mas não inédito.

As fases de consolidação e de renovação em Brotas estão muito próximas. As vezes elas se entrelaçam, pois ao mesmo tempo que se busca uma consolidação por meio de ações, como a própria normatização, outros atrativos vão surgindo para aprimorar o turismo no município.

Eva Firmino Santana lembra:

A normatização inibiu um pouco o fluxo de visitantes, ela surgiu no momento certo, acho que até atrasado, se passasse mais um pouco a gente perdia o bonde da história, acho que ainda dá tempo, acho que as pessoas estão tomando essa consciência, acho que estamos caminhando para uma coisa bacana.

Eva aponta que a normatização foi a causadora da queda do número de visitação, esquecendo-se do deficiente atendimento gerado pela falta de planejamento da atividade turística no município. Em seu relato notamos também o descontrole por parte do *trade* quanto ao destino que a atividade terá no município. Por vezes essas falas revelam incertezas e “achismos”.

Maria Pia também manifestou sua opinião:

Hoje o turismo em Brotas ficou mais selecionado, hoje teve um ajustamento, porque no 'boom' veio qualquer um, e junto com qualquer um muita gente boa veio e achou que não tinha condição, porque estava muita mistura. Hoje não, hoje a gente sente que o pessoal vem à procura de qualidade, muitos retornam e saem satisfeitos.

Ainda hoje existe o preconceito quanto ao farofeiro X pessoas selecionadas. A busca pela qualidade nos serviços parece ser a característica principal de quem visita Brotas. Mas, vale ressaltar, a normatização que propicia o uso dos atrativos, serviços e equipamentos com segurança e qualidade ainda hoje existe praticamente no papel. Não existe fiscalização. Por conseguinte, essa tão procurada qualidade está longe de ser adquirida. Novamente podemos constatar que não existe a execução do planejamento que foi detalhado na normatização.

José Carlos Francisco Júnior ainda aponta:

Hoje já existe o bom senso, como a normatização saiu das próprias empresas, então já existe uma condição mínima de equipamentos, de pessoas, de qualificação, então todas as empresas já têm essa qualificação mínima, então já tem praticamente a normatização. O que falta realmente para atender o processo de normatização seria algumas licenças ambientais em APP que não dava para tirar porque não existia uma resolução CONAMA específica para você fazer pequenas obras em APP, e saiu agora em abril (2005) essa resolução, então já existe no DPRN uma resolução CONAMA que já permite você encaminhar projetos de baixo impacto dentro de área de APP, então hoje a gente já consegue fazer o licenciamento de escadas para descer para o rio para embarque e desembarque dos barcos para regularizar as trilhas, então essa parte é uma parte que está caminhando na prefeitura. A prefeitura está num processo de organização para emissão de voucher, quer dizer, foi contratada uma agente, ela está tentando organizar para efetivamente aplicar a norma que é lei hoje já, e eu acredito que nos próximos dois anos todas as empresas vão ter que estar regularizadas, as empresas novas que vêm, que eventualmente podem abrir em Brotas, elas já têm que estar dentro da lei.

Como relata José Carlos Francisco Junior, a normatização poderia ser um passaporte para reorganizar o turismo em Brotas. Como já mencionado, a normatização foi feita, virou Lei, mas não existe fiscalização para averiguar a obediência dessas normas. A prática dos esportes de aventura requer o uso dos recursos naturais, portanto, vale ressaltar que em Brotas a APP é usada ou como um atrativo exuberante para os visitantes ou ela é usada para travessia de trilhas que levam aos atrativos como cachoeiras e até a própria prática do rafting, que usa o leito do rio para embarque e desembarque.

Hoje já existe uma resolução CONAMA que propicia o uso da APP para o turismo de baixo impacto, mas a maioria dos atrativos não possuem Licenças Ambientais. Mas, questionamos: será turismo de baixo impacto quando ocorrem mortes? Ou quando ocorrem acidentes? E ainda o desaparecimento do olho d'água na areia que canta?

Para Jean Claude Razel:

Hoje está muito mais estruturado, mais profissional, tem mais opções de passeio, mais opções de hospedagem, mais opções de atividades, muita concorrência, o que com um número grande de agências e poucos clientes, fica mais difícil para todo mundo. A própria Normatização que virou lei só criou clandestinos.

Acho que hoje Brotas está pouco presente na mídia, como está mal presente o destino turístico Brotas, não está bem concebido em termos de marketing. Atualmente estão começando a falar para fazer uma campanha, mas do jeito que está hoje não vai levantar, é preciso fazer um trabalho muito sério de marketing, muito profissionalismo para levantar.

Hoje tem esse declínio devido à situação econômica do Brasil e muita concorrência, muitos lugares fazendo a mesma coisa, outro fator é data de feriado e o dólar baixo.

A criação de novos atrativos possibilitou o uso novamente da natureza com outras modalidades de esportes destinados às crianças. O discurso também aponta o declínio e a concorrência de Brotas com outros destinos. Porém, o marketing é apontado como o possível solucionador da falta de fluxo de visitantes.

Para Negrão:

O turismo teve um declínio e eu acredito que aquilo que sobreviveu tende a se fortificar, sobreviveu porque teve retaguarda, teve muita gente que foi aventureiro que chegou ai com a cara e achou que ia ficar rico só com a boa vontade e nem era do ramo. Agora aqueles que se estabeleceram com juízo, com o pé no chão, sabendo que nada se faz só com boa vontade, você tem que trabalhar e muito. Essa área é muito trabalhosa, isso é uma briga intensa.

Eu acredito que o ideal para Brotas, para quem é daqui, para quem deseja que tudo isso aqui se preserve, é esse nível que nós temos agora, e que o crescimento venha a ser um crescimento muito pequeno, mais fundado, o que nós temos que fazer hoje é organizar eventos, porque nós não temos mais o que mostrar, Brotas passou a ser um livro aberto, escancarado, vamos dizer assim. Hoje tem turista que conhece mais Brotas do que eu, porque não tem um palmo do que ele não tenha vindo visitar e isminuciar (sic). Mas faltam eventos, falta acontecimento que continue trazendo o pessoal para cá, independente do que ele venha fazer, porque nós temos a festa de Santa Cruz, o Carnaval e algumas competições que têm acontecido, e pára por aí, tem que ser uma coisa programada, é preciso elaborar um calendário oficial. Pois passando o Carnaval tem uma queda muito grande, o que é natural, porque o nosso turismo, todo ele é sazonal. Então isso daí faz com que muita gente não suporte isso daí, em primeiro lugar por ele ser sazonal, ele é um turismo caro porque pouca gente vem fazer atividades de aventura no rio no inverno, porque nosso inverno também não é dos mais amenos, ainda mais dentro d'água. Então naturalmente esse movimento no inverno cai, então nós temos que ter algumas atividades para chamar esse pessoal mais vezes durante o ano.

Depois tinha que haver uma questão de equilíbrio em termos de valores de preço, então eu acredito que hoje nós temos chegado num ponto de equilíbrio, algumas agências já fecharam, algumas tiveram que se fundir porque senão não dava para sobreviver. Ainda tem algumas atividades que não estão solidificadas, eu acredito que ainda vai acontecer alguma coisa mesmo na área de acomodação, tenho a impressão que vai acontecer alguma coisa, mas esse ano e o ano passado a gente já nota que a queda deixou de acontecer, já esta havendo um equilíbrio, o atendimento está sendo melhor. O pessoal, com tempo vai aprendendo que a cidade se tornou uma cidade diferenciada.

Conforme Negrão aponta, o declínio era necessário e ia acontecer naturalmente. O turismo tem sido considerado um produto, portanto, ele tem seu ciclo de vida. O que pode mudar é o tempo de cada estágio, e se houver um planejamento eficiente, os impactos podem ser minimizados e possivelmente o declínio possa ser evitado.

Em Brotas, o ciclo de vida do produto se mostra aparente, mas algumas agências acreditam que essa situação delicada pode ser melhorada, mas é preciso muito empenho do poder público, da iniciativa privada e da comunidade local para que isso aconteça.

Atualmente, algumas atividades têm sido realizadas com apoio do SEBRAE, denominadas “Empreender”, buscando a regionalização e união do *trade*. A normatização também foi citada como diferencial, mas afirmam que é preciso dedicação e apoio político para que aconteça a fiscalização, conforme estabelecido nas normas reconhecidas pelo Executivo e Legislativo.

A diversificação dos atrativos, focando-se em outros que não incluam a água, foi proposta para não depender da sazonalidade, disponibilizando atividades para o inverno.

Esse é o momento para reestruturar os atrativos da cidade e fazer um plano de desenvolvimento turístico que contemple não só os esportes de aventura mas também a cultura, a história e o meio ambiente da cidade.

Sabemos que Brotas pode novamente ocupar um lugar de destaque pois é um destino ainda reconhecido nacionalmente. É preciso que os governantes, a sociedade privada e a comunidade se dediquem a formatar ações para que o local não fique esquecido com o tempo, como já ocorreu com várias localidades no Brasil e no exterior.

Nesse início de 2006, a EMBRATUR escolheu a Chapada Guarani para representar o Brasil no marketing exterior. Hoje o município de Brotas está se capacitando, estão sendo ministrados em parceria com o Banco do Brasil e o Ministério do Turismo 25 cursos de Capacitação Profissional focados no turismo. Acredita-se que isso proporcionará um novo impulso para a cidade e para a região. É necessário investimento e união da iniciativa privada para que se consiga o fortalecimento do *trade*.

Na figura 33, apresentamos o gráfico do ciclo de vida do turismo em Brotas, apontando seu início, desenvolvimento, consolidação e declínio.

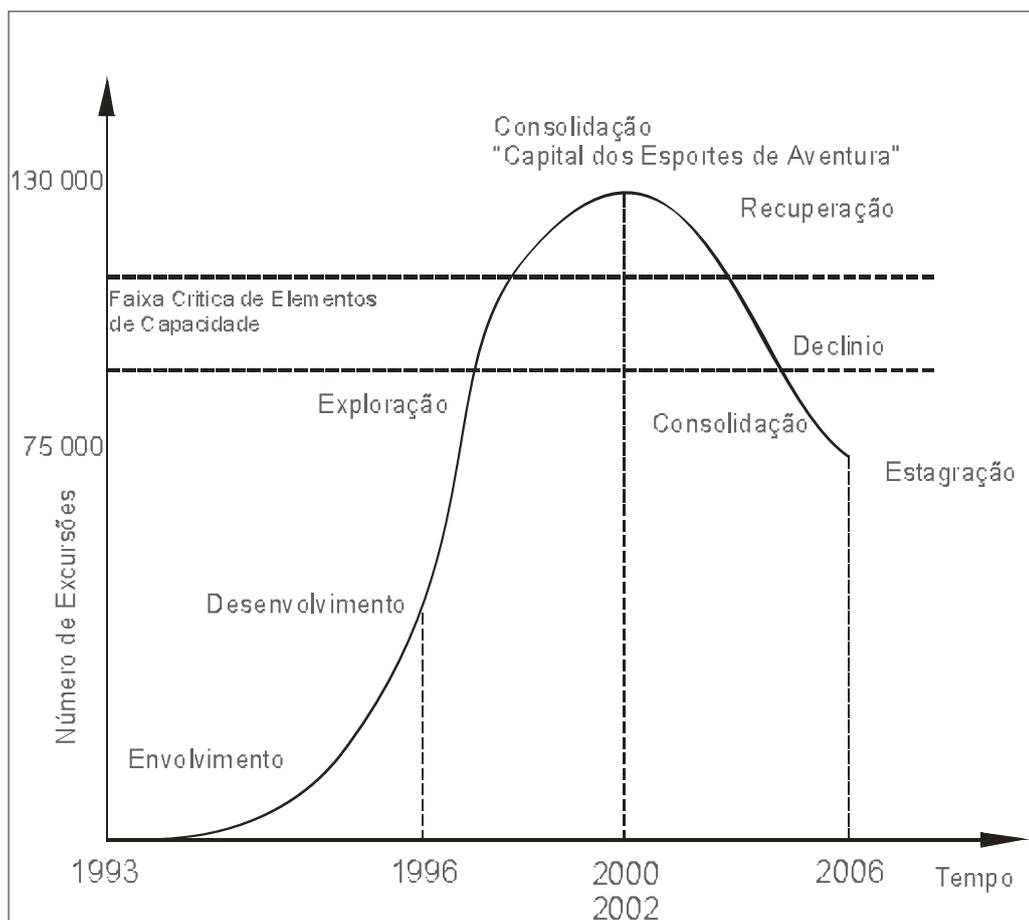


Figura 33: Ciclo de vida da atividade turística em Brotas S.P., baseado no gráfico de Butler (1980).

Nota-se, portanto, que o ciclo de vida do turismo em Brotas segue um gráfico semelhante daquele proposto por BUTLER (1980). O que muda talvez seja a rapidez com que o destino teve seu auge e seu declínio. Isso se deveu ao crescimento desenfreado e sem planejamento.

Vale ressaltar que a destinação também ultrapassou seu limite da capacidade de fluxo de visitantes em alguns atrativos. Portanto, somente uma reestruturação e um planejamento detalhado pode ajudar a minimizar os efeitos do turismo em Brotas, valendo também para qualquer local que pretenda implantar um turismo que tenha como característica o contato permanente com a natureza.

6.2. O ideal do Ecoturismo e o Ecoturismo em Brotas S.P.

Na Tabela 12, estão os elementos que caracterizam o Ecoturismo, de acordo com SWARBROOKE (2000, p.26). Ao lado, para efeito de comparação, estão os elementos que caracterizam o Ecoturismo em Brotas - SP.

Tabela 12.	Ecoturismo (1)	Ecoturismo em Brotas - SP (2)
Escala	Turismo em pequena escala, de acordo com a capacidade de a destinação turística absorver turistas sem prejuízos	Segundo Magro (www.brotas.gov.br), Brotas ultrapassa os limites permitidos para que não aconteça a degradação ambiental
Impacto no meio ambiente físico	Poucas construções novas Pequena demanda extra sobre a infra-estrutura	Entre 1998 a 2002 foram construídas mais de 30 pousadas em Brotas. Os serviços de água e esgoto tiveram que ser super dimensionados para atender ao fluxo de turistas na temporada.
Relações com a comunidade local	Contato informal Interação com todos os tipos de autóctones	Pela própria falta de infra-estrutura (hotéis/pousadas), muitos turistas alugavam apartamentos ou quartos nas residências do município. Os proprietários dessas casas, por sua vez, viam nisso apenas uma fonte de renda. Interação somente com os envolvidos na atividade
Impacto sociocultural	Impacto mínimo na cultura local As necessidades de trabalho são completamente satisfeitas na comunidade local	A cultura local não foi valorizada Grande parte da mão-de-obra tem sido recrutada de outras cidades
Impacto econômico	Muita renda oriunda do turismo é retida pela economia local A renda adicional oriunda do turismo complementa as atividades econômicas tradicionais	Muitos equipamentos turísticos pertencem a proprietários que não são de Brotas, portanto, parte da renda sai do município. O turismo responsável é o único pela renda de certa de 30% da população local
A importância da localização	A localização específica oferece uma experiência única, que não poderá ser encontrada em outro lugar	Como já foi abordado por Jean Claude Razel (entrevista), hoje muitos destinos estão surgindo, competindo com Brotas, mostrando que a experiência oferecida em Brotas não é única.
Qualidade de experiência para o turista	O aprendizado sobre os lugares traz uma compreensão a longo prazo sobre onde e como as outras pessoas vivem	Faltam iniciativas (cursos, treinamentos, visitas) que possibilitem a convivência dos turistas com as pessoas do município.
Comportamento do turista	Sensível à cultura e às tradições locais Interessado na vida autóctone Responsável	Brotas não ofereceu alternativas que levassem os turistas a entrar em contato com a cultura e as tradições locais. Os turistas que freqüentam Brotas geralmente são visitantes de final de semana, que vêm exclusivamente para a prática dos esportes de aventura O poder público e as agências não possuem programas de educação ambiental para envolver os turistas na preservação ambiental.

Fonte: (1)Swarbrooke (2000, p.26)

(2) Dados da pesquisa de campo

Na verdade, o que observa-se nessa tabela é a inversão dos elementos que caracterizam o Ecoturismo em Brotas, parecendo muito mais o que Swarbrooke (ver Tabela 4, p.31) designa como Turismo de Massa, quando o autor contrapõe esse tipo de Turismo ao Ecoturismo, como apresentado anteriormente.

Também para efeito de comparação, são apresentados na Tabela 13 os agentes causadores de impactos de acordo com a Embratur (1994). Ao lado, na mesma tabela, estão os agentes e os impactos registrados em função da ocorrência do turismo em Brotas.

Com base na Tabela 13 (p.111), nota-se, a partir dos dados coletados, que Brotas enfrentou os impactos apontados. Pode-se afirmar que o turismo é uma atividade que agride o meio ambiente, gerando incertezas quanto à sustentabilidade dessa atividade.

Tabela 13. Os efeitos e impactos da atividade turística apontados pela EMBRATUR e os impactos potenciais em Brotas.

AGENTE DE IMPACTO (1)	EFEITOS POTENCIAIS	IMPACTOS POTENCIAIS	IMPACTO POTENCIAIS EM BROTAS (2)
Trilhas pedonais	Pisoteio, Compactação do solo	Alteração da qualidade estética da paisagem	Dado o elevado número de turistas e ausência de normas e de educação ambiental as trilhas foram se alargando.
Trilhas eqüestres	Remoção de cobertura vegetal	Aumento da sensibilidade à erosão	Pouca divulgação das trilhas eqüestres
Carros/caminhões	Libertação de gases de combustão	Eliminação de habitat	O veículo usado para levar os turistas até a base, para a prática dos esportes de aventura, é geralmente o ônibus. Os equipamentos são transportados de ônibus ou caminhão. Vale ressaltar que o trajeto, em alguns locais, é feito dentro da área de proteção permanente. Fica a pergunta? Este é um turismo de baixo impacto?
Veículos todo-o-terreno	Derrame de óleo/combustível	Interrupção de processos naturais Deterioração da qualidade do ar Deterioração da qualidade da água	Pelo fato de a circulação (de pessoas e veículos) ser feita em meio a matas e APP, há a Interrupção de processos naturais, bem como a deterioração da qualidade do ar e da água
Barcos a motor	Ruído	Perturbação da fauna e flora	Embora proibidos (para a prática do Ecoturismo, não podem ser usados veículos a motor), há circulação de motos (motocross e jipeiros).
Lixo	Deterioração da paisagem natural	Redução da qualidade estética da paisagem Contaminação do solo Contaminação da água	Outra vez, o elevado fluxo de turistas e a ausência de educação ambiental e fiscalização. Latas, garrafas e restos de alimentos surgem nas trilhas e nos rios.
Descarga de efluentes	Alteração da acidez da água Contaminação do aquífero Deterioração da paisagem natural	Contaminação da água Contaminação do solo Mau cheiro Redução da qualidade estética da paisagem Interferência na fauna e flora aquáticas	O esgoto do Patrimônio e do município de Torrinha são lançados sem tratamento no Rio Jacaré-Pepira. Há o uso de protetor solar.
Vandalismo	Remoção de atrativos naturais Interrupção dos processos naturais	Redução da qualidade estética da paisagem Interferência nos ciclos de vida da fauna e da flora	Há marcas nas árvores, além de retiradas de plantas e pedras do ambiente.
Alimentação de animais	Mudança comportamental da fauna	Dependência da fauna Perturbação de visitantes	O número elevado de turistas tem provocado o desaparecimento de animais.
Construção de edifícios	Remoção da cobertura vegetal Eliminação do habitat Libertação de fumos de combustão e Poeiras Ruído	Alteração da qualidade estética da paisagem Aumento da sensibilidade à erosão Deterioração da qualidade do ar Stress da fauna e flora	As construções feitas (pousadas e hotéis) têm todos o mesmo estilo "sol e mar": na frente uma varanda, seguida de quarto e banheiro. Alguns equipamentos estão próximos às cachoeiras, em alguns momentos afetam a contemplação da paisagem.

Fonte: (1) EMBRATUR (1994)
(2) Dados de Pesquisa de Campo

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade turística em Brotas, pensada inicialmente como turismo rural, incorpora progressivamente a noção de Ecoturismo (por exemplo, o Projeto Piloto se propõe a preservar os recursos paisagísticos naturais em vez de *conservá-los*) desembocou finalmente no turismo de aventura. Após a análise dos dados coletados, podemos apontar que:

- As atividades turísticas, em Brotas, partiram de um raciocínio fundado no desfrute incondicional das riquezas naturais existentes no município. As entrevistas realizadas com os principais atores envolvidos desde o início com as questões ambientais (por exemplo, a organização de uma associação para lutar contra a implantação de um curtume, impedido de funcionar em Campinas/SP) reafirmaram esses objetivos;
- Contra a implantação de uma atividade poluidora como o curtume, mas que iria gerar emprego, renda, tributos, etc. o turismo foi reconhecido como alternativa melhor. Além de gerar mais empregos, rendas e tributos, era e continuava sendo considerado uma indústria não poluidora. De qualquer forma, é uma indústria e como tal, criada para ser lucrativa. Os atrativos turísticos (cachoeiras, rios, corredeiras) estavam à disposição dos investidores, não haviam custado nada para eles. Eram frutos da natureza. Para outros, eram uma obra de Deus. Assim, usos e significados foram atribuídos à natureza. A Natureza, na forma dos recursos naturais existentes no local, é que serviu de pretexto para o aproveitamento/ a exploração do potencial turístico;
- Assim, os procedimentos exigidos pela legislação ambiental deveriam ter sido obedecidos, isto é: a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e do Relatório de Impacto Meio Ambiente (RIMA);
- Existe uma banalização de conceitos técnicos e científicos relacionados ao ambiente – o uso indevido dos conceitos de desenvolvimento sustentável, turismo sustentável e ecoturismo pôde ser observado em todo o processo de pesquisa;

- O uso do prefixo “eco” tem por finalidade rotular a natureza como mercadoria. Assim, grande parte do *trade* turístico atribui a qualquer empreendimento baseado na natureza o adjetivo de ecoturismo, com o objetivo de atingir um nicho de mercado cada vez maior. Todavia, as características intrínsecas no conceito de ecoturismo são distintas em relação a outros segmentos turísticos. Vale ressaltar que o tema Ambiente é visto como um potencial mercado econômico para os veículos de comunicação;
- A utilização do conceito de Ciclo de Vida do Produto, adaptado por Butler (1980), se mostrou adequado para analisar o surgimento, o desenvolvimento e os problemas atuais do turismo em Brotas. A seguir, as características de cada fase são analisadas a partir do ciclo do turismo em Brotas:
 - ✓ **Exploração:** a localidade apresenta alguns atrativos e facilidades aos visitantes. Geralmente essas localidades são visitadas pelos exploradores, pessoas que buscam novidades e aventura, mas existe dificuldade de acesso e de instalações, pois os principais atrativos são as atrações naturais, a cultura e os aspectos originais da comunidade. **A cidade de Brotas apresentava características fisiográficas relevantes e localização privilegiada. Era visitada pelos aventureiros, e seus atrativos eram a “exploração” da natureza;**
 - ✓ **Envolvimento:** as comunidades locais devem decidir se querem estimular a atividade turística e que segmento devem implantar. À medida que o turismo vai se desenvolvendo iniciativas locais começam a oferecer serviços aos visitantes. Essa fase é importante para estabelecer processos de organização e tomada de decisões apropriadas para a atividade. Nessa fase, deveriam ser controlados os limites de visitação ao atrativo, pois a comunidade ainda estaria envolvida no processo, salvaguardando assim aspectos relevantes para atrair o turista. **Em Brotas, um grupo decidiu estimular o**

desenvolvimento da atividade turística. Os empresários começam a se organizar para oferecer os serviços e equipamentos aos visitantes. Porém, não é feito nenhum estudo quanto ao controle do fluxo de visitação aos atrativos;

- ✓ **Desenvolvimento:** caracterizado pelo domínio de empresas e serviços externos, cuja participação ajuda a controlar os custos e a manter a competitividade do local, diante de outras destinações. Os destinos recebem visitantes exigentes, que buscam conforto e segurança. **Em Brotas, muitos serviços e equipamentos vieram de iniciativa privada, de fora do município. Nessa fase, como os visitantes são mais exigentes e buscam conforto e segurança, o que se nota é que quase todas as pousadas são semelhantes, bem parecidas com as que existem na via costeira. Assim, vai se perdendo a identidade do turismo de contemplação, pois essas construções não combinam com a natureza existente;**

A localidade passa a receber grande número de visitantes, chegando a igualar ou ultrapassar o número de habitantes da destinação. Nesse estágio começam a aparecer os problemas, é um momento crítico se a localidade não estiver estruturada. O poder público também começa a se abalar, pois é difícil controlar a infraestrutura de água, esgoto, lixo, segurança, ocorre a deterioração dos recursos naturais e construídos da cidade e a tranquilidade e segurança das pessoas do local é afetada;

Brotas, com aproximadamente de 21.000 habitantes (IBGE,2005), recebeu 130.000 turistas em 2002. Vários problemas decorreram desse fluxo de visitação, tais como: falta de água, lixo, depredação, etc.

- ✓ **Consolidação:** o apogeu quantitativo da demanda é alcançado na fase de saturação da destinação. A partir daí, começa a decair na preferência do turista. Começa a luta pela sobrevivência. Os preços começam a cair para que os equipamentos sejam

utilizados em sua capacidade total e para se ter viabilidade econômica. O destino passa a atrair um público com menor poder aquisitivo. Há muitas vezes a degradação das atrações turísticas e ocorre a perda da atratividade, que fica muitas vezes “fora de moda”. Essas destinações se caracterizam por não serem mais familiares nem exóticas.

Brotas se torna a Capital dos Esportes de Aventura. Em seguida, começa a ser percebido o decréscimo do número de visitas. Os preços caem, virando um “mercado de peixe”. Novos destinos aparecem e começam a competir com Brotas, que já não se torna única nesse segmento. Os atrativos, em consequência da “massificação” provocada pelas visitas, perdem suas características originais e peculiares;

✓ **Estagnação:** durante essa fase a destinação não está mais em evidência na mídia e passa a depender de visitas repetidas dos mais conservadores.

Brotas já não aparece na mídia como antigamente, outros destinos são lançados;

✓ **Declínio:** se existe uma queda prolongada no número de visitantes, nos gastos ou nas pernoites na destinação, a lucratividade é afetada. É preciso admitir o início do declínio. Essa fase é caracterizada pelo turista que deseja conhecer o maior número de atrações pelo menor preço. Buscam-se novos mercados, reposicionamento ou são atribuídos novos usos para as instalações estabelecidas.

A queda no número de visitantes percebida pelas Agências, chegou a 50%. Surgem novos atrativos para crianças, e atrativos que não estão disponíveis somente no verão. Como exemplo o Mata'dentro Ecoparque, composto por cachoeiras e trilhas para contemplação; a Verticalia, onde o arborismo pode

ser praticado por crianças, além do Centro de Estudos do Universo (CEU);

✓ **Renovação:** feita pelos administradores públicos e privados utilizando o planejamento. Modificam o produto e buscam novos mercados. As estratégias de renovação são difíceis de ser implementadas. Lida-se com produtos e serviços já estabelecidos nas destinações, em vez de um produto para o consumidor, ou seja, um produto renovado, mas não inédito.

A própria normatização é uma forma de renovação. Há também os investimentos em 25 cursos de capacitação profissional que estão acontecendo em Brotas, como: curso de eventos, hospedagem, garçom, recepcionista, entre outros.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, Brian e COOPER, Chris. Os impactos positivos e negativos do turismo. In: **Turismo Global**. São Paulo: SENAC, 2001.85-102p.

ARRUDA, Marcio Vaz. **Diagnóstico Sócio Econômico do Município de Brotas**. São Carlos:Universidade Federal de São Carlos, 1997.

AVIGHI, Carlos M. Turismo, globalização e cultura. In **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. 102-106 p

BECKER, Dinizar Fermiano (org). **Desenvolvimento sustentável.: necessidade e/ou Possibilidade?** 3ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. 238p.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2ª ed. São Pulo: SENAC, 1998. 427p.

_____ **Política e estratégia do desenvolvimento regional: Planejamento integrado e sustentável do turismo**. Revista Turismo em Análise. São Paulo: ECA-USP, 1 (10): p.7-17 1999.

BIBLIA sagrada: edição pastoral. **Gênesis** . São Paulo: Edições Paulinias. 1990. 14-15 p.

BRASIL. GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Diretrizes para uma política estadual de ecoturismo**. Proposta coordenação geral José Flávio de o. e Cecília M.T. Serrano. São Paulo: SMA, 1997.

BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: EMBRATUR, 1994.

BOO, Elizabeth. O planejamento ecoturístico para áreas protegidas. In **Ecoturismo um guia para planejamento e gestão**. 2ª ed. São Pulo: SENAC, 1995. 31-58p.

BROTAS. **Pré-projeto para o desenvolvimento ecoturístico de Brotas**. Prefeitura Municipal de Brotas: coordenadoria de Turismo, 1994. 41p

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Nosso Futuro Comum: Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento**. 2. ed.: Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

BRUHNS, Heloisa T.; MARINHO, Alcyane. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 1998. 205p.

BUTLER, R W (1980). **The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources**. Canadian Geographer 24: 5-12, RW1991.

CARVALHO, Isabel. **Sustentabilidade: uma idéia em disputa**. Seminário Políticas Públicas para a agricultura sustentável. Rio de Janeiro, 1991.

CARVALHO, Vírgilio N. Turismo e hotelaria desenvolvendo a economia. In: **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. 206-222p.

COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL; GILBERT David; SHEPHERD Rebecca (orgs. Tradução COSTA, Roberto Cataldo. **Turismo: princípios e prática**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 35-54; 158- 258p.

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T.;LIMA, Luiz Cruz (orgs). **Turismo Comunitário e responsabilidade socioambiental**. Fortaleza: EDUECE, 2003. 366p.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia científica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil Editora.2003. 218p.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Pulo; Atlas, 2003. 208p.

DONAIRE, Denis. Considerações sobre a variável ecológica, as organizações e o turismo. In Truismo teoria e pratica. São Paulo: Atlas, 2000. 80-93p.

DOYLE, Peter. **The realities of product life cycle**. **Quarterly Review of Marketing**. P.1-6, Summer, 1976

FENNELL, David, A. **Ecoturismo: uma introdução**. Tradução Lohbauer, Inês. Ed. Contexto, São Paulo, 2002. 281p.

FONTES, Ednice de O.; LAGE, Creuza S. **A apropriação do espaço pelo turismo em Sauípe e seu impacto no desenvolvimento local**. In: Turismo Comunitário e Responsabilidade Socioambiental. Fortaleza: EDUECE, 2003. 92-101p.

Fundação Prefeito Faria Lima – Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal (CEPAM), **Consórcio do Rio Jacaré, Relato de uma Experiência Piloto**, São Paulo: Governo Orestes Quécia, 1990. 133p.

GLOBE'90. **Tourism stream and action committee: an action strategy for sustainable tourism development**. Vancouver: B.C., 1990.

GOIDANICH, Karin Leyser, MOLETTA, Vania Florentino. **Turismo Ecológico**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2000.

GRIGOLIN, Giuliano. **Relações entre as estratégias de apropriação do território pelo complexo agroindustrial e pelo ecoturismo em Brotas- SP**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de pós-graduação em Agroecossistemas.. Florianópolis, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge.gov.br. Acesso em 2005 e 2006.

JESUS, Gilmar m. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. 75-100p.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. Tradução Brandão, Ailton B. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1998. 307 A 331-725p.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Traduzido das edições alemã e francesa por CONTEXTO TRADUÇÕES LTDA. Civilização brasileira, 1989.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Atlas, 2000. 376p.

LUCHIARI, Maria Tereza. Turismo e meio ambiente na mitificação dos lugares. In **Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades**. Manaus: EDUA, 2001. 17-30p.

MAGRO, Tereza Cristina. Disponível em www.brotas.sp.gov.br. 2005.

MAIER, Maria Helena. **Geografia, Hidrologia, Hidroquímica, Clima e processos Antrópicos da Bacia do Rio Jacaré Pepira (SP)**. São Carlos - SP, 1983.

MAURO, Fabiana. **Mensagens sobre a natureza: um estudo de duas revistas de turismo**. Dissertação de mestrado. Piracicaba: ESALQ/USP, 2005.

Ministério do Turismo – **Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura; Relatório diagnóstico**. Brasília, DF; 2005.

MURPHY, Peter E. Turismo e desenvolvimento sustentado. In **Turismo Global**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001

NELSON, Sherre Prince; PEREIRA, Ester Maria . **Ecoturismo: práticas para turismo sustentável**. Manaus: Editora Vale/UniNorte, 2004. 424p.

OLIVEIRA, José Flávio e Serrano Célia M. T.; **Diretrizes para uma Política Estadual de Ecoturismo**. Secretaria Estadual de Meio Ambiente; São Paulo, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNIDAL DO TURISMO. **Planejamento para o desenvolvimento do turismo sustentável a nível municipal**. Brasília: Publicação de turismo e ambiente 1993. 163p.

ORGANIZAÇÃO MUNIDAL DO TURISMO. **Desenvolvimento do turismo sustentável: manual para organizadores locais. Programa nacional de municipalização do turismo**. Brasília: Publicação de turismo e ambiente. 2003. 217p.

OURIQUES, Helton R. **Turismo em Florianópolis: uma crítica à “indústria pós-moderna”**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998. 150p.

_____. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas: Editora Alínea, 2005.159p.

PORTER, M. E. & VAN DER LINDE, C. Verde e Competitivo: Acabando com o Impasse. In: PORTER, M. E. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1999, p. 371-397.

RAMOS, Adriana ; BUSSAB, Leila; SOUZA, Monica e SANSONI, Silvia. **Brotas: cotidiano e historia**. Brotas: Prefeitura Municipal de Brotas, 1996. 159p.

REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Editora Aleph, 2002.

Revista e Jornal de Ecoturismo. Entrevista com José Carlos de Francisco Junior. São Paulo. 2004.p.9

RIBEIRO E BARROS apud BRUHNS, Heloisa T.; MARINHO, Alcyane. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. 205p.

RUSCHMANN, Doris. **Projeto de aproveitamento turístico da primeira cachoeira do Astor**. ECA/USP. São Paulo. 1996.

_____. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 4ª ed. Campinas: Papirus Editora, 1997.199p

_____. **Turismo e planejamento sustentável**. 5ª edição. Campinas: Editora Papirus, 1999.

_____. Turismo sustentado para a preservação do patrimônio ambiental. **Turismo em Análise**, São Paulo, 3(1):42-5, maio, 1992.

_____. Impactos ambientais do turismo ecológico no Brasil. **Turismo em Análise**, São Paulo, 4(1): 56-68, maio, 1993.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

SANCHO, Amparo. **Introdução ao Turismo: Organização Mundial do Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

SERRANO, Célia M. Toledo e BRHUNS, Heloisa T. (orgs). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. 2ª ed.. Campinas: Papirus, 1998. 150p.

SERRANO Célia; BRUHNS, Heloisa T.; LUCHIARI, Maria Tereza; (orgs). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000. 206p.

SWARBROOKE, John, **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. Tradução: PULIDO DIAS, Margarete. Vol I. São Paulo: Aleph, 2000. 140p.

SZMRECSÁNYI, Tamás. **O planejamento da agroindústria canavieira do Brasil (1930 -1975)**. São Paulo: Hucitec - Unicamp. 1979.

TEIXEIRA, Alessandra. **Turismo sustentável: mito ou realidade?** Artigo www.revistaturismo.com.br , acesso 2005. (não consta data de publicação)

THEOBALD, William F. **Turismo Global**. São Paulo: Editora SENAC Aão Paulo, 2001.

Wasson, Chester; **Dynamica competitive strategy and product life cycles**, **Autin Press**, 1978;

WEBER, John. **Planning corporate growth with inverted product life cycles, long Range Planning**. P.12-29, Oct. 1976;

YÁZIGI, Eduardo. **O papel da fantasia na paisagem e no turismo**. In: Turismo: Lazer e Políticas de Desenvolvimento Local. Manaus: Editora Universidade do Amazonas, 2001.13-36p.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Joaquim Anécio, RIEDL, Mário. **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000. 264p.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro; BARRETTO, Margarita. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. 2ª edição. Campinas: Papirus, 2002.

BARRETO, Margarida – **Planejamento e organização em turismo**. Campinas: Editora Papirus, 1991.

_____ - Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas: Papirus, 1995.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2ª edição. São Paulo : Editora SENAC ,1998

BEZERRA, Deise Maria F. (org). **Planejamento e gestão do turismo**. São Pulo: Roca, 2003. 183p.

BISSOLI, Maria Ângela M. A. **Planejamento turístico municipal com suporte em sistemas de informação**. 2ª ed. São Paulo: Editora Futura, 2001. 170p.

BLANGY, S. & Wood, M. E. “**Desenvolvendo e implementando diretrizes ecoturísticas para áreas naturais e comunidades vizinhas**”. In: Linderberg, K. & Hawkins, D. E., eds. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: Senac, 1995.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução:

BOYER, M. **História do turismo de massa**. Bauru: Edusc, 2003.

BRASIL (MICT/MMA). **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: EMBRATUR/IBAMA, 1994. 48p.

BUSSAB, Leila Khauaja. **Brotas: Um projeto de vida; memórias de imigrantes**. Dissertação apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

DAMM, Victor. **Ecoturismo em Brotas: uma análise estratégica**. São Carlos. UFSCAR, 1999.85p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5ª edição. São Paulo: Editora Futura, 1998. 286p.

ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL; RODRIGUES, Adyr A. B.; (1.; 1,2,3, de maio de 1997; USP, Departamento de Geografia). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ENDRES, A. V. **Sustentabilidade e ecoturismo: conflitos e soluções a caminho do desenvolvimento**. In: Turismo em Análise. ECA-USP, 1 (9): p. 36-49, 1998.

FARIA, Ivani Ferreira. **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001. 173p.

_____ **Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades..**
Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001. 121p.

GERARD, Lucia Helena de Oliveira; MENDES, Iandara Alves (org). **Do natural, do social e de suas interações: visões geográficas**. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia: UNESP; Associação de Geografia Teórica – AGETEO, 2002. 252p.

GOBBI, Nivar; FORESTI, Celina; LIMA, Solange Terezinha; TORNISIELO, Sâmira M. T. (org). **Análise ambiental: estratégias e ações**. São Paulo: Fundação Salim Farah Maluf. Rio Claro: Centro de Estudos Ambientais: UNESP, 1995. 381p.

GUIMARÃES, Solange T. de L. e GUIMARÃES, Hamilton C. (eds). **Cognição, Percepção e Interpretação Ambiental na Conservação dos Recursos Naturais e Culturais**. OLAM, C & T. Rio Claro: Aleph Engenharia e Consultoria Ambiental. CD-ROM.

GUIMARÃES, Solange T. de L. e GUIMARÃES, Hamilton C. (eds). **Conservação Ambiental. Visões Interdisciplinares**. OLAM, C & T. Rio Claro: Aleph Engenharia e Consultoria Ambiental, 2002. CD-ROM.

GUIMARÃES, Solange T. de L. e GUIMARÃES, Hamilton C. (eds).. **I Encontro sobre Percepção e Conservação Ambiental. A Interdisciplinaridade no Estudo da Paisagem**. . OLAM, C & T. Rio Claro: Aleph Engenharia e Consultoria Ambiental, 2004. CD-ROM.

HALL, Colin Michael. **Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamento**. São Paulo: Contexto, 2001.

KINKER, Sônia. **Ecoturismo e Conservação da Natureza em Parques Nacionais**. Papirus Editora, Campinas, SP, 2002.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de marketing**. Tradução MARQUES, Arlete S. ; CAIRO, Sabrina. 9ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

LAGE, B. **“Segmentação do Mercado Turístico”**. São Paulo: ECA - USP **Turismo em Análise**. 2 (3): p. 61-74. 1992.

LAGE, Beatriz Helena Gelas, MILONE, Paulo César (organizadores). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LERÍPIO, Alexandre Ávila. **GAIA – Um método de Gerenciamento de Aspectos e Impactos Ambientais**. Tese de Doutorado apresentado ao curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

LINDBERG, Kreg. HAWKINGS, Donald E. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. 4ª edição. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

MAGALHÃES, Freitas Claudia. **Diretrizes para o Turismo Sustentável em Municípios**. São Paulo:Ed. Roca,2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.) – **Políticas públicas setoriais de lazer – o papel das prefeituras**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

MOLINA, Sergio; RODRÍGUEZ Sergio. **Planejamento integral**. Tradução Carlos Valero. Bauru: EDUSC, 2001. 166p.

MORAES, Werter V. M. **Ecoturismo: planejamento, implantação e administração do empreendimento**. Vol II. Viçosa: Aprenda Fácil Editora. 2000.170p.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. **Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado: um guia**. Edição SEBRAE/MG, 1995.

NEIMAN, Zysman. **Meio ambiente: educação e ecoturismo**. Barueri: Manole, 2002. 181p.

PELEGRINE, A. F. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas: Papirus, 1993.

PETROCCHI, Mario. **Turismo : planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998. 381p.

PIRES, P.S. **Ecologia e turismo**. Monografia de pós-graduação em nível de Especialização em Administração e Turismo) INPG,UNIVILLE, 1998.

RIO, V. D.; OLIVEIRA, L.D. **Percepção ambiental**. São Paulo, Studio Nobel, 1996.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e desenvolvimento local**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

RUSCHMANN, Dóris. **Marketing turístico: um enfoque promocional**. 8ª ed. Campinas: Editora Papirus, 1990. 124p.

SERRANO, Célia (org). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000, 190p.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Editora DIFEL S.A., 1980.

TULIK, O. "Recursos Naturais e Turismo: Tendências Contemporâneas". **Turismo em Análise**. São Paulo: ECA-USP: p. 26-37, 1992.

URRY, Jonh. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel:SESC, 1999. 231p.

Wearing, Stephen e Neil, John. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**, Ed. Manole, 2001.

YOUELL, Ray. **Turismo: uma introdução**. Tradução HONORATO, Beth. São Paulo: Contexto, 2002. 382p.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001. 301p.